



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Benedeiras e Benzidos:

Processos de Cura e promoção de Saúde Mental através do Benzimento

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe.

Orientadora: Dra. Maria Jeane dos Santos Alves

Orientanda: Wanusa Almeida Menezes

SÃO CRISTÓVÃO

2024

Wanusa Almeida Menezes

Benedeiras e Benzidos:

Processos de Cura e promoção de Saúde Mental através do Benzimento

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe.

Aprovado em:

Doutora Maria Jeane dos Santos Alves (Orientadora)

Data

Doutor Dartagnan Abdias Silva (Avaliador Interno)

Data

Doutor Jorge Luiz Gonzaga Vieira (Avaliador Externo)

Data

Dedicatória

Aos meus filhos, Pedro e Antônio...

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M543b Menezes, Wanusa Almeida
Benzedeiras e benzidos : processos de cura e promoção de
saúde mental através de benzimento / Wanusa Almeida Menezes
; orientadora Maria Jeane dos Santos Alves. – São Cristóvão, SE,
2024.
142 f. : il.

Dissertação (mestrado em Ciências Religião) – Universidade
Federal de Sergipe, 2024.

1. Religião. 2. Benção. 3. Cura. 4. Saúde mental. 5.
Curandeiras. 6. Psicologia religiosa. I. Alves, Maria Jeane dos
Santos, orient. II. Título.

CDU 2-468

Agradecimentos

Agradecer é muito importante, reforça em nós a premissa de que nunca estamos sós...

Agradeço a espiritualidade que me guia, orienta, ampara e oferta oportunidades como esta, a de realizar um sonho...

Agradeço a minha família, aos meus filhos, pais, sobrinhos, irmãos, cunhados... sempre perto de mim, acreditando em mim mais do que eu mesma. Amo vocês incondicionalmente...

Agradeço a minha orientadora, Dra Maria Jeane, pela confiança depositada na minha proposta de estudo. Obrigada por me manter motivada durante todo o processo. Sei que encontrei uma grande amiga nesta jornada do mestrado e em outras que não de vir...

Agradeço aos professores que me avaliaram. Vocês são exemplos para mim de que sabedoria e gentileza podem e devem andar juntas, quando queremos orientar e instruir quem quer que seja.

Agradeço aos amigos que tenho, que respeitaram e entenderam minhas ausências nestes dois anos, pois sabem o quão importante é para mim vencer esta jornada do mestrado acadêmico. Preciso citar, dentre os amigos, o nome do meu companheiro de pesquisa, Salvador. Vencemos juntos este processo, nada fácil para quem tem outras atribuições como nós, mas esta missão está cumprida...

Agradeço às benzedoras da amostra... aprendi muito com vocês! Agradeço aos benzidos também, sou uma de vocês...

Sou realmente privilegiada por ter pessoas em minha vida que acreditam em mim, me apoiam, me cuidam e me benzem, todos os dias!

Epígrafe

“Nós vamos cantar uma musicazinha, que a gente canta sempre nos momentos, que a gente tá cuidando. Então a gente canta assim:

Escuta...

Acolhe...

Que o outro e a outra já vem...

Escuta...

Acolhe...

Cuidar do outro faz bem...

Cuidar do outro faz bem...

Desde o tempo em que eu nasci,

Uma coisa eu aprendi:

Cuidar de mim é cuidar do outro,

Cuidar do outro é cuidar de mim...

Cuidar de mim é cuidar do outro,

Cuidar do outro é cuidar de mim...”

(Benzedeiras da nossa amostra durante uma das entrevistas).

RESUMO

Este estudo tem como propósito compreender a demanda pelos serviços das mulheres *benzedeiras*, na promoção da saúde mental dos benzidos. O que leva os benzidos até estas mulheres vai desde dores de cabeça a desânimo e apatia (estes últimos popularmente chamados de *espinhela caída*). Foi importante demonstrar o valor da cura enquanto modo de cuidado, especialmente no que diz respeito à saúde mental. Também trouxemos a importância de estudos desta natureza para as Ciências da Religião. Foi desenvolvida uma relação entre medicina popular e medicina técnica. Também uma história analítica da relação entre a mulher, o sagrado e a medicina popular foi tecida até chegar às benzedeiras. Também houve um trabalho de campo em que benzedeiras e benzidos foram ouvidos, importante para saber como o ato de benzer é visto, em dias contemporâneos, em várias regiões do Estado de Sergipe.

Palavras-chave: Benzedeiras; Cura; Mulher; Psicologia da Religião; Saúde Mental.

ABSTRACT

This study aims to understand the demand for the services of women healers (*benzedeiras*) in promoting the mental health of those who seek them. The reasons people turn to these women range from headaches to discouragement and apathy (the latter commonly referred to as "*espinhela caída*"). It was important to demonstrate the significance of healing as a mode of care, especially concerning mental health. We also highlighted the importance of such studies for the field of Religious Studies. A relationship between folk medicine and technical medicine was developed, and an analytical history of the relationship between women, the sacred, and folk medicine was traced up to the healers. Fieldwork was conducted in which both healers and seekers were interviewed, which was crucial for understanding how the act of blessing is perceived in contemporary times across various regions of the State of Sergipe.

Keywords: Healers; Healing; Women; Religious Psychology; Mental Health.

Sumário

INTRODUÇÃO	10
2. Cura – <i>Mens sana in corpore sano</i>	16
2.1 - Cura enquanto cuidado	16
2.2 - Cura e Saúde Mental	22
2.3 - Cura e religiosidade popular	36
3. A Mulher na História: papéis femininos ligados à cura e ao sagrado	47
3.1 - Papéis Femininos e o Sagrado: deusas, heréticas, bruxas, santas e benzedeadas.....	47
3.2 - Poder e Não Poder das Mulheres: Poder Biológico <i>versus</i> Poder Cultural	54
3.3 - De Deusas a Bruxas	60
4. Benzedeadas e Benzidos – Diário de Campo e Análise de Dados	74
4.1 – Benzedeadas e Benzedores.....	75
4.2 - Benzidos	110
5. Considerações Finais	125
6. Referências	130
ANEXOS	136

Sumário de Imagens

Figura 1 - Benzedeira 1: Ela respondendo nossa entrevista na oficina de gesso do filho.....	77
Figura 2 - Benzedeira 3: Ela nos mostrando seu altar.....	82
Figura 3 - Benzedor 4: Em sua casa, onde também funciona seu terreiro.	84
Figura 4 - Benzedora 4: Realizando em mim o benzimento de sol e sereno, para me livrar de uma enxaqueca.....	87
Figura 5 - Benzedora 6: Ao lado do seu altar de rezadeira com uma estola, adereço que utiliza nos benzimentos.....	90
Figura 6 - Benzedor 7: Respondendo nossa entrevista em sua casa/terreiro.....	92
Figura 7 - Benzedor 8: Ele respondendo nossa entrevista, trajado e em sua casa/terreiro.	94
Figura 8 - Benzedora 10: O altar coberto, pois é como o conserva no período da Quaresma ...	98
Figura 9 - Benzedeira 11: Imagem em sua casa. Uma montagem da foto da benzedeira e uma sereia (lemanjá).	100
Figura 10 - Benzedeira 12: O altar com várias referências e as guias (de Orixás) que utiliza, apesar de ser católica.....	102
Figura 11 - Benzedeira 14: Na porta de sua casa, onde tem um quartinho para os benzimentos. Ao lado a professora Maria Jeane e eu mais afastada.....	105
Figura 12 - Benzedeira 15: Vista do Terreiro.	107
Figura 13 - Benzedeira 15: Altar de benzedeira que é católica mas faz uso de símbolos de crenças diversas.....	109

Sumário de Tabelas

Tabela 1 - Identificação das Benzedeiças	75
Tabela 2 - Identificação dos Benzidos	110

INTRODUÇÃO

Este estudo investigou a manutenção de práticas populares de cura, como modo de cuidado, de mulheres consideradas curandeiras em Sergipe. Estas mulheres, que serão aqui chamadas de benzedeadas, são reconhecidas pelas pessoas que as procuram (aqui chamadas de benzidos) como detentoras de um poder de cura relacionado sempre ao sagrado, à espiritualidade e também de um saber empírico altamente respeitado em suas comunidades. As pessoas recorrem aos saberes destas mulheres, às vezes como uma probabilidade a mais para sua cura, às vezes como único meio que leva a esta. Tudo isso sempre em meio a rezas, benzimentos, orações, chás, aconselhamento, acolhimento.

Apesar de saber que há também homens que benzem (alguns inclusive fazem parte de nossa amostra), as mulheres foram privilegiadas na pesquisa. Isto aconteceu pelo fato de que, como será visto adiante, o trabalho com curas da medicina popular começou com as mulheres e só continuou existindo graças a elas.

Uma das hipóteses aqui levantada foi o que leva essas mulheres a se dedicarem às práticas curativas, mesmo sabendo que são refutadas pelas religiões cristãs e pela medicina? Como psicóloga clínica, tanto na capital sergipana como em Ribeirópolis, cidade agreste do interior sergipano, sempre ouvi de muitos pacientes que há males que a medicina não consegue curar e/ou compreender. Queixam-se de problemas que a morosidade do SUS demora a atender, como dores de cabeça e falta de disposição. Problemas esses que são prontamente resolvidos quando buscam atendimento junto às benzedeadas. Afirmam que, após o atendimento com estas mulheres, cujos dons espirituais são sempre ressaltados, encontram cura e alívio para estes e outros males.

A força de seus relatos sempre foi fonte de curiosidade e admiração para mim. Consequentemente, a vontade de investigar estes fenômenos mais de perto inspirou a criação do presente projeto. Também se fez necessário investigar a respeito das muitas concepções de religiosidade/espiritualidade que podem estar ligadas a um processo de ressignificação das práticas curativas, nos vários aspectos da vida na contemporaneidade. Muitos benzidos, praticantes do catolicismo, também afirmam ir às benzedeadas às escondidas, para não serem repreendidos por padres ou outros fiéis de suas paróquias.

As mulheres benzedeadas ainda resistem ao processo de separação das formas atuais de estruturação social e conseguem praticar a benzedura. Segundo a literatura

consultada, elas acessam os saberes de diferentes experiências religiosas das vertentes cristãs, bem como das religiões de matrizes africanas e de outras doutrinas, com o desígnio de restaurar o equilíbrio mental e espiritual de quem as procura. Acredita-se que a Psicologia da Religião tem sido uma área que vem contribuindo para a concepção do fenômeno religioso, assim como o papel da mulher nesse contexto.

Muitos trabalhos e estudos que se propõem a explorar a interface da psicologia com a religiosidade e que abordam temas como as Ciências da Religião, especialmente a Psicologia da Religião, contribuem com os estudos do comportamento religioso. A Psicologia enquanto ciência, desde a sua origem, apresenta estudos relativos às religiões com teorias que contribuíram para tal. É preciso, portanto, traçar um cenário sobre a presença do sagrado, da religiosidade e/ou espiritualidade no escopo comportamental, assim como em sua relação com a fé, o numinoso, o transcendente, o inconsciente coletivo.

Para Greshat (2005), o trabalho do estudo científico da religião não fica restrito a aspectos filosóficos, pois existem aspectos do fenômeno religioso que não são captados por meio apenas da escrita, por exemplo. A experiência religiosa é primordial para o estudo científico da religião. É um estudo essencialmente fenomenológico. É preciso aproximar-se dos sujeitos, no nosso caso, benzedeadas e benzidos, para obter uma compreensão da perspectiva do fiel, do praticante.

Segundo o autor, existem quatro perspectivas nas Ciências da Religião que oferecem uma visão holística do fenômeno em pauta. O primeiro ponto de vista é o da comunidade, seguido do sistema de atos específicos praticados por todos, depois a perspectiva do grupo de preceitos e, por fim, entender como se sedimentam as experiências. É seguindo estas perspectivas que o cientista da religião encontrará o caminho dos ritos, onde os aspectos do fenômeno em pauta são manifestos.

Existem, ainda, duas maneiras principais (com muitas bifurcações) de abordar cientificamente os fenômenos religiosos. Em Ribeiro (2019), dentre várias classificações, a mais abrangente é a que divide os estudos da Religião em dois grandes grupos: Teorias Reducionistas (estudo da *religião como epifenômeno*) e Teorias Não-Reducionistas (estudo da *religião enquanto fenômeno em si mesmo*), base das Ciências da Religião, inclusive. Neste trabalho o tema será trabalhado sob a perspectiva não-reducionista.

Camurça (2009) cita vários exemplos de antropólogos que se tornaram nativos nas religiões que eram seus objetos de estudos. Cientistas dividem-se ao opinar contra e

a favor dessa atitude. Então Camurça cita Bastide: “Precisamos nos transformar naquilo que estudamos (...) transcender nossa personalidade para aderir à alma que está ligada ao fato a ser estudado”; quando o “tornar-se nativo” passa a ser uma via produtiva para experimentar “desde dentro” a lógica deste Outro (Bastide, 1983, p. 84, XI apud Silva, 2000, p. 96).

Com o propósito de compreender a busca pelos serviços das mulheres benzedeiros, foi realizada uma análise com um olhar da Psicologia da Religião. A busca destes saberes da medicina técnica e da medicina popular visa a promoção de saúde, inclusive mental e o cuidado daqueles (as) que as procuram. Uma análise importante relaciona-se aos modos de cura enquanto cuidado à luz da Psicologia Analítica e da Fenomenologia. Autores como Miranda (2019) observam que, ao longo do desenvolvimento de seu conceito acerca do que seja a dimensão religiosa, Jung a estudava por um viés eminentemente psicológico, adentrando no seu simbolismo próprio e especificando a unilateralidade conceitual destes sistemas, que originam questões como o sagrado e o feminino.

Alcançamos objetivos bem específicos como o de traçar um cenário histórico sobre os papéis da mulher relacionados à cura, ao sagrado e ao místico; Identificar quais os caminhos que levaram as mulheres que curam a se dedicarem as suas práticas; Entender a contribuição das diferentes experiências religiosas das benzedeiros, de diferentes vertentes, na prática do benzimento; Saber se as diferentes vertentes religiosas influenciam as benzedeiros no modo de curar; Conceituar cura enquanto cuidado, de acordo com a Psicologia, delineando os saberes e práticas das benzedeiros no preocupar-se com a saúde, proporcionando a seus adeptos melhora em sua saúde física e/ou mental.

Esta é uma pesquisa permeada por caráter qualitativo que, de acordo com Minayo (1992), consegue responder a questões muito particulares do objeto, dentro de um conjunto de motivos, valores, crenças e significados que não são quantificáveis. Afina-se, ainda, a uma perspectiva fenomenológico-existencial, que visa uma compreensão mais profunda do fenômeno estudado.

Foi realizado um estudo de campo através de entrevistas com benzedeiros e benzidos. A dificuldade em encontrar benzedeiros aqui em Sergipe, no campo inicialmente pretendido¹, acabou suscitando a necessidade de ampliarmos as fronteiras

¹A princípio, pretendia-se realizar este estudo na região denominada Grande Aracaju (Aracaju, São Cristóvão, Nossa Senhora do Socorro e Barra dos Coqueiros) e na cidade de Ribeirópolis, onde atuo

da pesquisa em Sergipe e da utilização de um procedimento que se mostrou muito adequado: a *amostragem em bola de neve*. Tal método, como uma forma de amostra não probabilística e que utiliza cadeias de referência, mostrou-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados.

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como *sementes*, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise.

(Vinuto, 2014, p.203).

Tendo, portanto, como ferramenta, a oralidade, a prioridade foi adquirir informações com benzedeiros e, também, com alguns benzidos. Houve como pretensão nesta pesquisa seguir o caminho do método fenomenológico, que Ancona-Lopez (2002) assegura como amplamente utilizado pelas correntes humanistas e pelas psicologias fenomenológico-existenciais e, como supracitado, pelas Ciências da Religião. E assim foi feito, pois tais pesquisas trabalham com relatos de experiências, orais e/ou escritas. Neste sentido, Forghieri (1993) afirma que Hüsserl sempre afeiçoou a incoerência de separação entre sujeito e objeto, numa relação de afetos que contribui para o aumento do conhecimento psicológico. Portanto, o método fenomenológico tem muito a contribuir com a compreensão das práticas de cura populares.

Quanto à pesquisa bibliográfica, uma análise importante relacionou-se aos modos de cura enquanto cuidado à luz da Psicologia, tanto Analítica quanto Fenomenológica, perpassando pela Psicologia Transpessoal de William James. Autores como Miranda (2019) observam que, ao longo do desenvolvimento de seu conceito acerca do que seja a dimensão religiosa, Jung a estudava por um viés eminentemente

como Funcionária Pública e já ouvi vários depoimentos de benzidos (psicologia clínica/ambulatorial). Pretendia-se obter uma média de 1 a 2 entrevistas com benzedeiros e benzidos da referida região. No entanto, mostrou-se necessária uma busca em outras cidades de Sergipe, inclusive com indicações de benzedeiros e benzidos já entrevistados.

psicológico, adentrando no seu simbolismo próprio e especificando a unilateralidade conceitual destes sistemas.

O texto desta dissertação foi dividido em capítulos. No segundo capítulo, *Cura – Mens sana in corpore sano*, trabalhamos nuances da palavra cura e seus reflexos e importância para a humanidade, inclusive aspectos históricos importantes que envolvem religião e saúde, com enfoque em saúde pública. Foram desenvolvidos os temas *Cura enquanto cuidado; Cura e Saúde Mental; Cura e Religiosidade Popular*. No capítulo três, intitulado *A Mulher na História: papéis femininos ligados à cura e ao sagrado*, trouxemos à tona os cenários, culturas e contextos históricos em que a mulher e o sagrado, especialmente na relação com a saúde/espiritualidade, estão relacionados. Foi construída uma cronologia desta temática tão rica, com autores (as) como Muraro, Borges, Silva e Del Priori. Os subtópicos desenvolvidos foram: *Papéis femininos e o sagrado: deusas, heréticas, bruxas, santas e benzedeadas; Poder e não-poder das mulheres: Poder Biológico versus Poder Cultural; De Deusas a Bruxas*.

O quarto capítulo, *Benzedeadas – Diário de Campo e Análise de Dados*, apresenta personagens sergipanas, mulheres que trabalham com cura e medicina popular, especificamente em nosso Estado. Serão apresentados e explicados os questionários utilizados com Benzedeadas e Benzidos, bem como suas respostas e análises respaldadas na literatura apresentada nos capítulos anteriores. Logo em seguida têm-se as *Considerações Finais* e as *Referências*, sem as quais nenhum trabalho acadêmico pode ser realizado.

Estudar as benzedeadas e suas práticas atende a uma linha de pesquisa das Ciências Empíricas e Aplicadas da Religião. Aqui, encontrar-se-á um estudo que perpassará pela Psicologia da Religião. Também um método empírico relacionado existencialismo fenomenológico. Atende aos objetivos específicos da linha pretendida, como a exploração metodológica de características de movimentos e tradições religiosas no contexto sócio histórico no Brasil. Neste caso, o estudo das benzedeadas e a manutenção de práticas populares de cura, como modo de cuidado, em Sergipe.

Também atende ao objetivo de investigar processos e práticas religiosas e da religiosidade popular, com especial atenção em suas particularidades e processos integrais. Acompanhar a ligação entre as origens das práticas das rezadeiras², principalmente as oriundas do catolicismo popular e sua aceitação pela comunidade,

² Segundo maior parte da literatura pesquisada e falas das entrevistadas, rezadeiras e benzedeadas têm o mesmo sentido.

também contribuirá na classificação de algumas práticas populares como complementares ao Sistema Público de Saúde. Também a importância das interações humanas e da conservação de tradições e culturas que contam histórias em cada comunidade. Há também que se considerar a importância de um estudo de campo de tal natureza nas terras do Cacique Serigy³.

³ O Cacique Serigy foi um guerreiro e líder indígena que venceu colonizadores durante muitos anos, lutando pela preservação do seu povo, pela justiça e pela terra. As terras designadas como do Cacique Serigy são as terras de Sergipe. O nome deste líder marca o nome do nosso estado. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2018/02/02/editorial-or-a-expressao-nas-terras-do-cacique-serigy>

2. Cura – *Mens sana in corpore sano*⁴

Nesta sessão, será imprescindível trazer conceitos de cura e saúde em geral, trazendo a cura enquanto modo de cuidado e depois entrar no campo da psicologia e da religiosidade popular. Serão aqui postos os conceitos relacionados à cura, bem estar e saúde mental, com autores pioneiros, como William James e Jung, dentre outros que são indispensáveis neste estudo.

Comparando conceitos de saúde mental e resultados das práticas de cura das benzedoras, será importante saber se os benzimentos são realmente promotores de saúde para os benzidos, em especial saúde mental. Relacionando a afinidade entre Cura, Psicologia e Religiosidade, Paiva (2005), em um de seus artigos, destaca a materialidade impregnada na vida das pessoas, que as faz buscar a espiritualidade. Tal busca esta diretamente relacionada a encontrar um sentido para sua própria existência, livre dos domínios das tradições religiosas autoritárias, possibilitando a conquista de uma autonomia frente à instituição religiosa e fluindo num despertar do indivíduo, especialmente quando se encontra em momentos difíceis, como por exemplo, as doenças. Esta busca e a sensação de cura e alívio subsequentes são primordiais para a promoção de saúde mental.

Neste sentido, o autor avulta a importância dos estudos da Psicologia da Religião, enquanto Ciência da Religião, na compreensão deste fenômeno. Para F. Santos (2007), as rezadeiras são mulheres que conseguem praticar a benzedura, acessando os saberes de diferentes experiências religiosas como Catolicismo, Umbanda, Candomblé e Pentecostalismo, com o desígnio de restaurar o equilíbrio mental e espiritual de quem as procura. E, a partir daí, uma cura acontece.

2.1 - Cura enquanto cuidado

⁴ “*Mens sana in corpore sano* é uma famosa citação de origem latina que significa ‘uma mente sã num corpo são’. A expressão é derivada da Sátira X de autoria do poeta romano Juvenal. No contexto do poema, a frase faz parte da resposta do autor à questão sobre o que as pessoas deveriam desejar na vida. Presume-se que o poema tenha sido produzido entre 509 e 27 a.C., sendo até hoje para muitos uma boa síntese do significado de qualidade de vida”. In <https://fiquepordentro.ensinoeinstein.com/mente-sa-em-corpo-sao-exercicios-e-praticas-para-a-saude-fisica-e-mental/#:~:text='Mens%20sana%20in%20corpore%20sano,pessoas%20deveriam%20desejar%20na%20vida.>

Como citei na Introdução, em 20 anos de atendimento clínico em psicologia, na capital sergipana e em Ribeirópolis, cidade agreste do interior sergipano, sempre ouvi de muitos clientes que há males que a medicina não consegue curar e/ou compreender. Com a intenção de curar estes males ou buscar cuidados que, acreditam, a medicina técnica não dá conta de atender, estas pessoas procuram, muitas vezes, por benzedeadas. Este tema, portanto, também diz respeito a uma questão bastante pertinente à saúde pública, principalmente na educação popular de várias comunidades de pequenas e grandes cidades em Sergipe e Brasil a fora.

É importante identificar os saberes e práticas das benzedeadas e demais curandeadas no preocupar-se com a saúde, pois proporcionam a seus adeptos (benzidos), melhoras e qualidade de vida. Os benzidos falam de uma sensação de alívio e de que algo se curou. Para Lisboa (1998), é aí que se dá o princípio do processo de cura, pois esta deve ser apreciada como um procedimento individual experimentado pelas pessoas nesta relação (curado e curador), considerando-a como recuperação da saúde mediada pela intervenção de um curador.

Enquanto pesquisava benzedeadas e benzidos, a palavra cura martelava em todos os discursos, infalivelmente. Alves (2017) lembra-nos que, em latim, o termo cura traz o sentido de cuidado, zelo e atenção: “O verbo *curo, curare*, tem o significado de cuidar de, olhar por, dar atenção, tratar” (Alves, 2017, p.65). Segundo a autora, o cuidado caracteriza a presença do ser humano e cita Heidegger, que traz os sentidos de ocupar-se e preocupar-se (pré-ocupar-se) para a palavra cura:

Este testemunho pré-ontológico adquire um significado especial não somente por ver a “cura” como aquilo que pertence à presença humana “enquanto vive”, mas porque essa primazia da “cura” emerge no contexto da concepção conhecida em que o homem é apreendido como composto de corpo e espírito. *Cura prima finxit*⁵; esse ente possui a “origem” de seu ser na cura. *Cura teneat, quamdiu vixerit*⁶: esse ente não é abandonado por essa origem, mas, ao contrário, por ela mantido e dominado enquanto “for e estiver no mundo”. O “ser-no-mundo” tem a cunhagem da “cura”, na medida do seu ser. (Heidegger *apud* Alves, 2017, p.65-66).

Então, para Heidegger, a cura seria o primeiro cuidado do homem, na origem do seu ser (ser-no-mundo). O homem é, então, em sua essência, cuidado:

⁵ *Cura prima finxit*, tradução: O primeiro cuidado que ele inventou (ele, o homem). Fonte: <https://translate.google.com.br/>

⁶ *Cura teneat, quamdiu vixerit*, tradução: Deixe-o cuidar enquanto viver. Fonte: <https://translate.google.com.br/>

O *ser-junto a* é ocupação porque, enquanto modo de *ser-em*, determina-se por sua estrutura fundamental, que é a cura. A cura caracteriza-se não somente pela existencialidade, separada da facticidade e decadência, como também abrange a unidade dessas determinações ontológicas. A cura não pode significar uma atitude especial para consigo mesma porque essa atitude já se caracteriza ontologicamente como *anteceder-a-si-mesma*; nessa determinação, porém, já se acham também colocados os outros dois momentos estruturais da cura, a saber, o já *ser-em* e o *ser junto a*. (Heidegger *apud* Alves, 2017, p.66).

Para Alves (2017), a benzedeira, em sua comunidade, é o *ser-junto-a*, conseqüentemente é pré-ocupação, o *ser-com-o-outro* e está no que a define como tal, ou seja, na sua missão de benzer. Este ato, esta pré-ocupação, não se encontra apenas em cada benzimento - no momento presente -, mas em toda a sua história (e de suas antecessoras). É um ser que, em sua essência, é cuidado consigo, com o outro e com o seu ambiente. Em cada reza há o comprometimento com a cura do outro, por meio da fé, da crença e da oração (e todas as particularidades ritualísticas que encontramos em nossas andanças). Segundo Alves:

O *ser-no-mundo* como benzedeira constitui uma forma de ver o mundo que, em consequência, é a forma de como exerce o seu ofício. A práxis exige o domínio de um saber. Ela é coagida a tratar o respectivo saber disponível como uma completude e confere ao mesmo a segurança que o outro necessita. (Alves, 2017, p. 75).

Segundo Oliveira (1985), as benzedeadas são portadoras de um dom que as torna especiais. O reconhecimento deste dom é um marco importante na vida destas mulheres, já que lhes impõe um ofício que é o do benzimento. Então, assim como lhes concede o poder de curar, o benzimento lhes traz uma responsabilidade para com sua comunidade (especialmente se lhes é passada por suas mães, avós, tias). É um dom que valida os saberes e práticas das benzedeadas no preocupar-se com a saúde, proporcionando a seus adeptos qualidade de vida.

Morais (2007, p. 447) esclarece que o termo *dom* vem do latim *donum*, que quer dizer “oferta feita aos deuses”. Para o autor significa a “oferta concedida por Deus a certas criaturas que se tornam dotadas.”. Santos (2007) e Araújo (2011), afirmam que não são as benzedeadas que elegem seu caminho, mas são escolhidas por e para ele. Escolhidas em meio a tantas outras mulheres de seu meio para esta missão, a qual

consideram nobre, elas se vêem obrigadas a corresponder a esse benefício divino, servindo como intercessoras entre a espiritualidade e aqueles que as buscam. Os autores ainda afirmam que, geralmente, esses dons podem ser revelados através de uma visão, de um sonho ou de um acontecimento sobrenatural. Pode ainda surgir após a superação de um grande obstáculo ou transmitido por alguém que já o tenha e desenvolva, para que seja continuado. Todas estas premissas foram confirmadas com as benzedeadas que entrevistamos.

Natel (2019) fala sobre como a vocação é necessária para curadores, devendo-se incluir aí também todo o simbolismo da função religiosa (visão junguiana). Nesta abordagem, é necessário que o cuidador identifique dentro de si a vocação (ao aproximar-se do próprio *Self*⁷) para estar a serviço do outro. É preciso remeter-se ao mito do sacerdote-curador (curador ferido⁸), para ver-se numa variante arquetípica dos curandeiros e xamãs espalhados pelo mundo.

A vocação continua a encerrar o significado original da palavra: um chamado dos deuses ou dos espíritos para que ele se torne um curador. Os xamãs (e bem como muitos dos curandeiros e curandeadas de outros povos) passam por um período específico de treinamento e desenvolvimento. São chamados por espíritos do clã ou por espíritos, frequentemente contra a vontade deles.
(Von Franz, 2004, p. 299).

⁷ Self é traduzido para a língua portuguesa como “Si-mesmo”: por que o estudo de si seria tão importante para a Psicologia? Compreender a mente humana sempre foi o desejo dos pesquisadores dessa área do conhecimento e vários deles desenvolveram estudos muito importantes que são basilares para as pesquisas elaboradas atualmente. Quando usamos o termo “self”, estamos falando de um conceito que nomeia o que há no ser humano que o ajuda a tomar decisões, a buscar significado na vida, a compreender sentimentos e comportamentos. Assim, o entendimento dele é fundamental para que se conheça o funcionamento do ser humano. <https://www.psicanaliseclinica.com/self/>

⁸ “Auxiliar uma pessoa que se encontra na condição de sofrimento é tentar, a partir de sua história, ajudá-la a dar um sentido a sua vida. Ao estudarmos outras culturas e seus mitos, estamos enriquecendo as possibilidades de nos aproximarmos de nosso paciente, ajudando-o assim a encontrar e a acolher o mito que regerá sua própria vida. A figura do xamã apresenta correspondência no mito do curador ferido em várias mitologias. Sua figura nas sociedades é a do sacerdote, médico, conselheiro e mantenedor das tradições da cultura do grupo. Mas o xamã deve passar primeiro por um processo iniciático, uma jornada heroica, antes que possa se tornar um curador. A função religiosa se manifesta nos processos iniciáticos e define quem está apto a ser representante: ela surge da necessidade da compreensão dos símbolos e de seus significados, originários dos conteúdos universais do homem. Na formação junguiana, a busca por ser um analista se dá na necessária junção da teoria e da vivência analítica, sendo preciso que o analista se submeta a vivências e experiências que propiciem o contato com os conteúdos do inconsciente coletivo, por meio de técnicas de análise dos sonhos, imaginação ativa, produção artística e outras. Por meio da relação da psique inconsciente profunda com a consciência, os mitos fundamentais são reatualizados, permitindo ao candidato a analista resgatar sua individualidade na busca por ajudar os outros a fazer o mesmo” (Natel, 2019, Resumo). **O mito do curador ferido** é o fundamento das sociedades xamânicas. Seu tema central traz o homem ferido (meio-homem-meio-deus) que, suplantando sua dor e sofrimento, passa a poder curar a dor da humanidade ao curar-se (Natel, 2019).

Em nossas entrevistas, algumas benzedeadoras relataram esse chamado e suas recusas em assumirem o ofício logo no início. Natel (2019), psicóloga e analista junguiana, tece uma importante comparação da sua formação em dois papéis de curadora que desempenha, analista junguiana e xamã. Segundo a autora, a aproximação do processo de formação do xamã, nas culturas tradicionais, com o da Psicologia Junguiana, acontece em muitos aspectos, os quais também encontramos em falas das benzedeadoras entrevistadas, quando relatam como se tornaram benzedeadoras ou quando descobriram seus dons.

Aproximando seus conhecimentos e vivências de analista e seus estudos sobre religiões primitivas ou tradicionais, Natel (2019) entendeu que o processo de iniciação de um xamã tem convergências com a formação em análise junguiana. Para poder ajudar e acompanhar pessoas é necessário mergulhar numa autoanálise ou autocura bastante profundos. Para tornar-se um bom analista é necessário emergir no universo simbólico religioso. A função religiosa descrita por Jung manifesta-se em todos estes processos iniciáticos, que acabam definindo quem é capaz de iniciar-se, quem consegue submeter-se a certas vivências religiosas e, inevitavelmente, com o conteúdo do inconsciente coletivo.

Um universo simbólico que traz a simbologia universal e, ao mesmo tempo, pessoal, de quem por ele passa. [...] Jung remete-nos à metodologia empirista para escrever sua teoria, o que também nos possibilita a condição de observador e sujeito, expressando em todo seu processo teórico vivencial aspectos fundamentais da necessidade da compreensão de símbolos e seus significados, que nos aproximam do conteúdo universal do homem. Apesar de ser único, é também um sujeito coletivo em suas representações e manifestações religiosas. O que entendo por religião é o contato com o Si-mesmo proposto por Jung. Desenvolvendo essa ideia, deparamo-nos com o fato de que a religião é definida por alguns teóricos como um grupo de sujeitos, comunidades, que apresentam um universo simbólico que, por sua vez, apresenta-nos seu mito fundante, que organiza e estabelece as normas e condutas da comunidade por meio de seus mitos, ritos e interditos.

(Natel, 2019, p.14).

Natel (2019) também afirma que a cura se dá, no caso do xamanismo (digo que também das benzedeadoras), no âmbito espiritual, que muitos teóricos definem como Cura Simbólica. O benzimento cura doenças do corpo e do espírito, aquelas que o saber médico não alcança entender nem tratar (Câmara, 2020). Nossas benzedeadoras nos falam

que as doenças do espírito, os médicos não podem curar, apenas os curadores escolhidos pela espiritualidade. Os benzidos também se encantam com os resultados.

Este encantamento e a sensação de bem-estar relatados e sentidos pós benzimento são difíceis de explicar tecnicamente, apenas pode-se descrevê-los. Esta afirmação me remeteu, neste sentido de cura/cuidado como magia, a Guerriero (2003):

Uma coisa é certa: se a magia existe a tanto tempo e sobrevive até hoje, apesar de todos os avanços científicos e tecnológicos, é porque ela funciona. Do contrário, os povos já a teriam abandonado. De maneira geral, a finalidade da magia é reconhecida como essencialmente prática. Porém, não devemos deixar de lado, também, uma possível função emocional, ou seja, quando a magia não se dirige especificamente a uma intervenção na ordem da natureza, mas atua voltada para uma busca de equilíbrio nas emoções e sentimentos subjetivos. Nesse sentido, nossa curiosidade se volta para a compreensão da eficácia mágica, tanto nos aspectos práticos como nos emocionais. Afinal, se funciona, queremos saber como isso acontece. (Guerriero, 2003, p.8).

Uma das facetas da magia citadas por Guerriero (2003) é aquela considerada como um conjunto de bens e serviços prestados por alguém. Segundo o autor, há vários tipos de magos em nosso meio social contemporâneo. Ele cita pais de santo, xamãs, médiuns, terapeutas alternativos e benzedeiros.

Um mesmo sintoma e mal-estar pode ser compreendido através do conhecimento científico e tratado pelas mais avançadas tecnologias. Porém o mesmo paciente, embora tendo ido ao consultório médico, pode lançar mão, ao mesmo tempo, de serviços mágicos. Para tal, a escolha é variada. Ele pode ir a uma benzedeira, que através de rezas e encantamentos atuará para solucionar o problema, como pode, também, ir a um terreiro de candomblé consultar um pai-de-santo. Outras possibilidades, ainda, são as igrejas de cura divina, que através da fala do pastor e da força do ritual procurará restabelecer o equilíbrio do paciente. Pode, ainda, dependendo de sua crença, ir a um centro espírita kardecista tomar passes, ou utilizar-se das práticas médicas alternativas como florais, reike, cromoterapia entre outras. Não é difícil encontrar aqueles que, por força do desespero ou pelo desejo de ampliar a possibilidade de cura, acabam passando em dois ou mais tipos desses serviços. (Guerriero, 2003, p.26-27).

Retomando Alves (2017) e comparando respostas da nossa amostra, as pessoas normalmente relacionam o termo *cura*, quando procuram uma rezadeira, ao ato de benzer – benzer é curar. Benzer é também toda a ritualística encontrada no ofício, que se constitui em orações, instrumentos (ramos, terços, garrafas de água ou,

simplesmente, as mãos) e a possibilidade de indicações de banhos de ervas, garrafadas, chás. Geralmente elas se utilizam de ervas consideradas sagradas por religiões de matrizes africanas e/ou indígenas. Também falam ou murmuram rezas. No tópico sobre religiosidade popular veremos que bênçãos e preces fazem parte desta cultura.

Para Santos (2014, p. 14) “a benzeção é uma prática popular de cura que utiliza uma linguagem específica, tanto oral, quanto gestual, com o objetivo de não apenas curar, mas também de dar uma explicação sobre o que está acontecendo.”. Ele afiança que os consulentes (benzidos) as consideram, além de curandeiras, grandes cuidadoras e conselheiras.

2.2 - Cura e Saúde Mental

Tecendo uma simples comparação entre psicólogos clínicos e benzedeadas, pode-se começar a encontrar semelhanças (além da autocura supra citada) em relação ao acolhimento que precisa acontecer quando alguém procura um destes cuidadores. Tanto psicólogos quanto benzedeadas precisam receber seus clientes/benzidos com um autêntico interesse em ouvir e validar suas dores, o que suscita um forte laço de confiança entre cuidador e cliente.

O paciente deve ser simplesmente acolhido para que possamos ir elaborando as hipóteses diagnósticas ao mesmo tempo que atraímos seu interesse e curiosidade e, finalmente, sua decidida participação. O planejamento do tratamento anda junto com o estreitamento do vínculo e o terapeuta deve esperar que o desenrolar das informações trazidas pelo paciente norteiem suas decisões no sentido de interpretar no momento certo. Quem dá a medida é o paciente e não poderá ser treinado para a tarefa clínica aquele que não tiver controlado a própria ansiedade em relação ao trabalho. Estabelecer vínculos supõe capacidade de amar, mas se distancia de comportamentos efusivos ou mesmo de amor ao paciente. Uma aceitação genuína do outro e o respeito pela sua dor falarão sempre mais alto que palavras ou zelo excessivo. (...) aceitar um paciente apenas quando, e se, houve de fato um interesse autêntico.

(Massih, 2000, p. 144).

Transcrevendo a citação acima para benzedeadas e benzidos, tecemos a seguinte possibilidade (resguardando as palavras de Massih em grifo): O benzido *deve ser simplesmente acolhido para que possamos ir elaborando* os males que os está

acometendo ao mesmo tempo que atraímos seu interesse e curiosidade e, finalmente, sua decidida fé no benzimento. O planejamento do tratamento anda junto com estreitamento do vínculo e a benzedeira deve esperar que o desenrolar das informações trazidas pelo fiel norteiem suas decisões no sentido de interceder no momento certo. Quem dá a medida é o benzido e não poderá ser treinado para o ofício do benzimento aquele que não tiver controlado a própria aceitação em relação ao ofício. Estabelecer vínculos supõe capacidade de amar, mas se distancia de comportamentos efusivos ou mesmo de amor ao paciente. Uma aceitação genuína do outro e o respeito pela sua dor falarão sempre mais alto que palavras ou zelo excessivo. (...) aceitar um benzido apenas quando, e se, houve de fato um interesse autêntico.

O cuidar de psicólogos e benzedeiros traz também algo em comum quando investigamos os resultados buscados pelos clientes e/ou benzidos, que são o sentir-se bem e a busca de alívio para algo que os aflige. A relação de confiança é que talvez seja construída de uma maneira diferente, porque, geralmente, a benzedeira é acolhida e tem seu ofício validado pela comunidade onde vive. Não apenas daqueles que experimentam cura e alívio para casos de difícil solução.

É importante que se compreenda a busca pelos serviços das benzedeiros analisando-a, com um olhar da Psicologia, enquanto ciência que diz respeito à saúde mental. Trazemos aqui um recorte da Psicologia Transpessoal de William James. Neste sentido, pretende-se relacionar a busca das pessoas às práticas curativas das benzedeiros, sob a visão do fenômeno religioso estudado pelo referido autor, sobre a experiência religiosa abordada, em especial, no capítulo “A Religião do Equilíbrio Mental”⁹ e outros recortes do autor na mesma obra.

As benzedeiros têm como desígnio restaurar o equilíbrio mental de quem as procura, uma vez que lhes proporciona bem-estar geral. Neste contexto, também está contemplada a saúde mental dos benzidos. Os relatos de bem-estar destes é uma das evidências – como pode ser constatado nas respostas da nossa amostra no Capítulo 4. Esta busca por saúde e bem-estar estão inclusos num discurso de William James, quando ele nos fala da busca pela felicidade, pela ausência de males. Também quando o estudioso legitima toda forma de manifestação religiosa.

William James (1991), fala sobre uma espécie de fenômeno religioso de sua época, a Religião do Equilíbrio Mental. No prefácio de apresentação da versão brasileira

⁹ In James, Wiliam. **Variedades da experiência religiosa – um estudo sobre a natureza humana.** Editora Cultrix, São Paulo, 1991.

da obra de James, encontra-se uma breve apresentação da Psicologia Transpessoal do estudioso escrita por Pierre Weil¹⁰, da Universidade Holística Internacional de Brasília. Segundo Weil, em *Variedades da Experiência Religiosa*, há uma temática muito atual, embora escrita em 1902, justificando sua importância. William James era considerado o filósofo do Pragmatismo e da Psicologia Científica, que trouxe como contribuição uma filosofia da experiência. Assim, esta obra conduz a uma abordagem pragmática da questão religiosa, onde a religião é considerada como uma experiência, como uma vivência e não apenas como uma crença na experiência alheia. Sob os reflexos da influência do paradigma Newtoniano-Cartesiano, esteve em voga, por um bom tempo, uma disposição de considerar a experiência religiosa à casta da mera fantasia e, em alguns momentos, da loucura.

Segundo Weil (1991), isso explica o fato de a Psicologia ter ignorado esta obra de James, vez que ela mesma andava comprometida com este juízo. Para o autor, no que se refere ao tema, esta obra se completa a si mesma, já que considera a tese psicopatológica onde mostra o que distingue o santo e o místico do doente mental. Também se trata de uma obra que expõe quais critérios permitem reconhecer a experiência mística legítima.

Tais estudos levam o leitor a levantar, a partir de casos citados, a questão filosófica da realidade de um poder superior, propondo a hipótese do “self” subconsciente como intermediário entre este poder superior e a natureza propriamente dita (como visto na teoria de Jung). Numa abordagem original, William James apresenta a Psicologia Transpessoal cujo objetivo é o de experienciar o real. Weil (1991) termina afirmando que as tradições espirituais deram ao homem de todas as épocas e de todas as culturas, tais condições.

Antes de abordar propriamente o capítulo sobre a Religião do Equilíbrio Mental, é importante que se exponham alguns argumentos de James (1991) a respeito do estudo da religião, do fenômeno religioso e do comportamento religioso. Segundo o autor, não restam dúvidas de que, alguém que leva uma vida religiosa que exclua tudo o mais,

¹⁰ Mentor maior do movimento transpessoal no Brasil, tendo sido um dos seus líderes na Europa, implantou a cadeira de Psicologia Transpessoal na Universidade Federal de Minas Gerais, onde recebeu o título de professor emérito. Na sua sólida e ampla caminhada, fez uma profunda e bela síntese das abordagens ocidentais com as vias orientais, da psicologia contemporânea com a milenar tradição sapiencial, no seu sistema denominado de Cosmodrama, posteriormente ampliado como a Arte de viver a vida, concretizando o seu sonho de jovem menino com a criação da Universidade Internacional da Paz. Assim, Pierre Weil logrou uma efetiva e afetiva aliança entre a razão cartesiana e o coração peregrino, o cientista lúcido e o místico dos caminhos da Essência. <https://www.pierreweil.com.br/biografia.html>

pode ser facilmente considerado como excêntrico. No entanto, ele não se refere aos nativos religiosos comuns, cujas crenças são as convencionais de seu país, por exemplo, pois estes tiveram sua religiosidade construída por outros, passada a estes pela tradição (com formas fixas pela imitação) e conservadas pela força do hábito. Fazendo uma ressalva com relação às benzedeiras, apesar de terem aprendido seus ofícios, em sua maioria, com suas mães e avós, nas entrevistas elas afirmam que as rezas, plantas e receitas que passam para os consulentes, são escolhidas também de acordo com a intuição ou espiritualidade, de acordo com cada caso.

Voltando para James (1991), ele afirma que é imprescindível que sejam vistas, antes, as experiências originais, aquelas que fixaram padrões de sentimentos sugeridos e práticas repetidas. Só é possível encontrar essas experiências em certos indivíduos, os gênios religiosos que produziram frutos nas páginas da história. Conforme James (1991), não raramente, tais gênios, líderes religiosos, apresentavam sintomas de instabilidade nervosa, manifestações psíquicas anormais, sensibilidade emocional, dentre outras características. Tais líderes encontravam-se sujeitos a ideias fixas e obsessões, alguns caíam em transe, ouviam vozes, tinham visões... Comumente tais situações eram consideradas como patológicas, mas não lhes tiravam a autoridade e poder de influência.

Para James (1991), as ciências precisam estudar as condições existenciais da religião e não simplesmente valer-se de aspectos patológicos do assunto. É necessário que sejam descritos e nomeados, assim como se faz com homens não religiosos. Uma possível solução seria não julgar os valores espirituais de um indivíduo atrelando-os a sentimentos considerados frágeis.

Alfredo acredita na imortalidade com tanta força porque seu temperamento é muito emocional. A consciência extraordinária de Fanny deve-se apenas à hiper-sensibilidade dos seus nervos. A melancolia de Guilherme a respeito do universo é fruto da má digestão — o seu fígado, provavelmente, funciona mal. O prazer que Elisa encontra na igreja é um sintoma de sua constituição histérica. Pedro estaria menos perturbado em relação à própria alma se fizesse mais exercícios ao ar livre, etc. Estamos todos seguramente familiarizados, de um modo geral, com esse método de desacreditar estados de espírito pelos quais sentimos antipatia. Todos o utilizamos até certo ponto ao criticar pessoas cujos estados de espírito reputamos demasiado forçados. Quando, porém, outras pessoas criticam nossos vãos de alma mais exaltados, chamando-lhes “nada mais” que expressões da nossa disposição orgânica, sentimo-nos ultrajados e magoados, pois sabemos que, sejam quais forem as peculiaridades do nosso organismo, nossos estados mentais têm o seu valor substantivo

como revelações da verdade viva; e desejamos que se possa calar a boca a todo esse materialismo médico.
(James, 1991, p.21).

O materialismo médico, segundo James (1991), afigura-se numa boa apelação para um sistema de pensamento muito simplista. Segundo tal abordagem, por exemplo, São Paulo (teve uma visão de Jesus que o deixou temporariamente cego, o que o curou foi sua conversão como seguidor de Jesus e da igreja primitiva) explanando sobre sua visão na estrada de Damasco, estaria sofrendo com uma descarga violenta do córtex occipital, pelo fato de ele ter sido epiléptico. E o materialismo médico julga, então, bem prejudicada a autoridade espiritual de personagens como São Paulo.

James (1991) questiona se pode uma narrativa existencial de fatos da história mental designar, de alguma maneira, acerca da sua significação espiritual! Sob a ótica deste postulado, não existe um só estado de espírito, quer saudável, quer patológico, que não esteja atrelado a algum processo orgânico. O autor ressalta que nas ciências naturais nunca acontece a alguém arriscar refutar opiniões expondo uma constituição neurótica do autor. Nestas circunstâncias, as afirmativas são constantemente testadas pela lógica e pelo experimento, seja qual for o tipo neurológico de quem as expressa. Para James (1991), em se tratando de opiniões religiosas, não deveria ser diferente. Seu valor só deveria ser determinado por juízos espirituais que lhes digam absolutamente respeito, juízos baseados, antes de tudo, em sentimentos imediatos e, logo em seguida, no que pode ser averiguado pela experiência, pelas necessidades morais e por aquilo que se toma como verdadeiro. Segundo o Dr. Maudsley (James, 1991, p.26), “o critério final de uma crença não deveria ser a sua origem, mas a maneira como age sobre o todo”. James garante que assim também é o critério empírico, que igualmente foi usado pelos mais resistentes defensores da origem sobrenatural.

Delimitando melhor o estudo do fenômeno religioso (lembrando que à época deste livro, religiosidade e espiritualidade eram considerados sinônimos) James afirma que a religião:

(...) significará para nós os sentimentos, atos e experiências de indivíduos em sua solidão, na medida em que se sintam relacionados com o que quer que possam considerar o divino. Uma vez que a relação tanto pode ser moral quanto física ou ritual, é evidente que da religião, no sentido em que a aceitamos, podem brotar secundariamente teologias, filosofias e organizações eclesiásticas.
(James, 1991, p.36).

Palmer (2001), tecendo uma relação psicologia-religião, explana sobre as obras de Freud, onde a religiosidade é estudada com uma abordagem reducionista e cientificista.

Ele [Freud] cresceu privado em toda crença num Deus ou na imortalidade e não parece ter sentido necessidade disso. As necessidades emocionais que costumam manifestar-se na adolescência encontraram expressão, a princípio, em cogitações filosóficas bastante vagas e, logo depois, numa fervorosa adesão aos princípios da ciência. “Sempre fui um descrente, tendo sido criado sem religião, mas não sem respeito pelas chamadas exigências ‘éticas’ da civilização humana” (Palmer, 2001, p.15).

Segundo Palmer (2001), o fascínio de Freud pela religião durou maior parte de sua vida, apesar de se intitular como descrente e cientificista. O mesmo era um grande colecionador de obras de diversas civilizações, designadas como de cunho sagrado. Entre seus primeiros escritos sobre o tema está o artigo *Atos obsessivos e práticas religiosas*. Anos mais tarde escreveu *Totem e Tabu – 1913*; *O Futuro de uma ilusão – 1927*; *O mal-estar na civilização – 1930*; *Moisés e o Monoteísmo – 1939*.

A característica mais marcante dessas e demais obras freudianas sobre a religião, era a sua percepção de que a neurose obsessiva pode ser ponderada como uma face patológica da religião, funcionando esta como uma *neurose obsessiva universal*. Freud acreditava firmemente que a força de suas objeções contra a religião residia em seu cientificismo; que os argumentos que apresentava contra ela tinham vigor porque a religião exibia, de maneira exata, todos os sintomas de neurose que a ciência da psicanálise descobrira mediante laborioso processo de pesquisa experimental.

Os ensaios de Freud sobre a Religião influenciam até hoje vários estudos sobre o fenômeno religioso. Seria interessante desenvolver uma pesquisa que comparasse, por exemplo, os sintomas presentes em quem busca pela cura com as benzedeadas, com os sintomas presentes nas pacientes histéricas de Freud, que eram eliminados através de mecanismos como a hipnose, por exemplo.

Outro grande estudioso do comportamento humano e religioso foi o supracitado Jung. A princípio era companheiro de estudos de Freud, mas rompeu com o mesmo devido a divergências conceituais, especialmente no campo da Psicologia da Religião. Em meados do século XX, Carl Gustav Jung avaliou o conflito das condições sociais prevalentes à época sobre a psique humana. Segundo Palmer (2001), ele levantou a proposição de que o sofrimento do homem contemporâneo sobreviria, geralmente, do

fato de o ser humano ter se distanciado dos fundamentos arquetípicos de sua personalidade, ligados ao sagrado.

Jung (2015) não se preocupou em distinguir espiritualidade de religiosidade. Essa diferenciação tem sido uma preocupação dos dias atuais, ligada à busca dos indivíduos pelo transcendente, sem que isso esteja, basicamente, ligado a uma instituição religiosa. Pode ser lembrado aqui o importante conceito de *numinoso*, que seria um fenômeno psíquico instintivo que causa deslumbramento e arrebatamento, favorecendo uma conexão com algo que transcende os limites do conhecido. Em a *Religião do Equilíbrio Mental*, James (1991) começa lançando um questionamento:

Se tivéssemos de fazer a pergunta: “Qual é a principal preocupação da vida humana?”, uma das respostas seria: “A felicidade”. Como alcançar, como conservar, como recobrar a felicidade é, de fato, para a maioria dos homens em todos os tempos, o motivo secreto de tudo o que fazem e de tudo o que estão dispostos a suportar. A escola hedonística de ética deduz a vida moral inteiramente das experiências de felicidade e infelicidade produzidas pelos diferentes gêneros de conduta; e, ainda mais na vida religiosa do que na vida moral, a felicidade e a infelicidade parecem ser os pólos ao redor dos quais gira o interesse.
(James, 1991, p.76).

O autor avalia que é necessário acolher a ideia de que qualquer deleite estável produz o tipo de religião que gera um entusiasmo por uma existência feliz. Afirma também que é preciso saber que os modos mais intrincados de experimentar a religião são maneiras de suscitar felicidade, caminhos internos para um conjunto excelso de felicidade. James assegura que para os homens esta alegria se traduz na maior prova da verdade de suas crenças. “Se um credo faz o homem sentir-se feliz, ele o adota quase inevitavelmente” (James, 1991, p.76).

E onde entra a religião do equilíbrio mental nesta questão? Segundo James (1991), quando a tendência de enxergar as coisas que se vê como boas acontece, pode-se diferenciar uma maneira voluntária de uma involuntária de ser mentalmente equilibrado. Quando involuntária, as pessoas sentem-se felizes diante de certas experiências imediatas. Quando voluntária ou sistemática, o jeito que se toma as coisas como boas é abstrato. Esta última acaba enfatizando determinados elementos em detrimento de (ou ignorando totalmente) muitos outros, como o próprio mal, por exemplo. A felicidade sistemática ou involuntária é cega aos fatos que contrariam sua estabilidade.

Do ponto de vista de William James, um movimento religioso muito importante para ser destacado, neste contexto, é aquele que ele denominou “movimento da cura psíquica” (James, 1991). Este movimento espalhava-se na América à época de seus escritos e, segundo ele, vai da ciência natural ao equilíbrio mental. Segundo o mesmo, existiam várias seitas que se intitulavam como “Pensamento Novo” (James, 1991). Tratava-se de um projeto de vida voluntariamente otimista, com um lado ao mesmo tempo especulativo e utilitário.

Uma das fontes doutrinárias da cura psíquica são os quatro Evangelhos; outra é o emersonianismo ou o transcendentalismo da Nova Inglaterra; outra é o idealismo de Berkeley; outra é o espiritismo, com suas mensagens de “lei”, “progresso” e “desenvolvimento”; outra é o evolucionismo da ciência popular otimista de que falei há pouco; e, finalmente, o estudo do Hinduísmo. Mas o traço mais característico do movimento da cura psíquica é uma inspiração muito mais direta. Os chefes dessa fé tiveram uma crença intuitiva no poder salvador das atitudes de equilíbrio mental como tais, na eficácia conquistadora da coragem, da esperança e da confiança, e num desprezo correlativo da dúvida, do medo, da preocupação e de todos os estados de espírito nervosamente admonitórios.

(James, 1992, p. 89).

O que mais contribuiu para o fortalecimento destas crenças foi o testemunho de experiências práticas de seus discípulos.

Ouvimos falar no “Evangelho do Relaxamento”, no “Movimento do Não-se-Preocupe”, das pessoas que repetem para si mesmas, “Mocidade, saúde, vigor!” enquanto se vestem pela manhã, como divisa para o resto do dia. As queixas contra o tempo estão começando a ser proibidas em muitas casas; e um número cada vez maior de pessoas reconhece que não fica bem falar em sensações desagradáveis, ou fazer muito caso das inconveniências e aborrecimentos da vida (...). Embora os discípulos da cura psíquica usem com frequência a terminologia cristã, vê-se de tais citações, quão amplamente a sua noção da queda do homem diverge da noção dos cristãos comuns. A idéia que eles fazem da natureza superior do homem, decididamente panteísta, é pouco menos divergente. O espiritual no homem aparece na filosofia da cura psíquica como sendo, em parte, consciente mas, sobretudo, subconsciente; e, através da sua parte subconsciente, já estamos em comunhão com o Divino, sem nenhum milagre da graça e sem a abrupta criação de um novo homem interior. Como esse modo de ver é variamente expresso por diferentes escritores, nele encontramos vestígios de misticismo cristão, de idealismo transcendental, de vedantismo e da moderna psicologia do eu subliminal.

(James, 1991, P.90-91).

James traz diversos relatos de adeptos da cura psíquica, mas aqui apresentar-se-á apenas um, que exemplifica muito bem seu *modus operandi*:

“A primeira causa fundamental de todas as doenças, fraquezas ou depressões é o sentido humano de separação daquela Energia Divina a que chamamos Deus. A alma que pode sentir e afirmar, em serena mas jubilosa confiança, como fez o Nazareno: ‘Eu e meu Pai somos um’, já não tem necessidade de curador, nem de cura. Esta é a verdade inteira encerrada numa casca de noz, e o homem não pode encontrar outro fundamento para a integralidade além do fato da inexpugnável união divina. A moléstia já não ataca ninguém cujos pés estão plantados nessa rocha, que sente, de hora em hora, de momento a momento, o influxo do Sopro Divino. Se a consciência tem consigo a Onipotência, como pode penetrá-la o Cansaço, como pode a enfermidade saltar assim essa centelha indômita?”

“A possibilidade de anular para sempre a lei da fadiga ficou de sobejo provada no meu próprio caso; pois o começo da minha vida tem um registro de muitos, muitos anos de invalidez na cama, com a espinha e os membros inferiores paralisados. Meus pensamentos não eram mais impuros do que o são hoje, conquanto minha crença na necessidade da doença fosse densa e insciente; mas desde a minha ressurreição na carne, trabalhei como curadora sem parar durante catorze anos a fio, e posso em sã consciência afirmar que jamais conheci um momento de fadiga ou dor, não obstante meu contacto contínuo com a fraqueza excessiva, com a enfermidade e as moléstias de todo o gênero. Pois como pode uma parte consciente da Divindade ficar doente? - visto que “Maior é o que está conosco do que todos os que possam lutar contra nós’.”

(James, 1991, p.94-95).

Por estes e outros relatos, James classificou este movimento como religioso. E afirmou a título de ilustração que a maior parte dos adeptos da cura psíquica propõe uma doutrina em que os pensamentos são potentes a ponto de atrair todos os pensamentos do mesmo teor existentes no mundo. Desta maneira, ao pensar, o homem adquire reforços de outros lugares, possibilitando a realização de desejos. É possível, inclusive, receber reforços de forças celestes.

Existem muitos tipos de experiências religiosas e na busca de James pelo tipo mentalmente mais equilibrado, ele afirma que também é preciso avaliar os tipos mais radicais. Também faz uma crítica a determinados posicionamentos a respeito do estudo das religiões, quando afirma que a “primeira coisa que se deve ter em mente é que nada pode ser mais estúpido do que excluir fenômenos da nossa observação, tão-somente porque somos incapazes de participar de alguma coisa parecida com eles” (James, 1991, p. 101). Seja qual for o resultado da experiência religiosa experimentada, nenhuma

crítica deveria projetar dúvidas sobre a experiência humana daqueles que a vivenciam em sua plenitude.

James (1991) foi ainda mais longe quando provocou sua plateia de cientistas diversos (pois o livro é a transcrição de conferências as quais ministrou), afirmando que pouco importava se eles considerassem as pacientes/fiéis como vítimas de suas imaginações ou ilusões, vez que se elas se sentissem curadas por suas experiências se converteriam ao sistema correspondente. Seria igualmente infrutífero subjugar estes métodos em prol de uma terapêutica mais científica. James (1991) afirma que as diversas experiências religiosas estudadas mostram que o universo pode assumir formas tão distintas quanto as seitas e a própria ciência admitem. Afinal, o que seriam todas as confirmações se não concordassem com sistemas conceituais de ideias construídas pelo homem? Portanto, inquirir James, porque se deve presumir que apenas um destes sistemas é o correto?

Como solução, ele propõe que se pode tratar o mundo pelo viés dos muitos sistemas de ideias existentes e que assim é ele ajustado por homens diferentes, originando algum tipo peculiar de utilidade. Afirma que a ciência oferece muitos sistemas de cura e diagnose para muitas doenças. Com a cura psíquica, a religião pode ofertar serenidade, equilíbrio moral e felicidade, atuando na prevenção de doenças, assim como a ciência. Ciências e religião tornam-se, portanto, tesouros para quem as utiliza, sem sobrepor uma a outra.

Diante do exposto em relação às experiências religiosas, pode-se correlacionar os relatos de bem-estar e cura dos benzidos. Muitos procuram as benzedeadas antes mesmo de ir aos postos de saúde, a despeito do materialismo médico. Ou só procuram os serviços de saúde quando assim os aconselham as benzedeadas... não se deve questionar o fenômeno, mas relatar, catalogar. Quanto às benzedeadas, segundo literatura e relatos coletados em nossa pesquisa de campo, elas afirmam que medicina e benzimentos devem trabalhar juntos na promoção da saúde das pessoas.

Em Castro e *et al.* (2016), encontramos que Hipócrates de Cós (460 a.C.), em uma tentativa de conceder um espírito mais científico à medicina e explicar os estados doentes/sãos, criou a teoria da existência de quatro fluidos principais presentes no corpo humano, que precisavam estar em equilíbrio para garantir um estado saudável do corpo (bile amarela, bile negra, fleuma e sangue). O desequilíbrio destes fluidos ou humores era responsável pelo adoecimento. Num período bem posterior, na idade média, a doença era considerada um castigo para quem era pecador.

Ainda no período medieval, Santo Agostinho referia que o homem era constituído por substâncias racionais, resultantes de alma e corpo, ambos criados por Deus. Santo Tomás de Aquino, um dos representantes desse período, escreveu sobre a unidade do composto humano. Ao avaliar o período da modernidade nota-se um interesse crescente pelas ciências naturais. Descartes, imerso neste contexto, postulou a separação total da mente e corpo, sendo o estudo da mente atribuído à religião e à filosofia, e o estudo do corpo, visto então como uma máquina, era objeto de estudo da medicina. (Castro e Cols, 2016, p.40).

Castro e *et al.* (2016) citam a obra *Ética* (obra lançada em 1677), de Espinosa, para falar do dualismo de Descartes sob um outro ponto de vista, pois afirma na obra referida que o pensamento e o corpo pertencem a uma mesma substância - Deus/Natureza -, apesar de distintos. Assim, mente e corpo seriam inseparáveis. Tal consideração teve bastante repercussão no pensamento médico, influenciando-o diretamente e sendo reforçada com as descobertas de Pasteur e Virchow (séc. XIX)¹¹. Portanto, reforçou uma visão reducionista de etiologia das doenças. No final deste mesmo século, Pierre Janet¹², graças a um de seus famosos casos de histeria, sustentou a hipótese psicodinâmica para um processo psicossomático. “Janet acreditava que a dissociação¹³ era o resultado de uma deficiência na energia psicológica *la misère psychologique*¹⁴ (Castro e *et al.*, 2016, p.40).

Com o desenvolvimento da teoria psicanalítica de Freud (a partir do século XX) e o incremento do seu conceito sobre Determinismo Psíquico¹⁵, Castro e *et al.* (2016)

¹¹ No século XIX, a visão dualista foi fortalecida com as descobertas de Pasteur e Virchow (CASTRO et al., 2006), que atribuíram as causas das enfermidades a agentes externos, como microorganismos, o que destaca a importância dos aspectos biológicos em detrimento da mente no processo saúde-doença.

¹² Neurologista, psicólogo e psiquiatra francês que foi um dos pioneiros nos estudos do inconsciente e o fundador de uma corrente conhecida como análise psicológica. Também foi um dos teóricos que estudou o automatismo psicológico e a histeria. A psicologia dinâmica e a psiquiatria dinâmica formaram-se com base em suas teses. <https://blog.cicloceap.com.br/biografia-de-pierre-janet-e-a-corrente-da-analise-psicologica/> (visto em 27/05/2024).

¹³ Para a psicanálise, a dissociação é um mecanismo de defesa primitivo, para se evitar situações de estresse, principalmente situações de conflito ou discussões. Pode estar presente em vários transtornos psiquiátricos, desde estresse pós traumático até transtornos da personalidade. <https://www.doctoralia.com.br/perguntas-respostas/o-que-e-dissociacao> (visto em 27/05/2024).

¹⁴ La misère psychologique = miséria psicológica. <https://translate.google.com/?hl=pt-BR&sl=fr&tl=pt&text=la%20mis%C3%A8re%20psychologique&op=translate>

¹⁵ **Determinismo psíquico** é sinônimo de dizer: "a mente existe"; não é uma causa no inconsciente, mas algo deste para os sonhos, sintomas, determinados por instintos e repressões. interpretação de probabilidade, mas expressa causalidade. O sentido desse princípio é de que na mente, nada acontece por acaso. Cada evento psíquico é determinado por aqueles que o precederam. ... Se compreendermos e aplicarmos corretamente este princípio, jamais admitiremos qualquer fenômeno psíquico como sem significação ou como **acidental**. <https://afontedeinformacao.com/biblioteca/artigo/read/36281-o-que-e-o-determinismo-psiquico>

afirmam que houve um resgate da importância de características internas do homem. A psicanálise, desde o começo, partiu do corpo com os estudos de Freud sobre histeria¹⁶ e conversão¹⁷, onde ele assegura que o ego é, sobretudo, corporal. Mais tarde, em 1917, Grodderck (como Freud, também psicanalista), publicou sua obra, considerada um marco da medicina psicossomática, “Determinação psíquica e tratamento psicanalítico das afecções orgânicas”.

No referido estudo Grodderck afirma que o mecanismo psicológico da conversão histérica pode ser considerado também para outras doenças somáticas, pois, para ele, nenhuma doença é fruto do acaso, todas têm algum sentido. Assim, as doenças seriam uma solução inconsciente problemática para conflitos humanos. Não cabia ao médico a cura, mas contar com o próprio paciente para recuperar sua saúde, pela tomada de consciência do mesmo sobre seus conflitos internos.

Daí nasceram os primeiros estudos da psicossomática. Castro *et al.* (2016) afirmam que, ao longo do tempo, o ser humano foi mudando sua visão a respeito de temas como saúde/doença, mente/corpo. Doenças psicossomáticas põem em cheque a divisão cartesiana que distingue doenças físicas e psíquicas, como se suas naturezas fossem ambíguas. Para Castro *et al.* (2016), não há uma verdade absoluta quando, cientificamente, saúde e doença são abordadas. Mas, é preciso ter uma ampla visão de como tais processos foram mudando as formas de tratamento, gerando muitas vezes insegurança às pessoas e as fazendo confiar nas curas populares e tradicionais.

Esse imbricamento da figura da rezadeira em temas sanitários brasileiros tem origem nas dificuldades pelas quais passamos em

¹⁶ **Histeria**, do grego *hysteria*, significa “**útero**”. Desde o Egito antigo já se achava que o útero era capaz de afetar o resto do corpo. Os egípcios acreditavam que uma variedade de problemas corporais se dava a partir do que denominavam um útero “vagante” ou “animado”. Essa teoria de um útero animado se desenvolveu mais na Grécia antiga, e foi mencionada várias vezes no tratado Hipocrático “Doenças das mulheres”. Platão considerava o útero **um ser separado no interior da mulher**, enquanto Areteu o descreveu como um “**animal dentro de um animal**”, causando sintomas ao “vagar” por dentro do corpo da mulher, criando pressão e stress nos outros órgãos. Deste modo, é evidente, mesmo pela origem do nome e sua relação direta com um órgão do sistema reprodutor feminino, que trata-se de uma doença que afeta, especificamente, a mulher. Tradicionalmente, entende-se a histeria como: Uma **manifestação principalmente física** de diversas formas, como tiques nervosos, espasmos, gagueira, mutismo, paralisias, dores de natureza psicossomática e até mesmo cegueira temporária; Esta **manifestação não tem uma causa física evidente**, o que indicaria poder haver uma **origem psíquica**. <https://www.psicanaliseclinica.com/o-que-e-histeria-conceitos-e-tratamentos/>

¹⁷ O termo **conversão** (em Psicanálise) refere-se a um mecanismo de formação de sintomas regularmente associado à histeria. É uma transposição de um conflito psíquico que busca se resolver e encontra no corpo o local de descarga, gerando efeitos: **motores** (paralisias e tremores, por exemplo) ou **de sensibilidade** (dormências ou dores localizadas, por exemplo). <https://www.psicanaliseclinica.com/histeria-de-conversao/>

termos de saúde pública, uma vez que a saúde é um direito de todos, mas que no Brasil o é mais em teoria do que na prática. (Câmara, 2020, p. 193).

Um exemplo de ressignificação dos processos não científicos de cura são as visões holísticas de saúde dos movimentos da Nova Era, que vêm influenciando muito as concepções contemporâneas de doença e cura. Segundo Guerriero e *et al.* (2020), nesta linha é dada muita importância à saúde como um todo: mente, corpo e espírito. Alguns dos adeptos desta nova concepção chamam de “ciência espiritualizada” esta junção entre ciências e conhecimento mágico-religioso. Daí resulta uma coleção de tratamentos denominados de científicos, mas que segundo Guerriero (2020) se apoiam em diversificadas tradições e crenças religiosas.

Ainda segundo os autores (Guerriero e *et al.*, 2020), uma pessoa pode transitar com tranquilidade entre as terapias holísticas, médicos e curandeiros, sem se sentir incoerente. Pudemos constatar isso nas respostas dos benzidos da nossa amostra. Os autores lembram que a medicina científica, em geral, desmerece sistemas médicos paralelos, especialmente os saberes populares ligados a religiosidades diversas, como é o caso das benzedeadas. Já as benzedeadas não desmerecem a medicina, como pudemos também constatar em algumas de suas falas (os relatos das amostras podem ser verificados mais adiante, no Capítulo 4).

Para Barros e Bonfatti (2016), a Psicologia teria sido proposta como ciência em fins do século XIX, com Wilhelm Wundt (1832-1920) e William James (1842-1910), com uma proposta de se conferir um caráter mais científico, experimental e empírico aos seus estudos. Considera-se, portanto, que esses autores organizaram as bases metodológicas dos estudos da psicologia moderna. No que diz respeito ao relacionamento teórico entre psicologia e religião, assim como a sociologia e a antropologia, a psicologia desde o início esteve vinculada à religião. As primeiras investigações em psicologia focaram, em grande parte, inferências a respeito das religiosidades.

Almeida (2019) ressalta que a espiritualidade é determinante na construção de valores sociais e éticos. É ainda a espiritualidade que capacita os indivíduos a tomarem decisões que os prepara para a convivência social, para o transcendente, para a simbolização, para reflexões sobre a própria existência e sobre os impulsos psíquicos. É também a partir dela que se atende à necessidade de construir sentido para suas vivências cotidianas, para a própria vida e para o universo. Ainda segundo o autor, é

essencial que se estude a função da espiritualidade, pois é nela e através dela que as afluências entre a psicologia e a religião sucedem.

Jung (2011) deixa claro que, ao pensar sobre religião, não faz referência a uma confissão de fé ou instituição religiosa específica, mas a uma experiência com o *numinoso*¹⁸ e à alteração de consciência que resulta dessa experiência. Princípio presente em experiências com plantas consideradas sagradas da medicina popular, como o ritual com a **Ayahuasca**, por exemplo (Corazza, 2016). Trata-se de um chá com potencialidade alucinógena, capaz de gerar alterações na consciência, durante algumas horas – há religiões de origem indígena que utilizam a bebida em seus cultos com o intuito de ‘abrir a mente’ e suscitar visões místicas. É preparado com ervas e rituais considerados sagrados.

Corazza (2016) afirma ainda que ao estudar o prodígio religioso deve-se abnegar da ambição de todo credo religioso: a de ser detentor de uma verdade privativa e infindável e atentar-se à dificuldade do ser humano diante do religioso. Para Jung (2011), o impulso religioso é a procura do homem pela conexão com incognoscível e com o numinoso. Jung entende que, quanto mais unilateral, rígida e incondicional for a defesa de uma verdade, mais o outro lado se tornará hostil e combativo.

Retomando a questão do numinoso, essa experiência de deslumbramento com o que não pode ser explicado, mas sentido, tal fenômeno é relatado pelos inúmeros fiéis que recorrem crédulos aos ‘poderes de cura’ das benzedeadas, que com seus chás, rezas, benzeduras e acolhimento, garantem proporcionar alívio a dores do corpo e da alma. Pessoas com credos diversos, ligadas ou não a instituições religiosas, declarada ou discretamente, as procuram, admiradas e encantadas com seus prodígios de cura. Segundo a bibliografia consultada, a resistência dessas mulheres, primeiro diante da inquisição, posteriormente diante da secularização, como será visto adiante, demonstra no mínimo uma grande fé naquilo que realizam e que aprenderam, com suas mães e avós.

Os benzidos e adeptos do benzimento falam de uma sensação de alívio e de que algo se curou. Para Lisboa (1998), é aí que se dá o princípio do processo de cura, pois

¹⁸ O conceito de Numinoso na Psicologia de Jung é sempre o contato com o desconhecido, com o mistério, como sagrado, e isso normalmente ocorre nos meios religiosos, mas também fora deles. São experiências inexplicáveis que nos mostram que existe muito mais do que podemos conceber racionalmente.

<https://espiritualismouno.com.br/O%20Numinoso,%20o%20Sagrado,%20para%20a%20Psicologia%20de%20Jung.html>

esta deve ser apreciada como um procedimento individual experimentado pelas pessoas nesta relação (curado e curador), considerando-a como recuperação da saúde mediada pela intervenção de um curador (no caso da cura psíquica, o próprio indivíduo). A importância de estudos e pesquisas assim está no aprofundamento em um assunto bastante pertinente à saúde mental pública.

2.3 - Cura e religiosidade popular

Para Cavalcante e Chagas (2013), a cura é o milagre que dá legitimidade ao ofício das benzedeadas, que nas religiosidades populares é uma rotina simples. É uma parceria leal entre divindades e fiéis, concretizada pelas mãos das benzedeadas. Souza afirma que “as curas mágicas com palavras refletiam a velha crença no poder curativo da Igreja Medieval e eram comuns em toda a Europa” (Souza, 2005, p.179).

Silva (2007), afirma que a fé na divindade é quem promove a cura, sendo a benzedeadas aquela que tem o dom de intermediar este fenômeno. Benzedeadas e benzidos da nossa amostra demonstram esta percepção em suas respostas. O reconhecimento deste ofício pela comunidade a qual pertence a benzedeadas, também é imprescindível para legitimar suas práticas de cura. Esta temática é referida por Lévi-Strauss (1975). Mesmo que se considerem as práticas de cura destas mulheres como magia, bruxaria ou feitiçaria, Lévi-Strauss (1975) afirma que não há razão para duvidar de sua eficácia.

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou a vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça.

(Lévi-Strauss, 1975, p.2).

Análises como a da eficácia simbólica, desenvolvida por Lévi-Strauss (1975), evidenciam o sentido do ofício das benzedeadas em seu meio social, que valida seus dons e os considera sagrados. Tais dons sempre associados às práticas de cura, com orações e preparação de remédios extraídos da natureza. Vista desta maneira, segundo

Oliveira (1985), a prática do benzimento é social e política, uma vez que é reconhecida pelos benzidos em suas comunidades e, muitas vezes, fora delas. Algumas das benzedeadas entrevistadas afirmam que pessoas de outros bairros e/ou de outras cidades procuram seus cuidados. “Além de social é política, pois oferece uma forma de combate à tragédia ou à doença dentre outras opções de solução” (Oliveira, 1985, p.49).

Para Cavalcante e Chagas (2013), é neste ponto que entra o confronto entre a medicina popular e a medicina erudita, pois esta relega aquela à marginalidade, reivindicando para si a verdadeira cura. E, também neste confronto, as benzedeadas assumem um papel político, já que seu ofício responde a necessidades que benzidos não encontram na religião nem na medicina oficial. Por tudo isso as benzedeadas sofreram/sofrem consequências negativas de seus ofícios, como serem difamadas como perigosas e malditas, como veremos adiante. Segundo os autores, mulheres que curam com sua sabedoria, como parteiras e erveiras, são atacadas por serem mulheres e por possuírem saberes que escapam ao controle da Igreja Católica e da Medicina.

O ofício da benzeção sintetiza um dos momentos concretos e possíveis em que aparece o confronto popular / erudito, onde a benzedeadas antagoniza o seu conhecimento ao do médico e ao dos padres. O ofício da benzeção é um dos momentos em que a benzedeadas propõe uma releitura da religião e da medicina.
(Oliveira, 1985, p. 74).

Azevedo e Lemos (2018) afirmam que o ser humano, desde sempre, busca de diversas maneiras (míticas ou não), perceber, interpretar e compreender o mundo, para com ele estabelecer uma relação que faça sentido. Uma das formas de interpretar essa relação homem/mundo é o fenômeno da benzeção¹⁹. Para compreender este fenômeno, os autores sugerem que se analise as práticas cotidianas das benzedeadas sob a ótica de uma tipificação de agentes especializados da religião (Weber/Bourdieu) e, ainda, que se compreenda as práticas de benzimento enquanto processo de interação cultural. Para isso, é importante analisá-las em um conjunto de elementos que doam sentido ao contexto da experiência humana moderna.

Em meio à imersão das diversas sociedades globais em um sistema econômico que estimula a racionalização da vida, como primeira instância de compreensão do mundo, encontramos costumes muito antigos como o uso de ervas, chás, benzeduras e outros elementos que permeiam a cultura moderna e estão cheios da religiosidade

¹⁹ Outro termo comumente encontrado na literatura para benzimento/benedura.

popular, ainda bastante utilizada. “Não se pode, contudo, dar a entender que a racionalidade e o consumismo prescindam o simbólico” (Azevedo e Lemos, 2018, p.9). Segundo estes autores, literatura e dados empíricos, simbolismo e racionalismo convivem concomitantemente nas sociedades.

Azevedo e Lemos (2018) afirmam que o benzimento está presente, praticamente, como fenômeno religioso, em toda a história da humanidade, desde que se considere as particularidades conceituais. É uma forma medicinal de tratar grandes e pequenos males de outrem, por meio da utilização da intuição e forças e elementos da natureza. Neste contexto, e utilizando-se da teoria sociológica de Max Weber (Azevedo e Lemos, 2018) no campo religioso, tem-se como objeto de estudo uma ação humana (benzimento) cheia de sentido, que precisa ser compreendida, para que se visualize o sentido do imaginário e subjetivo do sujeito da ação (benzedeira). Seriam, então, as benzedeiras, neste entendimento, agentes sociais especializadas da religião e da cura.

Um outro tipo de abordagem de estudo das benzedeiras enquanto representação social é relacionar este ofício com as noções de sagrado e profano, segundo Eliade (2001). Várias das benzedeiras entrevistadas afirmam ser católicas e que seus dons foram concedidos por Deus. Mesmo assim, dizem que já sofreram preconceito de pessoas que as chamam de macumbeiras²⁰ ou bruxas, o que as deixa consternadas. Uma das benzedeiras, quando procurada, afirmou que não benzia mais porque espíritos malignos a estavam adoecendo.

Quando interrogadas sobre o que é ser macumbeira, elas afirmam que é a pessoa que trabalha com as forças do mal ou algo do tipo. Com as benzedeiras que também são mães-de-santo, não houve esse tipo de relato, mas afirmam que muitos em sua comunidade as temem, especialmente pessoas de religiões cristãs. O que se percebe, então, é uma forte influência dos conceitos de sagrado e profano como foram difundidos pela igreja cristã.

²⁰ “Macumba” era originalmente o nome designado a um grupo de jongueiros. O termo passa a se tornar cada vez mais pejorativo devido ao racismo religioso. Quando a pesquisadora diz que a macumba é o que antecede a Umbanda, ela está falando de uma época em que a religião ocorria de forma oral, sem uma teoria embasadora, que no caso da Umbanda veio com a inserção do kardecismo. A prática era a mesma, o que mudou foi a inserção de valores morais de posição ético-política, e até mesmo sobre o paradigma acerca da funcionalidade da mediunidade. Para **Tatiana Galvão**, a palavra macumba não é um problema, tanto que ela a usa em seu vocabulário. O problema é quando uma pessoa de fora da religião usa o termo “*macumbeira e macumbeiro*” de forma pejorativa. <https://www.mulheresdeluta.com.br/o-que-e-macumba-e-como-mudar-o-sentido-pejorativo-da-palavra/>

Ao refletir sobre a questão do sagrado, Eliade (2001) pensa em questões relacionadas a manifestações de algo que é tornado diferente no cotidiano, diverso do que é comumente palpável e que se legitima como sagrado através de simbolismos de algumas práticas.

Não se trata de uma veneração da pedra como pedra, de um culto da árvore como árvore. A pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas como pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias²¹, porque “revelam” algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o *ganz andere*²².
(Eliade, 2001, p.13).

Sob esta ótica, Azevedo e Lemos (2018) afirmam que qualquer coisa natural – não sobrenatural – que seja vista de um jeito diferente do que é considerado normal, seria sagrada. Os autores citam Rudolf Otto para falar da proximidade teórica com o sagrado de Eliade, quando falam em numinoso. O que determina, para estes autores o sagrado, a hierofania, o numinoso é exatamente o modo como se vê o fenômeno. Em sociedades muito antigas a percepção do humano era muito pequena, principalmente em relação ao mundo gigantesco que os circundava. O mundo desconhecido pode ser sagrado, mas também profano:

Remete a uma percepção universal de que existe um todo (o universo, o cosmos) que é sagrado, e uma realidade particular (a terra, o cotidiano) que é profana. Para buscar entender tal perspectiva, pode-se classificar o sagrado como saúde, felicidade, bem-estar, alegria, realização, ser aprovado em um grupo, em um concurso; de mesmo modo, profano significa doença, sofrimento, dor, traição, reprovação, acidente. O que se quer entender, então, por sagrado e profano está relacionado a duas percepções que, para Eliade (2001), pressupõem uma percepção específica do *homo religiosus*, do homem ligado às religiões.
(Azevedo e Lemos, 2018, p.57).

Para os autores, as benzedeiras encontram-se, simbolicamente, em profunda relação com os dois mundos, sagrado e profano, pois eliminam o mal e manifestam-se pelo bem. Elas buscam fazer triunfar o bem sobre o mal. O espaço sagrado onde atua

²¹ “Hierofania (do grego hieros – sagrado mais faneia – manifesto) pode ser definido como o ato de manifestação do sagrado. O termo foi cunhado por Mircea Eliade em seu tratado sobre a história das religiões para se referir a uma consciência fundamentada da existência do sagrado, quando se manifesta através dos objetos habituais de nosso cosmos como algo completamente oposto do mundo profano” (Azevedo e Lemos, 2018, p.56).

²² Traduzido do alemão: *ganz andere* = completamente diferente.

https://translate.google.com/?hl=pt_BR&sl=auto&tl=pt&text=ganz%20andere&op=translate

uma benzedeira é onde ela manipula o profano ou força negativa do mundo trazida pelo benzido. Esta capacidade lhes confere aceitação social e validação de seu ofício. Assim, as benzedeiros promovem reordenamento de um mundo e/ou de uma vida caóticos, estressantes, por meio de suas orações e bênçãos, ativando uma nova sensação na mente e na vida dos consulentes. Transforma o profano em sagrado.

Assim como a medicina não oficial, as benzedeiros também estão inseridas num contexto de religiosidade não oficial. Em outras palavras, religiosidade não aceita pela Igreja Católica (e outras manifestações cristãs advindas da Reforma Protestante), tornando o benzimento um fenômeno constitutivo da religiosidade popular no Brasil. É um fenômeno que tem a mesma raiz de outros fenômenos culturais e populares. Por tudo isso, sofrem resistências não só culturais como também religiosas, para se firmarem perante suas comunidades.

Medicina e religiosidade populares perpassam igualmente pelo campo de estudo das benzedeiros. É interessante que se faça um breve visto sobre o Brasil Colônia, berço da colonização europeia e catolicista. Os jesuítas foram os primeiros a trazer o catolicismo para o Brasil e catequizar os povos que aqui já habitavam. Este padroado, em sintonia com a Monarquia, facilitou também a admissão da escravidão. Segundo Souza (1982), por este motivo, em suas origens, a cristandade no Brasil era meramente mestiça e conflitante.

No caso das benzedeiros, enquanto representantes da religiosidade popular, elas surgiram em meio a uma religiosidade marcadamente colonial. Azevedo e Lemos (2018), lembram que a busca de cura pela humanidade na natureza e em forças divinas foi perpetuada por indígenas, portugueses e africanos. Foi nesse prelúdio que o catolicismo popular seguiu, mesclando-se às muitas religiosidades presentes no Brasil colônia. Ao final do século XVI, com a chegada da Inquisição Católica ao Brasil, reisados, congadas, folias e rituais foram perseguidos, mas perduraram. Dentre estas práticas perseguidas, estavam práticas de adivinhação e cura.

Nesse conjunto de considerações, nota-se, por fim, que a religiosidade popular afetou e foi afetada pelo catolicismo oficial. Não obstante, há registro de que índios “benziam”, a seu modo, negros “benziam”, a seu modo, e portugueses “benziam”, a seu modo. Em vez de uma adesão em massa à santa missa e aos devocionários, incorporavam-se algumas orações que figuras como as benzedeiros, a seu modo, faziam uso em sua prática religiosa popular. (Azevedo e Lemos, 2018, p.65).

Alguns pressupostos ajudam a delinear o formato da religiosidade popular. O primeiro deles é de que o Brasil não é um país de doutrinas homogêneas. Além disso, nem o catolicismo, enquanto religião oficial, se desenvolveu fiel às suas origens. Um terceiro ponto, e não menos importante, é o de que o campo das religiosidades brasileiras é muito rico e multifacetado e assim deve ser estudado.

Fazendo uma atualização desse catolicismo, Teixeira e Menezes (2009) trazem uma visão mais ampliada, afirmando que nas últimas três décadas (devemos considerar 2009 como referência temporal) revelou-se no Brasil um movimento de diversificação religiosa, com o crescimento de ‘pentecostais’ e ‘sem religião’, destacando-se, ainda, o trânsito de fiéis por diversas denominações religiosas. Segundo os autores é um cenário complexo e multifacetado, onde o catolicismo é a religião que mais ‘fornece’ fiéis a outros credos, talvez por ser a religião mais flexível à diversidade (catolicismo brasileiro).

Esse pluralismo do catolicismo e de outras religiosidades brasileiras se apresenta no discurso e nos altares da maioria das benzedeadas entrevistadas (e em ampla literatura estudada). Maior parte delas se denomina católica e teme outras religiosidades. Apesar disso, muitas utilizam imagens e guias de orixás, instrumentos indígenas e elementos ritualísticos de diversos segmentos religiosos.

Nada mais presente, mais universal, mais solidamente estável e conservador, mas também mutável e transformador do que a *religião*. Aqui, a vemos única e quase imutável em um grupo social das dimensões de nossas tribos indígenas da Amazônia. Ali a vemos múltipla, dentro de uma mesma tradição religiosa ou no entrecruzamento de várias delas. Em uma, um apelo fundamentalista e quase sectário à exclusividade; o número restrito e controladamente prescrito de fiéis separados de todos os outros, como quem navega em uma barca na qual somente cabem, para sempre, os que lá estão. Em outra, uma casa ampla, com as portas e janelas sempre abertas e escancaradas, aonde chega quem quer que seja e de onde venha. (Brandão, 2009, p.13-14).

Falando sobre diversos ritos da religiosidade popular, como a prece, a romaria, a folia, Brandão (2009) também fala da bênção, característica marcante, como visto, no ritual de cuidar das benzedeadas. Assim como a prece (pequeno rito pessoal, mais livre e voluntário), a bênção é um pequeno rito, mas comumente vivenciado entre duas pessoas (mas também possível com grupos ou multidões). Um filho pede a bênção a seu pai, que

o abençoa, quase sem perceber, por ser um ritual muito corriqueiro em muitas famílias e comunidades. Entre os espíritas pode ser chamada de passe. Para as benzedeadas, o ofício de uma vocação.

Portanto, o autor afirma que, de uma maneira ou de outra, todos benzem. A clientela fiel de um benzedor busca em seu gesto a invocação da proteção de um poder do sagrado. Brandão (2009) traz um exemplo de benzedeadas católicas denominando-a como profissional do ofício. Ela não dá passes e atribui, com respeito, esta prática aos médiuns espíritas, do mesmo modo que um padre tem um tipo de bênção que pertence apenas a ele.

Segundo Brandão (2009), somos uma nação pluricultural que abriga múltiplas religiões, linguagens e etnias. Ainda assim, do mesmo modo que a língua, a religião é um dos sistemas mais universais entre os seres humanos. “Até onde sabemos, não existe povo algum, por ‘primitivo’, simples e isolado que seja, que não tenha um sistema de crenças, de preceitos e de cultos” (Brandão, 2009, p.12). Segundo o autor, nada é mais universal ou mais presente que a religião. É um fenômeno social cheio de paradoxos, é estável/mutável, é conservador/transformador. Seja como for, faz-se presente. Até a não crença tem como antagonismo, a crença.

Falando sobre as religiosidades, tradições e confissões religiosas mais presentes no Brasil, Brandão destaca o catolicismo como uma das muitas confissões de uma religião maior, o cristianismo. Este catolicismo no nosso país guarda uma grande multiplicidade cultural, ideológica e espiritual, mas que é organizado e vivido a partir de uma igreja, definida como Igreja Católica. Por outro lado, é importante salientar que, sem se opor, ou se situar fora, mas a margem dessa igreja, encontra-se o catolicismo popular. Lugar em que se encontra maior parte das benzedeadas entrevistadas e encontradas em literatura de pesquisas similares. Este catolicismo é igualmente múltiplo, polissêmico e mutável.

Alves (2017) nos lembra que o saber das benzedeadas faz parte do conhecimento popular, embora pertença ao campo da saúde. Também afirma que essa sabedoria não se opõe à medicina técnica ou à ciência (este fato é constatado nas falas das benzedeadas da amostra) e que sobrevive por mérito das tradições femininas ainda mantidas nos dias de hoje, como veremos adiante. Mesmo os rezadores homens, dentre os que encontramos, afirmaram ter aprendido seu ofício com mulheres, normalmente suas mães (de sangue ou de santo) e avós.

Priore (2011) garante que essas mulheres e sua sabedoria são responsáveis pela conservação de certas tradições. Alves (2017) compartilha desta afirmação quando afirma que a busca dos mais diversos tipos de tratamentos com benzedeadas, a busca pelo seu modo de cuidar, apesar dos recursos da medicina técnica atual, reconectam os benzedeados com suas tradições mais antigas do modo de cuidar, mesmo sem abandonar os tratamentos mais elaborados e técnicos da medicina.

Esse saber informal, transmitido de mãe para filha, era necessário para a sobrevivência dos costumes e das tradições femininas. Conjurando os espíritos, curandeadas e benzedeadas, com suas palavras e ervas mágicas, suas orações e adivinhações para afastar entidades malévolas, substituíam a falta de médicos e cirurgiões. Era também a crença na origem sobrenatural da doença que levava tais mulheres a recorrer a expedientes sobrenaturais; mas essa atitude acabou deixando-as na mira da igreja, que as via como feiticeiras capazes de detectar e debelar as manifestações de satã nos corpos adoentados. Isso mesmo quando elas estavam apenas substituindo os médicos, que não alcançavam os longínquos rincões da colônia. (Priore, 2011, p.81).

Paradoxalmente aos avanços da biotecnologia, da medicina, das pesquisas em saúde, com tratamentos de cura que antes pareciam impossíveis, o ofício das benzedeadas resiste. Mulheres e homens que, segundo Cavalcante e Chagas (2013), sustentam tal prática cultural de cura pela via espiritual. Este fenômeno de resistência, para estes autores, pode estar relacionado à complexidade do ser humano, resultando a doença não só de um fato físico e biológico, mas também emocional. A individualidade do ser humano traz diferentes dimensões aos sintomas e às respostas de enfrentamento a estes, levando-o a buscar ritos e símbolos que tornem sua vida mais agradável. Procuram, então, o benzimento, como forma de atender a necessidades que religião e medicina, isoladamente, não atendem.

A discussão da relação mente/corpo, bem como os conceitos de saúde e doença, sempre foram alvo de interesse histórico. Civilizações muito antigas, como a assírio-babilônica, por exemplo (Castro e *et al.*, 2016), associavam doenças e demônios; na mitologia dos gregos, divindades eram vinculadas à saúde; os xamãs (assim como nossas benzedeadas), eram considerados mediadores entre as forças do cosmos e o doente.

Gadamer (2011) afirma que as esferas da ciência sempre se entranham na vida do ser humano e, quando se trata da atenção do conhecimento à saúde, a pessoa, então,

não se torna objeto somente da perspectiva científica, pois cada um tem suas experiências e costumes. Os problemas do cuidado com a saúde representam um aspecto importante, pois a preocupação com a mesma, como visto, é um fenômeno primordial do ser humano. O médico é aquele que não é o curandeiro de outras culturas, aquele ser cercado pelo mistério de forças mágicas, ele é o homem da ciência.

Aristóteles utiliza justamente a medicina como exemplo padrão da transformação de simples coleção de ser-capaz-de-fazer e saber, baseada na experiência, em verdadeira ciência. Mesmo quando o médico, em casos isolados, está em condição inferior em relação ao curandeiro experiente ou à curandeira, seu saber é, fundamentalmente de outra ordem: ele sabe sobre o geral. Ele conhece o motivo pelo qual uma determinada técnica de cura tem êxito. Ele entende seu efeito, porque acompanha o contexto geral de causa e efeito. (Gadamer, 2011, p.40).

Gadamer (2011) questiona: Até que ponto o sucesso de uma cura se deve ao tratamento especializado do médico? Até que ponto a própria natureza contribui para tal sucesso? Trazendo para o contexto das benzedeadas, até que ponto o benzimento cura? Muitas destas questões têm respostas que são hipóteses levantadas. Até que ponto o médico realmente conhece a razão pela qual uma técnica de cura obtém sucesso? Seja por tratamento médico ou por benzimento, muitos fatores estão envolvidos num processo de cura para determinados problemas. Para quem procura cuidados, o que importa é livrar-se do incômodo e recuperar a saúde.

Segundo Sousa (2014), historiadores afirmam que, por desconhecimento do funcionamento fisiológico das mulheres, a saúde das mesmas era negligenciada e seus corpos eram alvo de valores religiosos envolvidos por sentimentos de pecado e culpa. Assim, elas começaram a buscar meios de curar e cuidar de si mesmas e a quem as rodeava. Ainda há lugares mais isolados no Brasil onde a atuação das parteiras, por exemplo, é indispensável. No Brasil colonial, este era o conhecimento predominante. Mulheres que buscavam em seus quintais e nas plantas a construção de práticas de cura e cuidados eram discriminadas tanto pelos médicos quanto pelos religiosos.

Oliveira (2014) cita autores que atestam que, devido à ausência de padres para a “cura de almas” e de médicos para a “cura do corpo”, eram as rezadeiras que auxiliavam aqueles que as buscavam para tratar de doenças. Para Nava (1949, p.21): “Falta de médicos de um lado e abundância de doenças de outro tinham de dar como resultado a proliferação dos numerosos autodidatas dos quais provém a nossa medicina popular

(...)”. Souza (1982) afirma que pessoas de origens africanas e indígenas representavam as curandeiras do Brasil Colonial, destacando mulheres conhecidas por benzedeadas ou rezadeiras e também as parteiras.

Figuras como as das benzedeadas se fizeram presentes por dois motivos básicos, primeiro, pela ausência de médicos que cuidassem das doenças tropicais, depois, pela dificuldade que nativos, escravos e imigrantes portugueses tinham de incorporar as práticas oficiais católicas de reza e de cura e de reza pela cura. (Azevedo e Lemos, 2018, p.65).

Câmara (2020) nos lembra que, se revisitarmos o poder ancestral do poder de cura das mulheres, presentes em diversas culturas e civilizações mundo afora, logo voltaremos nosso olhar às benzedeadas, como representantes de agentes de cura e cuidado. São as mulheres e sua sabedoria ancestral aplicada à arte de curar que vem dos tempos mais remotos. As pessoas sempre buscaram soluções para seus problemas mentais, físicos e espirituais. E quase buscaram essas soluções a partir da utilização de orações, rituais e fitoterapia executados por mulheres que eram conhecedoras destas práticas. Segundo a autora, as bruxas, como veremos adiante, eram nossas parteiras e curandeiras, em uma sociedade que sempre necessitou e recorreu a elas.

Consoante o que supra expomos, contrariando o que comumente fez-se crer, a bruxa ancestral nunca foi sumariamente erradicada como se pretendia. Ela seguiu existindo atualizada e camuflada sob outros nomes; no Brasil, foi rebatizada como curandeira, rezadeira, benzedeadas, mezinheira e parteira. Faz-se necessário explicar que o fato de nos referirmos reiteradas vezes a mulheres aqui não quer dizer, em absoluto, que não existam rezadores, benzedeadas, mezinheiros, curandeiros ou parteiros, mas são os homens tão menos referenciados nesses ofícios, pelo que concluímos do levantamento bibliográfico que fizemos para trabalhos acadêmicos anteriores nessa temática, que preferimos restringir o escopo de nossa investigação às mulheres que se dedicam a curar e proteger outrem através de rituais de benzimento. (Câmara, 2020, p.191).

Segundo Calheiros (2017) e Santos (2007), na religiosidade das benzedeadas é marcante a adoração aos santos (as) do catolicismo popular, pois é através da fé em seus poderes de intermediação com o sagrado que pessoas são curadas, obtendo o equilíbrio entre corpo e alma. Segundo estes autores, as doenças mais cuidadas pelas benzedeadas são dor de cabeça, espinhela caída, mau olhado, moleza no corpo, etc. Heberlê (2013) afirma que esta medicina popular faz uso de um grupo de conhecimentos e ações

considerados patrimônio cultural da população. Tais curandeiras ocupam um importante lugar informal devido, sobretudo, à falta de promoção de alguns serviços de saúde, ao preço alto dos medicamentos e, ainda, a uma dificuldade na comunicação entre pacientes e profissionais de saúde.

É importante entender a sobrevivência das práticas de benzimento, mesmo diante dos avanços da medicina técnica. Entender, ainda, como tais tradições da medicina popular permanecem presentes na vida das pessoas.

3. A Mulher na História: papéis femininos ligados à cura e ao sagrado

Para que se tenha uma melhor compreensão sobre a história das benzedeadas é necessário que seja construída uma mínima visão histórica da mulher e sua relação com o sagrado e processos de cura no interior da história humana geral. Neste capítulo, vários papéis desenvolvidos pelas mulheres ao longo da história, relacionados à cura, à religião e/ou ao místico serão brevemente abordados. Desde o matriarcado das tribos primordiais, passando pelas bruxas queimadas pelas fogueiras da inquisição e chegando às benzedeadas, será importante compreender a jornada feminina e se esta contribuiu na manutenção das práticas de cura, como as conhecemos na atualidade.

3.1 - Papéis Femininos e o Sagrado: deusas, heréticas, bruxas, santas e benzedeadas.

Seria possível delinear todos os espaços que as mulheres já ocuparam ou ocupam no meio social, especialmente os relacionados ao sagrado? Talvez não neste estudo. Mas podemos, sim, falar brevemente daqueles que permeiam toda a pesquisa bibliográfica que se segue, para que não se percam os objetivos aqui pretendidos. Seriam estes papéis, a princípio: deusas, heréticas, bruxas, santas, benzedeadas.

a. Deusa

Segundo o Dicionário Michaelis online, temos as seguintes conceituações:

- a. Cada uma das divindades femininas nas religiões politeístas; deia, deidade, diva; b. Mulher adorável; mulher de grande beleza física; c. Mulher que personifica os anseios e os valores de um grupo social²³.

Para Ribeiro (2008), de acordo com determinadas práticas religiosas e culturais vigentes é que a deusa arquetípica manifesta-se. Em tempos anteriores à agricultura, no Período Paleolítico (ou Neolítico segundo autores que veremos adiante), o poder da

²³michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/deusa/ - consultado em 06/03/2024).

terra estava associado a forças cósmicas e uma deusa “Suprema, absoluta e inelutável força corpóreo-espiritual que exercia influências em todas as ações humanas (...) incorporava a materialidade, a beleza, a grandeza e a fertilidade da natureza” (Ribeiro, 2008, p.104). Woolger (1994) conceitua deusa como:

A forma que um arquétipo feminino pode assumir no contexto de uma narrativa ou epopéia mitológica, [...] o que vale dizer, fontes derradeiras daqueles padrões emocionais de nossos pensamentos, sentimentos, instintos e comportamento que poderíamos chamar de ‘femininos’ na acepção mais ampla da palavra. Tudo o que pensamos com criatividade e inspiração, tudo o que acalentamos, que amamentamos, que gostamos, toda a paixão, desejo e sexualidade, tudo o que nos impele à união, à coesão social, à comunhão e à proximidade humana, todas as alianças e fusões, e também todos os impulsos de absorver, destruir, reproduzir e duplicar, pertencem ao arquétipo do feminino.
(Woolger, 1994, p. 15-16).

b. Herética (o)/Herege

No Dicio, Dicionário Online de Português, temos a seguinte definição: “Herege; indivíduo que se opõe aos dogmas estabelecidos pela igreja”.²⁴ No caso, vale especificar, este termo refere-se à igreja católica, como veremos. Pieroni e Martins (2017) vêm lembrar uma história em que heresias – e, obviamente, seus praticantes – eram/são movimentos e comportamentos destacados socialmente como afrontosos e desviantes, que mancham a ortodoxia da Igreja Católica.

Quem determina o que é considerada uma conduta herética (ou fora da lei), legitimando sua criminalização? Segundo Pieroni e Martins (2017) é quem detiver o poder econômico e político. Numa época que se encontra entre os séculos XIV e XVIII (período em que altar e trono uniam-se para deter o poder e combater a heresia), a Igreja e o Estado executavam, juntos, práticas de controle do comportamento dos hereges não dentro de cárceres, mas publicamente, para que seu suplício servisse de exemplo e simbolizasse, para todos, as consequências sofridas por quem fosse de encontro às leis. “O herético deve ser punido de penas severas, numerosas, diversas, porque ele traz prejuízo a todos, porque o que é cometido contra a divina religião é uma injúria contra toda a comunidade: é um crime público.” (Pieroni e Martins, 2017, p.66).

²⁴ dicio.com.br/heretico/ - consultado em 07/03/2024.

c. Bruxa

Pesquisando no Michaelis Online encontramos:

a. Mulher que, segundo a crença popular, tem o poder de empregar forças sobrenaturais para influenciar ou dominar outras pessoas por meio da magia, em geral para causar danos ou malefícios; mulher dada a práticas de prever o futuro e fazer sortilégios; b. Mulher muito velha e feia; bruaca, jabiraca, megera; c. Mulher mal-humorada e rabugenta; rabuja, ranheta, ranzinza; d. Boneca de pano ou de trapos; e. Pavio de lamparina; f. Denominação comum a várias mariposas de diferentes famílias, de coloração escura e envergadura superior a 10 cm. g. Mariposa (*Ascalapha odorata*) da família dos noctuídeos, que ocorre no Canadá, nos Estados Unidos da América e na América tropical, com cerca de 13 cm de envergadura e coloração marrom-escura, com desenhos ou manchas mais claras²⁵.

Em alguns destes verbetes chama a atenção a atribuição do termo a uma aparência desagradável, principalmente em mulheres idosas. Silva (2019) justifica o fato de mulheres com mais idade serem alvos mais prováveis das acusações de bruxaria. Primeiro, as suspeitas contra elas duravam vários anos. Até aí já haviam atingido cerca de 50 anos, idade avançada para a época. Por estarem mais fracas fisicamente, seriam mais propensas a fazer pactos em troca de proteção. Neste sentido, as mulheres pobres também eram culpadas por diversos males que acometiam o meio onde viviam, como a epidemia da Peste Negra, por exemplo. Estas eram mais propensas a pactuarem com o Diabo em troca de melhora de vida. Curiosamente, atende ao perfil da maioria das benzedeadas encontradas.

d. Santa

²⁵ michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bruxa/ - consultado em 07/03/2024

Do Michaelis Online, temos: “a. Mulher que a Igreja canonizou. b. Imagem de mulher que foi canonizada. c. Mulher que se distingue pela extrema bondade e pela prática habitual das mais altas virtudes.”²⁶

Soares (2019) cita pesquisadores como Pedro Vilas Boas Tavares e André Vauchez, em estudos que abordam caminhos relativos à santidade feminina e de como, muitas vezes, este se configurava num caminho de escape das intervenções de punição da Igreja e a única forma de projeção social positiva da mulher, à época do poderio altar/trono. Os autores trazem à baila situações que envolvem trapaças e manifestações místicas (supostas, segundo Tavares) afirmando que estas situações configuravam:

...possibilidades e modelos de afirmação de santidade na Igreja, confirmando a ideia de que a condição da beata constituiria talvez a única forma de projeção feminina em uma sociedade religiosa e patriarcal, ao analisar a santidade no Ocidente no final da Idade Média, revela a tendência a uma espécie de heroísmo ascético, que valorizaria todo aquele que de algum modo vivenciasse tal experiência. O pensamento medieval idealizava um herói consagrado, presente, entre outros, na imagem do ser santificado capaz de renegar os valores mundanos, ou, segundo Vauchez, alguém “que se abstém de tudo aquilo de que os outros homens desfrutam, praticando a castidade e o ascetismo a um nível extremo e vivendo na penúria física e na renúncia”.
(VAUCHEZ, 1987, p.224 *apud* Soares, 2019, p.82)

e. Benzedeira

No Dicio, Dicionário Online de Português, encontramos: “a. Mulher que pretende curar doenças com benzeduras; b. Bruxa, feiticeira.”²⁷

Moura (2011) e outros autores afirmam que nas mais diferentes regiões do Brasil é possível encontrar a participação de mulheres e também de homens que estão submergidos em práticas de cura e bênçãos, que chama de não oficiais, as benzedeiras e benzedores. Estes são considerados indivíduos portadores de poderes especiais, que dominam as forças que desencadeiam desequilíbrios físicos, emocionais e espirituais. “Por meio de benzimentos, garantem o funcionamento da normalidade desejada, rompendo-se com o desequilíbrio ameaçador da existência” (Moura, 2011, p. 240).

²⁶ michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/santa/ - consultado em 07/03/2024.)

²⁷ dicio.com.br/benzedeira/ - consultado em 07/03/2024.

Moura também cita o Dicionário do Folclore Brasileiro, onde afirma que não encontrou os verbetes benzedor/benedeira, mas localizou o verbete, rezador:

Indivíduo com poder de proteger as pessoas contra as doenças e outros males pela reza. Usa água benta, galhinhos de certas plantas, acende velas enquanto vai rezando, às vezes com expressões ou versos incompreensíveis. Muitas vezes, o rezador é benzedor e curandeiro, recomendando o uso de beberagem, emplastos, purgantes e chás. (Cascardo, 2000, p. 588 *apud* Moura, 2011, p.344).

*

*

*

Temos a partir destes conceitos, diferentes concepções do feminino para o nosso contexto. Borges (2017) afirma que deslocar-se entre ideias sobre o feminino pode parecer difícil e bizarro, uma vez que não é simples definir num só predicado o sentido do ser mulher, já que comumente as diversas percepções destes atributos são contraditórias. Tal façanha só seria possível quando são tratadas mulheres reais que, mesmo oprimidas, seguem construindo suas diversas identidades no meio social, como é o caso das benedeiras.

Segundo a autora, focalizar intenções e subjetividades do feminino, quando se pensa sobre comportamentos adotados, é indispensável para que se desenhem papéis geradores de um modelo social como um fato histórico. Borges afirma que o princípio da visão histórica do feminino ocorre por volta do século XVIII, momento no qual se procura o conhecimento baseado na vida em determinado contexto social. Socialmente, pode-se falar do papel da **bruxa**:

Até o século XIX, as autoridades, sempre representadas pelo mundo masculino, classificaram as mulheres que interagem de alguma maneira com o universo da cura como *bruxas*, numa percepção de entendimento característico do Medieval, período em que a Igreja opôs-se ferozmente aos meios femininos de curas. Mesmo mais tarde, quando persistia uma medicina científica incipiente e bastante confusa, havia a oposição ao saber feminino e a exclusão às suas práticas de curas. Eram criticadas, pelo poder institucionalizado, numa tentativa de ocultar seus conhecimentos sobre as ervas e drogas, num tempo em que os médicos baseavam seus diagnósticos na astrologia e na alquimia.

(Borges, 2017, p.49).

Fica claro que, em tal período, aquelas que hoje conhecemos como *benzedadeiras*, eram consideradas bruxas e *hereges*. Mas, até mesmo as mulheres que trabalham com cura, como veremos com as que foram entrevistadas, abominam tais denominações e sentem-se ofendidas se forem comparadas a bruxas ou hereges. Borges (2017) nos aponta que a análise do *feminino*, a depender do fim pretendido, pode receber significações positivas ou negativas. Na citação logo acima nota-se que a igreja católica e a medicina científica do século XIX, mesmo esta última ainda precária, rechaçavam o saber feminino.

Num contraponto, Borges cita Jung, que conceitua o feminino como uma personificação de um aspecto do inconsciente humano, denominado *anima*, que representa também “um sonho quimérico de amor. No plano místico, feminino é responsável por animar a carne, representa o terrestre” (Borges, 2017, p. 49). Para a autora, qualquer que seja a abordagem, não se deve conceber o feminino apenas no campo biológico, mas a partir de contextos sociais.

A Igreja Católica, a partir do século XIII, condicionava a exaltação às mulheres a uma ótica de pureza assexuada difícil de ser concretizada. Segundo Borges (2017), as mulheres eram portadoras de poderes [saberes], o que as fazia oscilar entre *santas* e *heréticas*. A partir do século XIV a mulher passa a ser ostensivamente demonizada, como veremos logo adiante.

Em 1484, inquisidores dominicanos redigem o manual *Malleus Maleficarum*, para o reconhecimento de bruxas. Nas observações ali registradas quase tudo incriminava a mulher. Era possível acreditar que uma senhora feia, velha, com uma cabeleira mais eriçada já era suficiente para delatar sua característica de bruxa. Na visão da igreja católica, a persistência do paganismo expressa no culto à Deusa mãe, a Deusa terra, também era entendido como herético. A acusação contra bruxas não era pelo mal que elas poderiam causar contra as pessoas, pois isto era quase impossível incutir no povo, que se via beneficiado por cataplasmas e infusões – a acusação era pelo sentimento de traição e ofensa contra a Igreja Católica. Tudo indica que a grande ofensa, a grande afronta, era a possibilidade de adoração que não fosse ao pai ou ao filho: o ente masculino. (Borges, 2017, p.50).

No intuito de manter o poder do *masculino*, a Igreja estabelece a inquisição. Borges (2017) afirma que o Santo Ofício, a partir de 1542, passou a influenciar e dominar todos os âmbitos sociais, combatendo ao que entendiam como heresia e às mulheres, que foram ardilosamente perseguidas, torturadas e queimadas (cerca de cem

mil). Assim, fazendo uso da violência, concretizou-se a supressão da mulher. No entanto, permaneceu presente no imaginário coletivo, a simbologia divina do feminino. Elas não foram esquecidas e continuaram exercendo um papel social associado ao conhecimento das ervas (magia e cura):

Em todas as épocas, as mulheres se destacaram pelo conhecimento das propriedades curativas, venenosas, afrodisíacas ou alucinógenas das plantas. O contato com a natureza, com a terra e com o que ela produzia sempre foi exercido pela mulher e se a charrua passou a agricultura para as mãos masculinas, isso jamais impediu que a mulher plantasse ou colhesse para a sobrevivência ou em prol da saúde.
(Barros, 2001, p.337).

Para este estudo é de sumo interesse as análises a respeito do comportamento religioso/espiritual da mulher no âmbito privado e, especialmente, no público. Tais análises apontam, dentre outros aspectos, para uma noção de sujeito público que desenvolve ofícios, como os de benzedeiras e parteiras, por exemplo. Segundo Borges (2017), elas aprenderam a manipular ervas nativas medicinais com suas mães e avós. E esta sabedoria vai se acumulando e se desenvolvendo de geração a geração. São mulheres efetivamente submergidas no intuito de resolver problemas relacionados, inclusive e principalmente, com sua condição de mulheres.

Uma questão bem importante, levantada por Borges (2017), é o fato de esse universo da cura permanecer, comumente, relacionado ao feminino. Segundo ele, o fato de o corpo feminino ser anatomicamente diferente do masculino, não deveria limitá-la. Neste sentido, podemos nos transportar ao Brasil Colônia, para ilustrar o imaginário que envolvia o corpo e os conhecimentos de anatomia e cura, especialmente da mulher, citando Sousa (2014).

O conhecimento que predominava no Brasil de então era o religioso, envolto numa aura de pecado e alvo fácil para feitiços. Del Priori (2011) afirma que mulheres que curavam eram consideradas aliadas do Diabo, enfeitiçadas e feiticeiras. Esta visão, compartilhada por religiosos e médicos, não contemplava o fato de que os processos de cura praticados por elas salvaram a muitos, principalmente onde havia/há pouquíssimos médicos para atender à população.

Mulheres com olhar treinado para buscar em suas hortas e nas plantas, soluções para praticar a cura e cuidados com o próprio corpo, eram repulsadas por médicos e religiosos, uma vez que eles entendiam que o conhecimento acerca do divino “se

constituía como privilégio de poucos, somente daqueles escolhidos por Deus, não admitiam que mulheres invadissem tais espaços na tentativa de se apropriar destes saberes, a exemplo de curandeiras e benzedoras” (Sousa, 2014, p. 24-25).

Ainda neste sentido, o corpo da mulher era visto apenas como um receptor do sagrado masculino, com fins de gerar filhos. As mulheres sábias, que mesmo sem acesso aos estudos conheciam da anatomia feminina, realizando curas com chás e unguentos, bem como partos, eram rotuladas de aliadas do Diabo, de feiticeiras, como destaca Del Priori (2011). Nesse interim, as mulheres tiveram a oportunidade de compartilhar, umas com as outras, saberes sobre seus próprios corpos, vindos das mais diversas áreas geográficas. Mulheres de várias etnias trocavam conhecimentos preciosos a respeito de procedimentos de cura e conseguiam restaurar a saúde e a vida em suas comunidades.

No plano teórico, é preciso buscarmos uma atitude analítica e diferenciada metodologicamente que contribuirá para o processo explicativo do que foi representado como feminino através dos séculos; o modo pelo qual a mulher estaria presa *num destino feminino*. A partir desse entendimento, é possível desconstruirmos as ideologias que moldam as mulheres como o feminino sem identidade e individualidade própria. Por meio da História Social, apreendemos que a imagem do ser feminino é criada em mil faces, formas e características, variando conforme as intenções ou desejos de quem pretende criar o estereótipo do feminino, expressado no juízo e pela vista do universo social masculino. (Borges, 2017, p.50).

Portanto, é preciso que se faça uma amostragem entre estereótipos e papéis reais do feminino, ao menos aqueles que ajudem a delinear o escopo do presente estudo. Assim como Borges (2017), que afirma que deslocar-se entre ideias sobre o feminino pode parecer difícil, D’Arádia (2018) afirma que realizar um diálogo em que as palavras divino, sagrado, sacralidade e feminino estejam presentes, pode ser muito complicado, devido à contextualização das mesmas, como vimos até aqui.

3.2 - Poder e Não Poder das Mulheres: Poder Biológico *versus* Poder Cultural

Para Arádia (2018), falar de poder biológico da mulher é adentrar num universo onde o sagrado, o feminino e a Terra se conectam, onde são lembrados os primórdios

da existência da humanidade, quando se vivia em cavernas e se era nômade. Segundo a autora, antropólogos, analisando pinturas rupestres, foram capazes de compreender a organização social, a vida e a fé do homem primitivo. Em continentes distintos ao longo do planeta, foram encontrados registros arqueológicos com padrões de pintura referentes ao feminino e ao masculino.

Arádia (2018) cita a tendência de símbolos fálicos serem pintados ao redor de gravuras femininas. Considera, portanto, que as mulheres da Era Paleolítica eram consideradas sagradas. Eram admiradas, por exemplo, por sangrarem e continuarem vivas, gerar vidas e prover seu alimento. Essa anatomia feminina, neste período, dava a mulher um sentido divino.

Segundo Muraro (1991), para grande parte dos Antropólogos, o ser humano vive neste planeta há mais de dois milhões de anos. Na maior parte desse tempo, a espécie passou pelas culturas de coleta e caça aos pequenos animais, onde não era necessária força física para a sobrevivência e as mulheres tinham um espaço central.

Em nosso tempo ainda existem remanescentes dessas culturas, tais como o povo Maori (Nova Zelândia), os povos pigmeus (África, Ásia, Oceania) e bosquímanos (África Central). Esses são os povos mais originários que existem e ainda sobrevivem da coleta de frutos da terra e da pequena caça ou pesca. Nesses grupos, a mulher ainda é considerada um ser sagrado, porque pode dar a vida e, portanto, ajudar a fertilidade da terra e dos animais. Nesses povos, os princípios masculino e feminino governam o mundo juntos. Havia divisão de trabalho entre os sexos, mas não havia desigualdade. A vida corria mansa e paradisíaca.

(Muraro *in* KRAMER, H. & SPRENGER, 1991, p. 15).

Vieram, mais tarde, as sociedades de caça aos animais em que a força física passa a ser importante, dando início à supremacia masculina. Em nenhuma dessas sociedades de coleta ou de caça era conhecida a participação masculina na procriação. Ainda nos sistemas sociais de caça, as mulheres eram apreciadas como seres sagrados, presenteadas pelos deuses com o dom da procriação. Segundo Muraro (1991), os homens sentiam-se à margem e com inveja das mulheres. A mulher detinha o poder biológico. À medida que a tecnologia progredia, o homem foi desenvolvendo o poder cultural. Homens e mulheres cooperavam entre si por questões de sobrevivência, não havia uma liderança coercitiva e centralizadora e todos se relacionavam com tranquilidade, diferente do que viria a acontecer nas futuras sociedades patriarcais.

Segundo Arádia (2018), neste período havia uma cultura matrilinear:

Este aspecto não significava um modelo de domínio do feminino sobre o masculino, mas o modelo de equilíbrio entre as energias e formas, mantendo uma harmonia que, paulatinamente, começou a ser suplantada juntamente do patriarcado. Dentro da história humana, o sentido de posse e de domínio criou uma sociedade de menos reverência feminina. O patriarcado criou um sistema de domínio, nos posicionando no local social e cultural atual, onde o modelo masculino suplanta o feminino e onde a mulher perdeu espaço em sua sacralidade, adoração e respeito. (Arádia, 2018, p. 19).

Muraro (1991) pontua que foi durante o período Neolítico que o homem começou a tomar ciência de sua função biológica na reprodução. Aprendeu então a controlá-la e conseqüentemente, controlar a sexualidade feminina. Assim começou a surgir a concepção de casamento mais próxima do que conhecemos hoje, ocorrendo à mulher ser considerada propriedade do homem, que passa a ser, ainda, o responsável pela transmissão das heranças, a exemplo do tipo de sociedade que é descrita na Bíblia.

Silva (2019) afirma que do Paleolítico ao Neolítico (2,5 milhões a.C a 3000 a.C), mulheres eram cultuadas como deusas. Era o culto à Mãe-Terra, cujo maior significado era o da harmonia com a Natureza, que encerrava os ciclos de vida e de morte. “Para os homens de tal época, o mistério da origem humana ocultava-se na Natureza e no corpo da fêmea, uma vez que a Deusa segredava no ventre feminino o enigma da fecundação”. (RIBEIRO, 2008, p.104 *apud* Silva, 2019, p. 20).

Muraro (1991) ainda cita um consenso entre antropólogos, de que as mulheres foram as primeiras a descobrir, observando os ciclos do próprio corpo, os ciclos da natureza. Também devem ter sido as primeiras plantadoras e ceramistas. Mas, o homem, inventando o arado, criou o que viria se tornar a era agrária e toda uma concepção e formação de sociedades não nômades, como observamos nos dias atuais. Sociedades patriarcais.

Saímos do Poder Biológico para o Poder Cultural. Homens e mulheres não mais se revezavam na liderança. A partir disso, Muraro afirma que poder, controle, competitividade e violência chegaram para ficar. A autora aponta que na Bíblia encontra-se o primeiro indício dessa disparidade entre mulheres e homens. Deus cria o homem só para, logo depois, a partir de sua própria costela, conceber sua companheira:

(...) o primeiro homem dá à luz (pare) a primeira mulher. Esse fenômeno psicológico de deslocamento é um mecanismo de defesa

conhecido por todas as pessoas que lidam com a psique humana, e serve para revelar escondendo. Tirar da costela é menos violento do que tirar do próprio ventre, mas, em outras palavras, aponta para a mesma direção. Agora, parir, é ato que não está mais ligado ao sagrado e é, antes, uma vulnerabilidade do que uma força. A mulher se inferioriza pelo próprio fato de parir, que outrora lhe assegurava a grandeza. A grandeza agora pertence ao homem, que trabalha e domina a natureza.

(Muraro *in* KRAMER, H. & SPRENGER, 1991, p. 23).

A autora lembra que, desde a época em que foi escrito, até aqui, o Gênesis é uma narrativa basilar da cultura patriarcal, que serve para:

(...) manter a mulher em seu suposto devido lugar. E, aliás, com muita eficiência. A partir desse texto, a mulher é vista como a tentadora do homem, aquela que perturba a sua relação com a transcendência e também aquela que conflita as relações entre os homens. Ela é ligada à natureza, à carne, ao sexo e ao prazer, domínios que têm de ser rigorosamente normatizados: a serpente, que nas eras matricêntricas era o símbolo da fertilidade e tida na mais alta estima como símbolo máximo da sabedoria, transforma-se no demônio, no tentador, na fonte de todo pecado. E ao demônio é alocado o pecado por excelência, o pecado da carne. (...) a mulher e a sexualidade foram penalizadas como causa máxima da degradação humana.

(Muraro *in* KRAMER, H. & SPRENGER, 1991, p. 24).

Grandes culturas patriarcais iam surgindo, uma após a outra, enquanto o Gênesis era escrito. Entre os gregos, a imagem da mulher ia sendo desmoralizada. Em Roma, apesar de certa liberdade sexual, as mulheres jamais tinham oportunidade para tomar decisões no Império. Num longo período, entre os séculos III e X, o Cristianismo vai se disseminando entre as tribos bárbaras europeias e em meio a tantos acontecimentos a situação das mulheres é bastante confusa. Por um lado, muitos homens estavam morrendo ou passando longos períodos afastados por conta das guerras, então elas ocupavam lugares de destaque no domínio público. Em contrapartida, quando os homens retomavam seu lugar na cultura, elas regressavam ao privado.

Na alta Idade Média, a condição das mulheres floresce. Elas têm acesso às artes, às ciências, à literatura. E é logo depois dessa época, no período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII que aconteceu o fenômeno generalizado em toda a Europa: a repressão sistemática do feminino. Estamos nos referindo aos quatro séculos de "caça às bruxas".

(Muraro *in* KRAMER, H. & SPRENGER, 1991, p. 25).

Silva (1995) fala sobre evidências arqueológicas (além das mitológicas), que indicam que invasores de religiões patriarcais traziam intensões e influências, antes de tudo, políticas, pois alguns mitos foram forjados. Os padres das tribos invasoras contavam histórias que destacavam a criação do mundo por um deus supremo, para justificar, dentre outras coisas, a necessidade de se aceitar um rei como governante.

O deus narrado nos mitos era muito poderoso, um deus da luz e da tempestade que aniquilava a deusa, comumente associada ao mal e à escuridão e simbolizada como uma cobra ou dragão. A propagação desse e outros mitos influenciou diretamente na perda de poder das mulheres, pois a serpente forjou-se em falo. Até o primeiro século d.C. matriarcado e patriarcado conviviam lado a lado, sendo o primeiro suprimido após este período.

Muraro (1991) nos fala ainda sobre as mulheres que eram curadoras populares, as parteiras, que desde a antiguidade atuavam, detentoras de um saber transmitido por gerações, em várias tribos primitivas eram as feiticeiras. Segundo a autora, na Idade Média seus saberes estavam mais aprofundados. As camponesas não tinham recursos para cuidar da saúde e cuidavam umas das outras. As curadoras aprenderam com suas ancestrais a cultivar e utilizar as ervas, bem como eram também excelentes anatomistas.

Eram as parteiras que viajavam de casa em casa, de aldeia em aldeia, eram as médicas populares para todas as doenças. Mais tarde elas vieram a representar uma ameaça. Em primeiro lugar, ao poder médico, que vinha tomando corpo através das universidades no interior do sistema feudal. Em segundo, porque formavam organizações pontuais (comunidades) que, ao se juntarem, formavam vastas confrarias, as quais trocavam entre si os segredos da cura do corpo e muitas vezes da alma. Mais tarde, ainda, essas mulheres vieram a participar das revoltas camponesas que precederam a centralização dos feudos, os quais, posteriormente, dariam origem às futuras nações.

(Muraro *in* KRAMER, H. & SPRENGER, 1991, p. 26).

Mais adiante, através dos tribunais da Inquisição, o catolicismo (mais tarde também o protestantismo) contribuiu para a centralização e hierarquização do sistema feudal, cujo poder era disperso até o fim do século XIII. Paralelamente correram em todas as direções da Europa, matando e torturando, massivamente, todos os que eram julgados hereges e bruxos. A intenção era impor regras de conduta aos camponeses, já tão massacrados pelos excessos dos senhores dos feudos, vulneráveis em meio à guerra, à fome, à peste.

As mulheres eram maioria... O feudalismo foi cedendo lugar ao capitalismo, centralizador e controlador de condutas, do corpo, da sexualidade. O controle passou a ser obsessivo, tudo era normatizado. As pessoas passaram a controlar umas às outras, permeadas por violência. Aos poucos, o controle moral do cristianismo foi adentrando as massas populares, chegando aos núcleos de “paganismo” e aos cristãos mais livres, pois as regras começaram justamente pelas classes dominantes, detentoras de influência e poder de herança.

Muraro (1991) afirma que a perseguição a bruxas e hereges era muito bem planejada e articulada para a maior centralização do poder pela classe dominante. Nesta teocracia, transgredir a fé e transgredir a política tinha o mesmo peso. A transgressão sexual também era sustentada, sabiamente, pelos inquisidores, como transgressão da fé... e as mulheres eram as grandes transgressoras.

As grandes teses que permitiram esse expurgo do feminino e que são as teses centrais do *Malleus Maleficarum* são as seguintes:

1) O demônio, com a permissão de Deus, procura fazer o máximo de mal aos homens a fim de apropriar-se do maior número possível de almas.

2) E este mal é feito prioritariamente através do corpo, único "lugar" onde o demônio pode entrar, pois "o espírito [do homem] é governado por Deus, a vontade por um anjo e o corpo pelas estrelas" (Parte I, Questão 1). E porque as estrelas são inferiores aos espíritos e o demônio é um espírito superior, só lhe resta o corpo para dominar.

3) E este domínio lhe vem através do controle e da manipulação dos atos sexuais. Pela sexualidade o demônio pode apropriar-se do corpo e da alma dos homens. Foi pela sexualidade que o primeiro homem pecou e, portanto, a sexualidade é o ponto mais vulnerável de todos os homens.

4) E como as mulheres estão essencialmente ligadas à sexualidade, elas se tornam as agentes por excelência do demônio (as feiticeiras). E as mulheres têm mais convivência com o demônio "porque Eva nasceu de uma costela torta de Adão, portanto nenhuma mulher pode ser reta" (I,6).

5) A primeira e maior característica, aquela que dá todo o poder às feiticeiras, é copular com o demônio. Satã é, portanto, o senhor do prazer.

6) Uma vez obtida a intimidade com o demônio, as feiticeiras são capazes de desencadear todos os males, especialmente a impotência masculina, a impossibilidade de livrar-se de paixões desordenadas, os abortos, as oferendas de crianças a Satanás, o estrago das colheitas, as doenças nos animais, e assim por diante.

7) E esses pecados eram mais hediondos do que os próprios pecados de Lúcifer quando da rebelião dos anjos e da primeira mãe e do primeiro pai por ocasião da queda, porque agora as bruxas pecam contra Deus e o Redentor (Cristo), e portanto este crime é imperdoável e por isso só pode ser resgatado com a tortura e a morte.

(Muraro in KRAMER, H. & SPRENGER, 1991, p. 29).

Diante do exposto, vê-se um acossamento às mulheres e ao prazer. Muraro alerta que tudo que estava escrito no segundo capítulo do Gênesis concretiza-se. De provedoras da fertilidade da natureza, as mulheres passam a geradoras de todos os flagelos. E por que as feiticeiras? Porque se impunham ao domínio público, exclusivo dos homens (elas deveriam reduzir-se ao âmbito doméstico). Obras como o Gênesis e o *Malleus Maleficarum* concretizam o patriarcado, oprimindo a mulher e o prazer.

As mulheres que detinham o saber passado de geração a geração tombam na clandestinidade. O poder médico masculino é o aceito publicamente. Muraro (1991), afirma que no século XX as bruxas formam legiões que não podem ser queimadas vivas e que trazem valores femininos para o patriarcado. Tal reinserção resgata o prazer, a solidariedade, a não-competição, a união com a natureza...

3.3 - De Deusas a Bruxas

Como vimos acima, a mulher já foi relacionada misticamente à fertilidade e à terra. Segundo Eliade (1992), o fato de *dar a luz* é uma versão desta mística, em escala humana, da fertilidade telúrica. Nestes termos, a fecundidade da mulher está inserida num modelo cósmico, que é o da Mãe universal ou *Terra Mater*.

Em algumas religiões acredita-se que a Terra-Mãe é capaz de conceber sozinha, sem o auxílio de um companheiro. Outras deusas gregas também geraram sem a ajuda dos deuses. É uma expressão mítica da auto-suficiência e da fecundidade da Mãe-Terra. A tais concepções míticas correspondem as crenças relativas à fecundidade espontânea da mulher e a seus poderes mágico religiosos ocultos, que exercem uma influência decisiva na vida das plantas. O fenômeno social e cultural conhecido como matriarcado está ligado à descoberta da agricultura pela mulher. Foi a mulher a primeira a cultivar as plantas alimentares. Foi ela que, naturalmente, se tornou proprietária do solo e das colheitas. O prestígio mágico-religioso e, conseqüentemente, o predomínio social da mulher têm um modelo cósmico: a figura da Terra-Mãe. (Eliade, 1992, p.121).

A relação entre a humanidade e o sagrado, entre a humanidade e a religião, é basilar quando se quer contar sua história. Dentro da literatura até então pesquisada, pouco se aborda da relação das mulheres com estas questões, por conta de um

predomínio do patriarcado e uma conseqüente coerção às mesmas, especialmente em suas formas de expressar-se e relacionar-se com a religião e, mais amplamente, com o sagrado. Atualmente, tenho testemunho de pessoas, de benzidos, que procuram as benzedoras e seus saberes, clandestinamente. Principalmente no interior do Estado de Sergipe. Essas pessoas afirmam que precisam ir às benzedoras ‘às escondidas’, principalmente dos padres locais, sob pena de serem expostos como pecadoras.

No prefácio de Silva (2019), Fabiano Veliq reforça o que foi dito por Muraro (1991), em relação a como o sistema capitalista centralizador e machista, junto com o qual caminhou a religião, sufocou o papel social feminino. A visão diferenciada e prejudicial entre feminino e religião se deve a esta construção social, onde:

[...] à medida que o patriarcado vai se impondo, a relação entre as mulheres e a religião vai se deteriorando, e de Deusas a serem adoradas elas se tornam Bruxas a serem queimadas nas fogueiras do patriarcado ideologicamente constituído como religião”.
(VELIQ *apud* SILVA, 2019, Prefácio).

Segundo Silva (2019), é consensual que a mulher foi colocada como inferior ao homem pelo patriarcado, onde a religião judaica, e posteriormente a cristã, por serem patriarcais, assumem esse discurso e prática social de subjugaçãõ do feminino. “Desde então, [as mulheres] pagam pelo ‘erro’ de Eva” (SILVA, 2019, p. 19, grifo meu).

Trazendo uma análise discursiva sobre a história das religiões, Silva (2019) aponta para termos e expressões que acabam contribuindo para subjugar as importantes manifestações religiosas matriarcais de outrora. As religiões anteriores ao judaísmo e ao cristianismo são desconhecidas por muitos. Um dos motivos deste fato seria o de que as “religiões do Pai”, ou seus representantes, tentam invariavelmente obscurecer da história a importância que um dia foi dada a uma “Deusa-Mãe”. Outro fator, segundo a autora, é que em pesquisas arqueológicas e históricas das religiões antigas, facilmente se encontram termos com sentido pejorativo.

Stone (1976) explica, por exemplo, que a palavra ‘culto’ aparece de maneira soberana referindo-se à valorização de divindades mulheres, produzindo conotações de algo menos fino e civilizado que ‘religião’. Esta palavra, por sua vez, ainda segundo a autora, aparece praticamente apenas quando os textos históricos fazem menção aos rituais relacionados às religiões judaico-cristãs de Jeová, atribuindo, dessa forma, mesmo que indiretamente, mais valor a estas.
(SILVA, 2019, p.23).

A autora traz outra ilustração, neste sentido, em relação a como textos históricos descrevem a sexualidade das Deusas:

(...) ainda segundo Stone (1976), é a maneira como aparece descrita a sexualidade delas [das Deusas], sempre apontada como imprópria, agressiva, vergonhosa e sem moral, enquanto Deuses homens estupravam e seduziam mulheres lendárias ou ninfas eram caracterizados como brincalhões e de virilidade admirável. (SILVA, 2019, p.23-24, grifo meu).

Sendo negligenciadas por pesquisadores, como as histórias das deusas e sociedades matriarcais ficam acessíveis? Segundo Silva (2019), elas ficam nos estudos de mitos, lendas e fábulas. Nestas narrativas as deusas são descritas como líderes poderosas, sábias conselheiras e dotadas de características extraordinárias, presentes em todas as partes do mundo. Deste modo, Stone (citada por Silva) enfatiza o poder dos mitos e lendas, pois são capazes de influenciar as pessoas (especialmente as crianças) com ideias e modelos de conduta, aprováveis ou não.

Silva (2019) destaca, ainda, que pesquisadores das áreas mais diversas apontam para a importância dos mitos como influenciadores da vida social e de sua ancoragem na mente humana. A autora cita Jung, com suas teorias sobre arquétipos herdados a partir de um inconsciente coletivo e universal, e Freud, defensor de que imagens e símbolos são construídos socialmente durante a infância, como pesquisadores que apontam diferentes e importantes direcionamentos nestes estudos.

Para a autora: “imagens e símbolos são construídos socialmente e discursivamente e são reproduzidos pelas principais instituições, tais como a igreja, a família, a escola, o Estado, etc.” (SILVA, 2019, pg.26). Símbolos e mitos, sendo transcendentais e atemporais, servem como modelos até serem trocados por outros, a exemplo do mito da deusa, substituído pelo mito de um deus, sem deixar de influenciar todo um modelo social.

É importante que se destaque outra faceta da relação mulher/sagrado. A que foi consolidada pela Bíblia com o advento do Cristianismo. Um novo *status* social foi concedido às mulheres a partir da propagação e consolidação da Bíblia cristã enquanto referência de religiosidade.

A redução da sacralidade feminina frente aos ritos cerimoniais tem grande queda quando, na Idade Média, o Catolicismo se torna a religião da moda entre os monarcas, obrigando o povo à manutenção

desta fé. A introdução do novo conceito de fé teve resistência entre os camponeses, porque esses não conseguiam visualizar semelhanças nos ritos. Para que a aderência fosse maior, aos poucos, a Igreja Católica foi criando similaridades. Com a intolerância, que resultou em período androcático muito marcado na história humana – a inquisição –, houve grande perda da força feminina, que foi abafada, agredida, presa, desonrada e, posteriormente, “entre as resistentes, escondida”. (Arádia, 2018, p.31).

Tal *status*, segundo Silva (2019), seria um espelho da sociedade israelita, preponderante, onde primeiro se fundamentou a religiosidade judaica e, em seguida, o cristianismo. Religiões patriarcais que concretizaram novas formações sociais. A Bíblia cristã traz em si uma função de instruir, de instituir leis:

Anteriormente, destacamos uma dentre as diversas funções sociais do mito. Sendo assim, para nós importa saber que além de tentar arquitetar um sentido provisório do mundo, explicar eventos naturais etc., o mito age de maneira a podar os comportamentos sociais e, assim, edificar uma sociedade definida dentro de certos modelos considerados corretos. Embora saibamos da comprovação científica acerca da existência de inúmeros personagens bíblicos, bem como de tantos outros eventos bíblicos, não podemos desconsiderar o fato de que, mitos ou verdade, as histórias bíblicas são permeadas por simbolismos, que, assim como os mitos, possuem a função de aparar a evolução natural de uma sociedade, impondo leis, valores e modos de vida que devem ser seguidos, ou caso contrário ocorrerá a sanção divina.

(SILVA, 2019, p.45).

No grande evento bíblico que é a criação do mundo, vê-se a hierarquia entre os gêneros. Deus cria o homem, Adão, e só depois, a partir de um de seus ossos acessórios, cria a mulher, Eva, como já foi citado com Muraro, reafirmando seu lugar social de coadjuvante em relação ao homem. No entanto, Silva cita uma passagem do Gênesis, onde homem e mulher são criados simultaneamente – Gênesis 1.27 – que depois deixa um vácuo narrativo, já que mais adiante são criados com a ordem hierárquica supracitada – Gênesis 2:18. A autora afirma que é nesse espaço narrativo vazio que os historiadores inseriram a história da primeira esposa de Adão – *Lilith*. Trata-se de uma mulher-demônio que povoa várias mitologias, com nomes e sentidos diversos. Apesar de não aparecer na Bíblia, tal personagem mítico foi estudado em vários livros da antiguidade, como *Talmude*²⁸ e o *Zohar*²⁹.

²⁸ A palavra “Talmud” deriva-se da palavra hebraica lamad que significa “ensinar, instruir” ou também “aprender”. O Talmud é o manancial bibliográfico do judaísmo rabínico criado durante a era helenística da história judaica. Não um único livro – como geralmente se crê – mas uma coleção de livros. É uma

Koltuv (1989), estudiosa do *Zohar*, em sua obra *O livro de Lilith*, explica que ela ora é um demônio noturno que atormentava homens e mulheres que dormem sozinhos, provocando-lhes sonhos eróticos e orgasmos, ora é uma bruxa assassina de crianças, ora está coberta por saliva e sangue, ora foi originada de uma briga entre Sol e Lua, ora foi originada de terra suja com fezes etc. A história de Lilith é polêmica e cheia de contradições, o que nos importa é saber que por ser criada da mesma maneira que Adão não aceitou se submeter a ele. Para Barros (2004), as fezes seriam, à época, um símbolo do poder biológico, da força vital, da mesma forma que o sangue seria uma ligação com a menstruação e o poder reprodutivo. Nesse sentido, Lilith seria a própria imagem da Terra-Mãe, que dá a vida a partir de seus fluidos (a saliva) e tira a vida também. (...) A incompletude do primeiro mito de origem pode significar uma tentativa de apagamento da religião da Deusa e de outras religiões que ameaçavam a soberania judaica. No segundo mito, a serpente pode ser entendida como uma representação de Lilith, a Grande Deusa, que deve ser combatida já que ela teria sido aquela que tentou Eva e que originou todo o mal na Terra. (SILVA, 2019, p.47).

Silva (2019) cita inúmeras passagens bíblicas que reforçam a submissão da mulher em relação ao homem, tanto no âmbito público quanto no privado, segundo ela, sempre tentando justificar a hierarquia sexual. Sempre retornando ao ponto de que a mulher foi criada a partir do homem e de sua culpa em ter perdido os privilégios do paraíso ao comer do fruto proibido. Mas, em se tratando da temática que se aproxima da relação mulher /sagrado (neste caso mulher/religião), a autora faz uma breve análise de uma outra mulher muito conhecida no meio cristão, Maria, mãe de Jesus. Segundo a autora, apesar de ter destaque nas páginas do Novo Testamento, pouco ou quase nada se conta sobre sua vida. Apenas pequenas passagens relacionadas a seu filho Jesus.

autêntica biblioteca de tratados de leis e regulamentos rabínicos, tradições, costumes, ritos e cerimônias, assim como leis civis e criminais. [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6251623/mod_resource/content/1/O%20Talmude%20del%20Gi%20glio%20pdf.pdf#:~:text=A%20palavra%20E2%80%9CTalmud%20E2%80%9D%20\(dUm,mas%20uma%20cole%C3%A7%C3%A3o%20de%20livros.](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6251623/mod_resource/content/1/O%20Talmude%20del%20Gi%20glio%20pdf.pdf#:~:text=A%20palavra%20E2%80%9CTalmud%20E2%80%9D%20(dUm,mas%20uma%20cole%C3%A7%C3%A3o%20de%20livros.)

²⁹ O Sefer ha-Zohar – o Livro do Esplendor – É, sem sombra de dúvida, a obra principal e mais sagrada da Cabalá, a dimensão mística do judaísmo. Fonte inesgotável de sabedoria e conhecimento, seus ensinamentos e revelações se equiparam, em importância, aos da Torá e do Talmud. De autoria do Rabi Shimon bar Yochai, permanece inacessível até os dias de hoje para a grande maioria dos que tentam transpor o mistério que encerra. Quem sabe se por esta razão, ou apesar desta, nenhuma outra obra mística jamais despertou tanta curiosidade e exerceu tão grande influência? O Zohar é a coluna vertebral da Cabalá, também chamada de Chochmat ha-Emet – a Sabedoria da Verdade. Na língua hebraica, Cabalá significa “recebimento” ou “o que foi recebido”. Por ser parte integral da Torá, tem origem e natureza Divina. Apesar de seus ensinamentos terem sido transmitidos a Adão e aos patriarcas do povo judeu, foi Moisés quem os recebeu diretamente de D’us durante a Revelação no Monte Sinai e os instituiu formalmente como parte da história do povo de Israel. Desde então, esta sabedoria mística vem sendo repassada de geração em geração para uns poucos escolhidos entre os líderes espirituais do povo judeu. <https://herancajudaica.com/2012/06/30/o-que-e-o-zohar/>

A autora faz alusão ao papel que deve ser socialmente ocupado pelas mulheres, a exemplo de Maria, de mãe, em seus claustros no espaço privado, sob a vigilância masculina, que deve controlar seus impulsos advindos do pecado original. Maria, apesar de ocupar um papel de destaque no meio sagrado do catolicismo, tem sua história social omitida e restrita a passagens com seu filho e seu marido.

De Deusas, elas passaram a meros receptáculos passivos da gravidez e da vida. Vimos as mulheres perderem não só o direito de controlar a própria sexualidade, mas também perderem seu direito de herança, (...) de liberdade.
(SILVA, 2019, p.58).

Retornando para a relação mulher/sagrado na idade média, percebe-se outra importante fase que merece destaque neste estudo, vez que as imagens das mulheres, bem como sua conduta, são assentadas a partir de uma visão da igreja predominante. O afastamento do papel social das mulheres da igreja sustenta, segundo Silva, dentre outros, o motivo financeiro. O celibato era providencial para que não surgissem problemas de divisão de bens da igreja, por heranças e afins, de modo que seu patrimônio só aumentava.

Para garantir que a mulher, suja, sensual e sexual ‘por natureza’, não seduzisse os homens, a Igreja elevou o casamento a sacramento, pregou a virgindade às jovens, a castidade aos casais, a abstinência às viúvas e o celibato aos religiosos. A mulher só era valorizada quando tiravam dela sua parte Eva e deixavam sua parte Maria, mãe. A mulher aí valorizada é a obediente, a submissa (...).
(SILVA, 2019, p.64).

Então confinadas e controladas, as mulheres ainda vieram a enfrentar os terrores do período de *Caça às Bruxas*, no final da Idade Média. Segundo Silva (2019), a caça também teria sido motivada pela aniquilação da bruxaria, movimento pagão, que até os dias atuais não há certeza de que existia, ao menos da maneira como era narrado. Russell e Alexander (2019) nos lembram de que, se perguntarmos às pessoas o que é uma bruxa, a maioria delas dirá que não existem:

Bruxas, afirmarão eles, são personagens imaginários, representados como velhas horrorosas, com verrugas no nariz, chapéus compridos e pretos em formato de cone, montadas em cabos de vassoura, que criam gatos pretos e dão gargalhadas malignas (...). Provavelmente,

nenhuma bruxa, em tempo algum, jamais teve as características desse estereótipo.
(RUSSELL e ALEXANDER, 2019, p.11).

Todavia, segundo Russell e Alexander (2019) e literatura a respeito do assunto, as bruxas existem sim e em nada são parecidas com as descrições às quais os filmes e animações nos condicionaram. Segundo os mesmos, algumas pessoas podem, ainda, dizer que bruxas são pessoas com poderes psíquicos. Alguns afirmam que bruxas são feiticeiras (abordagem antropológica); ou adoradoras do Diabo (abordagem histórica da bruxaria europeia); ou que bruxas reverenciam deuses e deusas e praticam magias bem intencionadas (ponto de vista adotado pelos adeptos da bruxaria moderna). Os autores justificam as três abordagens, afirmando que o maior equívoco que pode acontecer quando o tema é bruxaria, é quando se afirma que bruxas não existem.

Russell e Alexander (2019) também falam sobre muitas definições encontradas, o que pode dificultar o entendimento sobre o assunto, dentre eles, citam vários estudos históricos e antropológicos que mapeiam semelhanças entre crenças em feitiçaria e cura comuns em povos distintos. Citam como exemplo uma comparação entre “bruxarias” europeias e africanas, onde ambas afirmam que a bruxaria é praticada por mulheres, geralmente idosas. Este tipo de semelhança universal entre as crenças pode levar a equívocos de definições.

Segundo estes autores, há muito ainda a ser investigado para que as definições entre curandeiras, bruxas e feiticeiras, sejam devidamente separadas e definidas corretamente. As crenças alteram-se em casta e desempenho quando os padrões sociais variam, mas, segundo eles, os estudos antropológicos não conseguiram correlacionar tipos peculiares de crença com tipos específicos de padrões sociais. Apesar de todas as suas variações, existe uma crença genérica e prática universal de magia.

Em Hutton (2021), vê-se que uma definição acadêmica do que seria uma bruxa foi sintetizada por um especialista em antropologia da religião, Rodney Needham, em 1978. Bruxa seria uma pessoa que causa danos a outra, utilizando-se de meios místicos. Não era, segundo Hutton, uma visão pessoal, mas um consenso acadêmico, já que nenhuma outra tentativa de definição foi aceita até então. Estudiosos ainda mais recentes, citados por Hutton, trazem esse sentido no conceito mais aceito para a palavra bruxa. No entanto, o autor afirma que este é apenas um uso contemporâneo da palavra:

Na verdade, a acepção anglo-americana adota pelo menos quatro formas diferentes, embora a discutida acima ainda pareça a mais difundida e frequente. As outras definem a figura da bruxa como qualquer pessoa que faça uso de magia (embora aquelas que a empreguem para propósitos benéficos sejam frequentemente distinguidas popularmente como bruxas “boas”); ou como um praticante de um tipo específico de religião pagã baseada na natureza; ou como um símbolo de autoridade feminina independente e de resistência à dominação masculina. Todos os conceitos detêm validade no presente, e acusar alguém de erro por adotar qualquer um dos termos acima seria revelar-se um ignorante de conhecimentos gerais e educação, bem como de erudição. Na verdade, a circulação simultânea de todas as quatro definições é um dos fatores que torna a pesquisa sobre bruxaria tão empolgante e relevante no que diz respeito aos interesses contemporâneos – e, muitas vezes, também tão complicada. (Hutton, 2021, p.18-19).

Retomando Silva (2019), ela aponta divergências dos estudos em crer ou não na bruxaria, pois há autores mais céticos que afirmam que a bruxaria não existe e que seria um crime criado, como já visto, pela igreja na Idade Média, para justificar suas matanças e perseguições. Nesta teoria, grupos de pessoas desvalorizadas socialmente, como mulheres e homossexuais, seriam “bodes expiatórios” condenados por bruxaria. A autora, assim como a maior parte da bibliografia pesquisada, acredita na concretude da bruxaria enquanto religião pagã, mas também acredita na criação de bodes expiatórios e vítimas, quando se referem àqueles considerados inimigos da Igreja.

O termo bruxa, segundo autores citados por Silva (2019), era utilizado para referir-se a quem praticava magia e/ou demonologia. Magia definida como algo misterioso, sobrenatural, manipulado por alguém, para o bem ou para o mal. Já a demonologia seria entendida como os pactos e adoração entre as pessoas e o demônio. Na época da Caça às Bruxas eram disseminadas histórias sobre as bruxas que se reuniam secretamente (sabás), para adorarem o demônio: “[...] hereges e bruxas eram os participantes ativos das orgias, em que incestos, canibalismos, infanticídios, sodomia, todas as perversões sexuais eram praticadas com deleite” (Barros, 2004, pg. 344; *in* Silva, 2019).

O demônio, o Satã, é forte no imaginário da época (e até hoje), sendo aquele que, segundo a Bíblia, tentou desviar Jesus de seu propósito em diversas passagens. Os líderes de um cristianismo em ascensão logo o relacionaram a religiões pagãs e judaicas. Silva afirma que a Igreja difundiu o aforismo de que os adeptos das outras religiões faziam pactos com o demônio, em troca de riquezas ou poder.

Subordinadas a torturas, muitas mulheres confessavam-se bruxas. As torturas eram praticadas pela igreja desde o século XIII nos julgamentos por heresia. Por isso Silva afirma que a tortura, de certa forma, criava a bruxaria. Além de se confessarem bruxas, as vítimas eram obrigadas a “denunciar” quem participava com elas dos Sabás. Assim, durante quatro séculos, mulheres foram mortas sob a alcunha de bruxas, ao preço de confissões e denúncias arrancadas delas com muita violência.

A inferioridade das mulheres construída em documentos públicos muito difundidos como o Gênesis foi amplamente recuperada pelo *Malleus Maleficarum*. Os papéis sociais que lhes cabiam também ajudavam a reforçar a imagem fantasiosa da bruxa. Geralmente eram cozinheiras, curandeiras e parteiras. Enquanto cozinheiras poderiam preparar chás curativos e unguentos à base de ervas para diversas curas (muitas vezes, nas histórias infantis, aparecem ao lado de caldeirões).

Como curandeiras e parteiras, as mulheres, especialmente as mais velhas, detinham o conhecimento de remédios vegetais desde a época matriarcal. Essas mulheres eram ajudadas pela mãe-natureza, a Deusa-mãe, por isso elas eram consideradas pagãs aos olhos da Igreja. [...] curar não significa apenas ser útil, essa é uma habilidade ligada também à fama, à dignidade e ao poder, os quais não devem pertencer a uma mulher em uma sociedade patriarcal. Por fim, as parteiras frequentemente eram acusadas de feitiçaria [...] eram acusadas de sacrificar os bebês em oferecimento ao Diabo, de comerem suas carnes nos sabás e de batizá-las a serviço do demônio. É válido afirmar, porém, que durante muito tempo as feitiçarias foram as únicas, de fato, a cuidarem da saúde da mulher, curando doenças de pele, epilepsia, dores e auxiliando nos partos. (SILVA, 2019, p.85).

Neste sentido, podemos, novamente, nos transportar ao Brasil Colônia, para ilustrar o imaginário que envolvia o corpo e os conhecimentos de anatomia e cura, especialmente da mulher, citando Sousa (2014). O conhecimento que predominava no Brasil de então, era o religioso, envolto numa aura de pecado e alvo fácil para feitiços.

Nos primeiros tempos de colonização o pensamento girava por estas bases, homens e mulheres acreditavam que a doença era uma advertência divina. Deus assim afligiria nossos corpos com o único intuito de fazer com que pagássemos por nossos pecados, por isso que, qualquer doença ou mazela que fosse acometida no corpo da mulher era interpretada como indício da ira celestial contra pecados cometidos, ou então era diagnosticada como sinal demoníaco ou feitiço diabólico. (SOUSA, 2014, p.26).

Segundo Del Priori (2020), pensar em igualdade como uma palavra que defina a relação entre os sexos (masculino e feminino), é algo novo. Isso se contrapõe a uma cultura patriarcal, onde masculino e feminino se revezavam equilibradamente no poder social. Durante muitos séculos manteve-se a ideia de que a desigualdade entre homens e mulheres é algo natural. Justificar a escravidão de homens por outros homens pode até ter causado constrangimento em alguns, mas escravizar mulheres não. Especialmente entre os séculos XVII e XVIII, a desigualdade difundida pela igreja católica era assegurada pela ideia de que a mulher era uma das manifestações do mal na terra. “Os mistérios da fisiologia feminina, ligados aos ciclos da lua, ao mesmo tempo que seduziam, repugnavam os homens” (Del Priori, 2020).

Silva (2019) também justifica o fato de mulheres com mais idade serem alvos mais prováveis das acusações de bruxaria, como já fora abordado no tópico anterior deste capítulo. Por estarem mais mortíferas fisicamente, seriam mais predispostas a fazer pactos em troca de proteção. Vários fatores jurídicos, intelectuais e religiosos contribuíram mais tarde para o fim da caça às bruxas, que ocorreu por volta da segunda metade do século XVII e primeira metade do século seguinte. Como motivos religiosos, pode-se destacar a ênfase protestante na soberania de Deus, o que levava a sérios questionamentos a respeito da real existência da bruxaria.

Na Idade Moderna, pôde-se assinalar a construção da identidade feminina como bruxa, como responsabilidade das igrejas cristãs. Silva (2019), retornando para a relação mulher/sagrado na idade média, acredita que as imagens das mulheres, bem como sua conduta, são assentadas a partir de uma visão da igreja predominante. Neste sentido, é simples entender a reação negativa da maioria das mulheres, benzedoras ou não, quando são chamadas de bruxas. Num contexto geral, a visão de bruxa construída pela inquisição da Igreja Católica é sempre pejorativa, relacionada a características e qualidades más. Como visto na literatura, a maioria das curandeiras, parteiras e erveiras, que trabalhavam com cura, eram condenadas como praticantes de bruxaria durante a inquisição.

Segundo a autora, os médicos eram também muito odiados pela Igreja, já que perpetuavam a vida (apenas Deus deveria ser detentor desse poder), porém, mais tarde, foram ajudados pela instituição afirmando o monopólio médico, já que mulheres, que não tinham acesso aos estudos, mas conseguiam curar, deveriam realmente ser feiticeiras e pagar por isso com a própria vida.

Trazendo um pouco desse tema para os dias atuais, é necessário citar Federici (2019). A autora faz importantes reflexões de como a caça às bruxas e outras formas de violência contra as mulheres ocultam interesses que nada têm de sagrados. Segundo a autora, as mulheres sempre foram alvo de perseguições, pois sempre foram as mais empobrecidas economicamente, o que as mantinha sob as formas mais severas de controle.

Mais de cinco séculos se passaram desde que a “bruxaria” apareceu nos códigos legais de muitos países europeus e as mulheres ditas bruxas se tornaram alvo de perseguição em massa. Hoje, na maioria dos países onde as mulheres são agredidas e assassinadas como bruxas, o governo não reconhece esse crime. Ainda assim, encontramos nas raízes dessa nova perseguição muitos dos fatores que instigaram as caças às bruxas dos séculos XVI e XVII, tendo como justificativas ideológicas a religião e a regurgitação de predisposições das mais misóginas.
(Federici, 2019, p. 23-24).

Ainda sobre crimes atuais, contra as mulheres, sob a justificativa de caça às bruxas, a autora cita vários exemplos.

Calcula-se que, apenas na Tanzânia, mais de 5 mil mulheres sejam assassinadas por ano como bruxas, algumas golpeadas com facões até a morte, outras enterradas ou queimadas vivas. Em alguns países, como a República Centro-Africana, as prisões estão cheias de mulheres acusadas de serem bruxas e, em 2016, mais de cem delas foram executadas. Elas foram queimadas vivas por soldados rebeldes que, seguindo os passos de perseguidores de bruxas no século XVI, que transformaram as acusações em negócio, forçando as pessoas, sob a ameaça de execução, a lhes remunerarem.
(Federici, 2019, p.24).

São muitos exemplos também na Índia, em terras tribais em curso de privatização de terra, Nepal, Papua Nova Guiné e na Arábia Saudita. A autora ainda cita o uso da caça às bruxas como potencial turístico e econômico, em diversas localidades na Europa. Locais onde muitas mulheres foram assassinadas ostentam lojas com bonecas de bruxas, xícaras, pratos, dentre outros artefatos, exibindo o estereótipo supracitado (imagem humilhante de mulheres feias e velhas).

Cavalcante e Chagas (2013) afirmam que, atualmente, mulheres que trabalham com práticas médico-religiosas populares, como as benzedadeiras, não sofrem consequências físicas por seus métodos, no entanto, muitos consideram sua terapêutica

como supersticiosa ou sem valor, diante do saber científico. Quanto à igreja católica, há padres que condenam o benzimento e outros que aceitam. Os autores afirmam que:

Mesmo assim, nos centros urbanos, sobretudo na periferia, as benzedeadas continuam praticando o seu ofício, ainda que reinventado, mas sempre resistindo a uma sociedade que pretende homogeneizar a cultura, esquecendo toda a diversidade constituída historicamente ao longo do tempo, sempre prontas a intermediar as pessoas que a procuram com o sagrado, restaurando a saúde fragilizada e produzindo respostas alternativas às que o saber oficial produz, agindo assim politicamente e revelando que as práticas populares, longe de serem sem valor, funcionam tanto quanto as práticas médicas e religiosas oficiais.

(Cavalcante e Chagas, 2013, p.10).

Hutton (2021) questiona que, se o termo bruxa for infligido a alguém que se utiliza de algum tipo de magia para fins prejudiciais, o que dizer então das pessoas que alegam, e são reconhecidas socialmente, com habilidades capazes de trazer benefícios?

A maioria – senão todas – das sociedades humanas tradicionais possui tais personagens. Alguns se especializam em somente uma técnica mágica e/ou em apenas um serviço, como o poder da cura, a clarividência, a anulação dos efeitos da bruxaria, o rastreio de bens perdidos ou roubados ou mesmo os feitiços de amarração. Em sociedades de organização muito simples, seus serviços costumam ser solicitados por toda a comunidade, e as honras e privilégios recebidos são diretamente proporcionais.

(Hutton, 2021, p.21).

Neste contexto encontramos as nossas benzedeadas. O termo bruxa poderia aplicar-se a elas dadas as ressalvas de uma bruxaria do bem. A magia é por elas chamada de dom. Mas, o conceito mais aceito e difundido, como vimos, não é também assim visto por elas. A maioria, como veremos nas entrevistas, associa magia, bruxaria, a práticas malignas. Conceitos herdados da visão da igreja inquisidora.

Cavalcante e Chagas (2013) afirmam que as benzedeadas são cientistas populares que possibilitam, por uma medicina erudita, onde sagrado e profano se alinham, um sistema de cura popular marginalizado, mas amplamente aceito por pessoas excluídas pela desigualdade social, onde encontram a assistência médica que lhes é negada e refúgio no benzimento. Este, como prática cultural, atravessa séculos chegando até nossos dias, com permanências, rupturas e ressignificações.

No estudo de Câmara (2020), em consonância com o nosso, observou-se que a maioria delas inicia o ritual recitando orações da liturgia católica (Pai Nosso, Ave

Maria, Credo), seguidas de algumas rezas comuns às benzedeadas (que elas afirmam terem aprendido com suas antecessoras) e depois orações praticamente murmuradas. Também foi comum encontrar orações em que entravam, além do elenco de santos católicos, entidades espirituais de religiões diversas como caboclos e orixás. Também podem ser encontradas referências a elementos da natureza, como trovão, vento e/ou água.

Muitas rezadeiras, ao benzerem as pessoas de arduento, mauolhado, ou erisipela, dentre outros males, e após pronunciarem as palavras sagradas, concluem o ritual pedindo ao Todo Poderoso que jogue o mal que o doente estava sentindo nas águas do mar sagrado. Com esse tipo de procedimento, delega-se ao mar que leve definitivamente a doença, o azar, a inveja, o olho gordo, o vento bravo e outros males para nunca mais retornarem ao corpo ou ao espírito da pessoa. Aliás, para muitas curadeiras, não importa se a água é do mar ou de um rio. Para elas, tais lugares, além de serem misteriosos, são sagrados. São nas águas que alguns rituais religiosos ou curativos são praticados: batizados (iniciação), lavagem de correntes (contas) e limpeza de corpo são efetuados nas águas.
(Câmara, 2020, p.193).

A maioria das benzedeadas de nossa caminhada e de outros pesquisadores são mulheres dedicadas ao lar, não são economicamente ativas e algumas vivem das doações dos fiéis, uma vez que não aceitam pagamento pelo ofício de benzer. Barros (2022) afirma que a sociedade brasileira, desde as suas origens, distingue-se pela estratificação social. Muitos, ainda nos moldes coloniais, apossam-se de poder político para obter vantagens e garantir a conservação desse sistema, que sustenta a desigualdade social. O apagamento de muitas vozes, de minorias, é alimentado por esse complexo cenário.

Ouvir as benzedeadas é ouvir uma minoria. Segundo Barros (2022, p.11) é “ouvir vozes rejeitadas, as histórias de vida menosprezadas e a cultura desprestigiada”. É preciso ouvi-las para entendermos suas estratégias de resistência ao sistema vigente, como já visto, opressor (medicina e religiosidade oficiais). Ouvir suas histórias, omitidas de registros oficiais, nos ajuda no vislumbre de formas diversas de organização social, pela oralidade.

Em várias narrativas encontram-se refugiadas memórias de vários saberes religiosos, propagados, segundo Barros (2022) e confirmados pelas nossas entrevistadas, por laços familiares. Acessando estes conhecimentos, estas mulheres

sabem quais ervas e orações precisam ser utilizadas em cada enfermidade que se propõem a curar. Fazendo assim, prolongam o sentido de tais conhecimentos.

4. Benzedeadas e Benzidos – Diário de Campo e Análise de Dados

Falamos, neste capítulo, sobre como foi feito nosso trabalho de campo. Como foi estar em contato com as pessoas que benzem, saber um pouco sobre suas práticas e religiosidade. Portanto, além de algumas análises a partir do campo, contaremos histórias verdadeiras...

Em todas as entrevistas fui acompanhada do amigo Salvador Filho, que também está estudando as benzedeadas, mas com foco nos simbolismos presentes em seus ritos e altares. Em algumas fomos acompanhados pela nossa orientadora, a Dra. Maria Jeane. Sempre que chegávamos, nos apresentávamos e explicávamos o motivo de estarmos ali.

Aspiramos também trazer um pouco mais de conceitos, definições e origens das benzedeadas relevantes dentro das práticas de saúde popular. Também procurar descobrir a partir de que momento ou contexto os homens também passaram a exercer ofícios da medicina popular, especialmente em Sergipe.

As benzedeadas são mulheres que resistiram às adversidades e, por isso, também será importante entender a sobrevivência das práticas de benzimento, mesmo diante dos avanços da medicina técnica. Entender ainda, como tais tradições da medicina popular ressurgiram na vida das pessoas, mesmo depois das perseguições àquelas que trabalham com a cura e como se seguram ativas nas comunidades espalhadas em Sergipe. Vários artigos científicos, assim como nossa amostra de campo, puderam respaldar tais afirmativas.

Através de questionário semiestruturado, benzedeadas e benzidos foram ouvidos. Os dados coletados foram analisados sob a ótica da fenomenologia existencial. Os resultados serviram de comprovação da importância do trabalho das benzedeadas no cenário atual das curas populares e na perpetuação de tais culturas em comunidades em Sergipe. Finalmente, todos os capítulos formaram uma grande rede que responderá às hipóteses e questionamentos lançados nesta proposta de estudo.

Os questionários aplicados em Benzedeadas e Benzidos da amostra encontram-se, respectivamente, nos Anexos 1 e 2. Para uma melhor visualização dos dados coletados, montamos dois quadros com a identificação dos entrevistados: Quadro 1 - Benzedeadas; Quadro 2 – Benzidos. As demais questões, subjetivas, encontram-se na sequência dos subtópicos a seguir. As falas e escritas dos entrevistados foram transcritas fielmente ao que foi registrado, por isso sempre estão entre aspas.

Para garantir a ética e a privacidade de Benzedoras e Benzidos, seus nomes serão preservados. Serão identificados por números, na ordem das datas de entrevista. As respostas das benzedoras foram anotadas e algumas gravadas, quando permitido por elas. As respostas dos benzidos foram anotadas pelos próprios nos questionários. Algumas delas nos permitiram fazer fotos e estarão presentes. Além disso, todos preencheram um Termo de Compromisso assinado por mim e por eles, do comitê de pesquisas de campo da UFS (Anexo 03).

4.1 – Benzedoras e Benzedores

Benzedora (or)	Idade	Sexo	Escolaridade	Profissão	Cidade	Religião
01	84	F	Não há	Dona de Casa	Barra dos Coqueiros	Catolicismo
02	47	F	Ensino Médio	Aux. de Enfermagem/ Costureira	Barra dos Coqueiros	Candomblé
03	67	F	Ensino Médio	Artesã	São Cristóvão	Holísmo
04	52	M	Fundamental incompleto	Auxiliar de obras	São Cristóvão	Candomblé
05	75	F	Fundamental	Dona de Casa	N.S. Socorro	Catolicismo/Car decismo
06	82	F	Superior	Enfermeira/Profes sora	Aracaju	Catolicismo
07	71	M	Não há	Carpinteiro	Aracaju	Candomblé
08	56	M	Ensino Médio	Não Há	Riachuelo	Candomblé
09	46	F	Ensino Médio	Artesã	Laranjeiras	Catolicismo
10	61	F	Ensino Fundamental	Dona de Casa	Laranjeiras	Catolicismo
11	60	F	Não há	Lavadora	Ribeirópolis	Catolicismo
12	72	F	Não há	Lavadora	Ribeirópolis	Catolicismo
13	73	F	Não há	Lavadora	Ribeirópolis	Catolicismo
14	79	F	Não há	Lavadora	Ribeirópolis	Catolicismo
15	72	F	Superior	Pedagoga	São Cristóvão	Umbanda

Tabela 1 - Identificação das Benzedoras

As perguntas para as benzedeadas foram feitas na ordem apresentada abaixo, mas algumas delas conversavam bastante e acabavam respondendo antes mesmo que eu perguntasse, então eu já anotava. Ao final das perguntas, coloquei um espaço denominado *Algum relato especial*, onde anotei particularidades que julguei importantes diante de todo o estudo bibliográfico realizado.

Benedeira 01



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho

Figura 1 - Benedeira 1: Ela respondendo nossa entrevista na oficina de gesso do filho.

A primeira delas nos foi indicada por um Agente de Saúde do Município de Barra dos Coqueiros – local onde reside. Ele nos cedeu o contato de uma das filhas dela, também Agente de Saúde, com quem marcamos local e horário da visita. A benedeira e os filhos moram todos na mesma rua. Estava sentada na varanda da casa de um dos filhos, que é gessoiro. Era uma senhorinha miúda, com 84 anos e bastante lúcida. Nos recebeu muito bem. Disse ser Dona de Casa e que não é alfabetizada. Tem oito filhos, seis estão vivos e todos estudaram. Apesar das muitas perguntas, foi muito receptiva, paciente e tranquila.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica – Mas acredito que Deus é um só. E Nossa Senhora do Desterro, guia do livramento, da paz”.
2. Como explica seu dom? Resp. “É provação de Deus que deixou pra nós. Faça o bem e não escolha a quem! Tudo é pra nós! Deus nos deixou de graça

- e devemos utilizar e dar de graça pra quem precisar”. Por isso nossa Benzedeira 01 não aceita nada em troca de suas rezas, nem mesmo presentes.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Quando é preciso eu ensino”. Neste momento começou a falar sobre vários chás de ervas e para que problemas cada um serviria.
 4. Existe diferença entre rezadeira, benzedeira e curandeira? Resp. “Tudo é a mesma coisa. É só fazer o bem!”.
 5. Como você (a senhora) se tornou benzedeira? Havia outras pessoas que benziam na sua família? Resp. Ela nos disse que é a única benzedeira na família. Disse que morou durante um bom tempo na cidade de Ilhéus, na Bahia. Lá conheceu algumas benzedeiros e começou a observá-las, acompanhá-las e aprender com elas. Começou a benzer aos 16 anos de idade.
 6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Não! Não se interessam!”; O que é necessário para alguém tornar-se benzedeira (ou rezador)? Resp. “Precisa ter fé nas rezas e querer curar”.
 7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não! É só ter fé e querer dar a bênção de graça”.
 8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeira? Resp. “Só de quem tem medo”.
 9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Quase todos! Corte [estanca o sangramento]³⁰, olhado, espinhela caída, fogo selvagem, engasgo”... Ela disse que a pessoa precisa ir três dias seguidos e que prefere que a procurem pela manhã, a não ser que seja uma urgência, como corte ou engasgo, que ela atende a qualquer momento. Disse que também reza em “incêndio”, para que o fogo cesse.
 10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Com todo tipo de doença”. E como elas saem? Resp. “Todas ficam boas”.
 11. Como manter a tradição de benzedeira com os avanços da medicina? Resp. “É difícil porque muita gente não quer rezar. Tem medo que a doença passe para o rezador”.

³⁰ Grifo meu!

12. Quais problemas são para benzedeiras e quais são para médicos? Resp. “Não tem. A minha reza cura todo tipo de problema. Mas se precisar eu mando [para o médico], mas é difícil precisar”.

Algum relato especial – Sua tataravó era indígena; benze com qualquer erva, desde que esteja verde, e rezas; em sua casa, não há um espaço característico para as rezas, nem imagens e nem altar. Reza as pessoas na varanda de sua casa mesmo.

Esta benzedeira não tem nenhuma doença, não sente nenhuma dor, é saudável e come de tudo, acreditando que isso aconteça por utilizar corretamente seu dom de cura. Ela afirmou que não costuma frequentar igrejas, nem católica, porque os homens tiram dinheiro de todos os fiéis. Afirma que não frequenta igreja católica nem evangélica, pois ambas exigem que os fiéis doem dinheiro. Segundo ela mesmo que sejam pessoas necessitadas, tudo se faz por dinheiro. Afirmo ainda que eles deveriam observar quem pode contribuir financeiramente com a igreja e quem não pode.

Desaprova religiões de Matriz Africana, as quais considera trabalharem para o mal. Acredita que raios e trovões não vêm de Deus, são castigos. Para ela, as religiões de matriz africana não são de Deus. Por isso, não tem altar ou representações de santos em casa. Outro fato curioso, é que, mesmo tendo mostrado conhecer o poder medicinal de muitas ervas, a exemplo das demais, ela não cultivava ou tem plantas em casa, como vimos em todas as demais visitas.

Vemos aqui uma forte influência do catolicismo. Apesar de ter afirmado que não frequenta igrejas e não utiliza imagens, ela se diz católica quando perguntamos sua religião e tem as religiosidades de matriz africana como práticas demonizadas, preceitos e influência da inquisição católica. Veremos esta mesma cosmovisão mais adiante, com benzedeiras que se consideram católicas.

Quanto à questão de cura, também fugindo ao que comumente encontramos na literatura e outras entrevistas, ela não aprendeu seus rituais com alguém da família, mas isso não a impediu de se interessar pelo ofício quando conviveu com benzedeiras. Tanto que aprendeu e desde então não parou de benzer.

Benedeira 02

A segunda entrevistada é benedeira e mãe-de-santo. Também é auxiliar de enfermagem e costureira. Tem 47 anos. Atua na Barra dos Coqueiros. Foi indicada a Salvador por um amigo dele. Fomos até o centro onde ela realiza seus ofícios de benedeira e mãe-de-santo. Ao chegarmos, quem nos recebeu foi uma de suas filhas. Apesar de termos marcado horário, ela mandou dizer que não poderia nos receber porque estava muito ocupada. Então insistimos em deixar marcado um outro dia e horário que fosse melhor para ela. Depois de meia hora, ela resolveu nos atender. E quando explicamos calmamente a razão de nossa presença ali, ela aparentemente ficou mais tranquila e solícita. Além de nos responder em todos os questionamentos, ao final nos abençoou e convidou para irmos até seu “terreiro”³¹ sempre que quiséssemos, pois éramos bem vindos!

1. Qual a sua Religião? Resp. “Candomblé”.
2. Como explica seu dom? Resp. “Eu nasci com ele. É de raiz”. Com isso ela quis dizer que é de família, pois sua mãe e avós eram rezadores.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim. Chás, banhos, defumações e rezas”.
4. Existe diferença entre rezadeira, benedeira e curandeira? Resp. “Não há diferença. Todos têm a mesma missão”.
5. Como você (a senhora) se tornou benedeira? Havia outras pessoas que benziam na sua família? Resp. “Há mais de 20 anos. Nasci com raiz na Umbanda e, como disse, meus avós e minha mãe eram rezadores”.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Sim, para minha filha”. Depois afirmou que também está ensinando para o filho; O que é necessário para alguém tornar-se benedeira (ou rezador)? Resp. “Tem que ter o dom e acreditar”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não! É ter fé!”.

³¹ O Terreiro é um espaço sagrado e de culto utilizado pelas religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. Esses locais são considerados como pontos de encontro entre o mundo dos humanos e o mundo espiritual, onde são realizados rituais, cerimônias e cultos em honra aos orixás, entidades espirituais e ancestrais. O termo “Terreiro” tem origem na língua iorubá, uma das línguas africanas trazidas pelos escravizados para o Brasil durante o período colonial. Na língua iorubá, a palavra “ile” significa “casa” e “orò” significa “culto”. Dessa forma, o Terreiro é entendido como a “casa do culto”, o espaço onde são realizadas as práticas religiosas. <https://www.soescola.com/glossario/terreiro-o-que-e-significado>

8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeira? Resp. “Sim”. Foi bem enfática no sim e sorriu.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Todo tipo de problema. Conhecidos ou não”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Sempre pedindo ajuda”. E como elas saem? Resp. “Sempre curadas. Não admitimos que a pessoa saia daqui sem cura”.
11. Como manter a tradição de benzedeira com os avanços da medicina? Resp. “Passando de um para o outro. Para os filhos. Seguindo as tradições”.
12. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? Resp. “Não tem. A gente une os dois”.

Algum relato especial – Não pode benzer antes do pôr do sol; durante o processo de benzimento são realizados rituais, rezas e banhos. E há todo um preparo.

Aqui temos uma influência muito forte de uma tradição familiar. Ela cresceu vendo avós, mãe e pai benzendo. Mesmo migrando do Candomblé para a Umbanda, não deixou o ofício de benzedeira, mas o integrou às suas práticas de mãe-de-santo no terreiro pelo qual é responsável.

Quanto à questão da cura, me chamou a atenção sua fala e solenidade em afirmar que “não admitimos que a pessoa saia daqui sem cura”, demonstrando seu compromisso com a saúde e bem estar de quem a procura. Disse que, apesar do medo que muitos têm das coisas relacionadas à sua religião, pessoas de todos os tipos de credo a procuram quando estão desesperados e enfermos.

Benedeira 03



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho
Figura 2 - Benedeira 3: Ela nos mostrando seu altar.

Nossa terceira benedeira, além deste ofício, se diz dona de casa e artesã. Não tem filhos. Mora no município de São Cristóvão. Ela é bem atuante e participa de vários projetos que envolvem artesanato e terapias integrativas, em São Cristóvão, em Aracaju e na UFS (Campus São Cristóvão), instituição na qual recebeu o título oficial de Mestre dos Saberes e Fazeres. Possui Ensino Médio completo e tem 67 anos de idade. Muito entusiasta, elogiou a nossa iniciativa em pesquisar sobre as benedeiras.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Eu sou universalista. Holística”.
2. Como explica seu dom? Resp. “Venho de uma família de raizeiras e parteiras. Desde a minha tetravó que somos benedeiras e elas foram ensinando umas às outras”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim. Depende de cada caso. Depende da intuição”.
4. Existe diferença entre rezadeira, benedeira e curandeira? Resp. “Não, mas cada uma tem sua espiritualidade”.

5. Como você (a senhora) se tornou benzeadeira? Havia outras pessoas que benziam na sua família? Resp. Já respondida na Questão 2
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Não”; O que é necessário para alguém tornar-se benzeadeira (ou rezador)? Resp. “Tem que ser da família para passar o dom. A rezadeira de raminho, que é a tradição”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “É! Muito! Tem rezadores, mas a maioria é mulher. E a maioria delas termina só – viúvas, solteiras ou separadas”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzeadeira? Resp. “Sim. Já fui chamada de bruxa, de feiticeira, de macumbeira. Mas não me incomoda (entre risadas)”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Olhado, cura e limpeza espiritual. Erisipela, cobreiro”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Chegam desesperadas. Pedindo socorro”. E como elas saem? Resp. “Saem felizes e bem de saúde”.
11. Como manter a tradição de benzeadeira com os avanços da medicina? Resp. “A gente tem que se valorizar, nossos saberes populares em complemento ao saber científico”.
12. Quais problemas são para benzeadeiras e quais são para médicos? Resp. “Sempre se complementam, mas tem coisas que só a reza. Como a escuta, o acolhimento, a confiança”.

Algum relato especial – É de descendência indígena; sua mãe e todas antes dela.

Esta é uma mulher admirável no sentido de que defende muito bem seu ofício e faz questão de estimular eventos em que as práticas de saúde alternativas e populares sejam divulgadas. Depois da entrevista conversamos muito com ela. Se mostrou muito conhecedora das práticas de saúde popular, inclusive origens históricas das benzeadeiras e diferenças entre diferentes práticas. Como se intitulou universalista, estuda e conhece as religiões de diversas vertentes.

Benzedor 04



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho
Figura 3 - Benzedor 4: Em sua casa, onde também funciona seu terreiro.

O quarto entrevistado é rezador e pai-de-santo. Também trabalha como encarregado de obras. Tem escolaridade incompleta, não chegou a terminar o ensino fundamental. Tem 52 anos. Mora no Bairro Rosa Else, município de São Cristóvão. Nos recebeu muito bem. Logo quando chegamos nos ofereceu uma xícara de chá, a qual aceitamos.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Candomblecista”.
2. Como Explica seu dom? Resp. “Não tem explicação, tem o amor. O que Obatalá dá ninguém toma. É espiritualidade”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim. Depende do caso”.
4. Existe diferença entre rezadeira, benzedeira e curandeira? Resp. “Não existe”.

5. Como você tornou rezador? Resp. “Os Orixás me ensinaram”. Havia outras pessoas que benziam na sua família? Resp. “Vem de berço, minha mãe vem do Candomblé”.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? O que é necessário para alguém tornar-se benzedora (ou rezador)? Resp. “É muita responsabilidade. A pessoa será que vai cumprir? É difícil achar compromisso”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não tem diferença. O poder de cura não vem do rezador, vem dos Orixás”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedora (benzedor)? Resp. “Eu não. Mas já vi outras pessoas sofrerem. Você precisa impor respeito”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Sem andar, vento caído, asma, olho, praga, recém-nascido”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Sofrendo”. E como elas saem? Resp. “Alegres e muito agradecidos”.
11. Como manter a tradição de benzedora (benzedor) com os avanços da medicina? Resp. “Estou preparando filhos de santo para manter a tradição”.
12. Quais problemas são para benzedoras e quais são para médicos? Resp. “Tem casos que os médicos desenganam e as rezas curam. E tem casos de médico, de cirurgia. Outros do curador, quando o problema é espiritual”.

Algum relato especial – Com suas respostas, aparentemente ele não é rezador como os demais entrevistados. Atua fortemente como pai-de-santo, inclusive quando a pergunta era se havia outros benzedores na família e ele respondeu que sua mãe era do Candomblé e que os orixás os haviam ensinado. Também quando disse estar ensinando filhos-de-santo a manter a tradição.

Ao final da entrevista, como não me conhecia, me fez perguntas sobre minha religiosidade e afirmou que via que eu estava acompanhada de um espírito que estava atrapalhando minha vida, “um obsessor”. Ele tem um canal no Youtube, onde grava vídeos fazendo limpeza espiritual em pessoas e residências. Usa um aparelho comprado pela internet, K2, que promete captar vozes de espíritos. Fez uma rápida demonstração e uma entidade (Exú Tranca Ruas) manifestou-se. Ele fazia perguntas e ruídos curtos emitidos pelo aparelho eram interpretadas como “sim”, “não”, “talvez”, “é”. Perguntou

a mim se eu entendia as respostas, eu respondi que não, então ele me explicou que era porque eu não tinha prática.

Ofereceu-se para ir até minha casa fazer seu trabalho, que não cobraria nada, mas que filmaria para lançar o vídeo em seu canal no Youtube. Afirmou ainda que, se não obtivesse sucesso, eu deveria frequentar seu terreiro e fazer “trabalhos de limpeza” com ele (pelos quais ele precisaria cobrar algum pagamento). Agradei e fiquei de pensar, mas não retornei... Diferente da benzedeira anterior, em diversos momentos de seu discurso criticava religiões diferentes da dele.

Benedeira 05



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho Figura 4 - Benzedora 4: Realizando em mim o benzimento de sol e sereno, para me livrar de uma enxaqueca.

A próxima benzedeira entrevistada, assim como a Benzedeira 03, nos recebeu com muita alegria, apesar de não nos conhecer. É uma senhora com 75 anos, ensino fundamental incompleto e Dona de Casa. Mora no povoado Taiçoca de Dentro, município de Nossa Senhora do Socorro.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica e Espírita Kardecista”.
2. Como Explica seu dom? Resp. “É de família, 150 anos atrás, avós bisavós, mãe, tias. A ancestralidade me acompanha!”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim. Chás, banhos, rezas, velas, garrafadas”.

4. Existe diferença entre rezadeira, benzedeira e curandeira? Resp. “É a mesma coisa”.
5. Como você (a senhora) se tornou benzedeira? Havia outras pessoas que benziam na sua família? Resp. A mãe, antes de morrer disse a ela que se tornaria benzedeira, ela não queria, tinha medo. Começou a benzer seis meses depois, orientada por outra benzedeira, amiga da mãe e por outras pessoas da família.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. Afirmou que nunca ensinou para ninguém, porque não se interessam. Mas se alguém quiser, ela ensina (inclusive a nós); O que é necessário para alguém tornar-se benzedeira? Resp. “Saber as rezas, se dedicar. Ter paciência, perseverança e fé”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não! Basta ter fé!”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeira? Resp. “Sim, da própria Igreja Católica. Só vou à missa quando quero... Quem se cala, Deus fala”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Cobreiro, Erisipela, Espinhela caída, Olhado, Mufina...”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Doentes e desenganadas por médicos”. E como elas saem? Resp. “Bem, com saúde e muito gratas. Ganho muitos presentes”. Ela, assim como as benzedeiros que não são mães e pais-de-santo, não aceita pagamentos, mas aceita presentes (inclusive cestas básicas).
11. Como manter a tradição de benzedeira com os avanços da medicina? Resp. “Uma coisa não interfere na outra. As pessoas vêm porque querem”.
12. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? Resp. “Quando o médico não cura, a benzedeira cura”.

Algum relato especial –Atende às segundas, quartas e sextas-feiras, de 8h -11h e das 14h – 17h (disse que já não tem disposição para atender todos os dias).
Atende pessoas de várias classes sociais e de vários lugares.

Contou muitas histórias sobre casos que curou, sobre sua história familiar, especialmente com a falecida mãe, com quem aprendeu seu ofício de rezadeira. Fez questão de nos oferecer um lanche ao final da entrevista, biscoitos e suco de jenipapo

(colhido de seu quintal). Antes, em sua casa, a falecida mãe e outras pessoas da família realizavam sessões mediúnicas. As sessões não acontecem mais porque alguns médiuns da família já faleceram e outros migraram para religiões com manifestações que ela afirma não aceitar (religiões de matriz africana).

Na foto logo acima, ela está me benzendo. Ofereceu-se gentilmente quando soube, por Salvador, que eu estava sofrendo com uma enxaqueca há três semanas. Quando eu disse que aceitaria o benzimento, ela pareceu muito satisfeita. Foi até o interior de sua casa, voltou com uma pequena garrafa com água e um lenço muito branquinho (com cheiro muito bom de alfazema). Ela fez umas dobras no pano, colocou sobre a garrafa e a entornou sobre minha cabeça sem derramar nada. Enquanto realizava o benzimento, Salvador afirmou que a água da garrafa ficava borbulhando. Eu já assisti a alguns vídeos no Youtube com este procedimento, sempre achei interessante ver a água borbulhando. Durante o benzimento a dor de cabeça começou a aliviar, ao final já não a sentia mais...

Benedeira 06



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho

Figura 5 - Benzedora 6: Ao lado do seu altar de rezadeira com uma estola, adereço que utiliza nos benzimentos.

A próxima rezadeira mora em Aracaju, é amiga da Benzedeira 03 e foi indicada por ela (que inclusive nos acompanhou na entrevista). Tem 82 anos, é Enfermeira aposentada, já foi professora de Artes Cênicas e também recebeu o Título de Mestre em Saberes e Fazeres pela Universidade Federal de Sergipe. Além de um altar para rezar as pessoas, ela também tem uma roupa com estola, especialmente para os benzimentos.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica Apostólica Romana”.
2. Como Explica seu dom? Resp. “Eu acho que a criança já nasce com o dom de benzer. Com 9 anos eu já previa coisas e benzia. Era uma menina diferente. Minha mãe era benzedeira”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Faço sim, com muito fervor e carinho”.

4. Existe diferença entre rezadeira, benzeadeira e curandeira? Resp. “Depende da intenção, tem que conversar com Deus e acreditar. Ter conexão com o universo, com a galáxia do bem, do Pai Eterno. Todas são iguais desde que invoquem as forças do bem”.
5. Como você (a senhora) se tornou benzeadeira? Havia outras pessoas que benziam na sua família? Respondida na Questão 2.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? O que é necessário para alguém tornar-se benzeadeira (ou rezador)? Resp. “Não! Porque o benzimento vem de dentro para fora. Não existe oficina de benzeadeira”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não! Qualquer pessoa que tenha isso na essência, no nascimento, pode benzer”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzeadeira? Resp. “Sim, dos médicos do Hospital da Chesf, onde eu trabalhava. E também, quando descobriram que minha mãe era benzeadeira, o padre da região sugeriu dividir a renda, pra fazer novenas e leilões, porque ela usava os nomes dos santos”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Olhado, Espinhela Caída, criança, Vento Caído, dor de cabeça, Sol e Sereno, inveja...”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Chegam doentes, tristes”. E como elas saem? Resp. “Saem muito felizes, curadas”.
11. Como manter a tradição de benzeadeira com os avanços da medicina? Resp. “Fazendo parte da associação das benzeadeiras³², se unir com as benzeadeiras. Da família ninguém quer continuar”.
12. Quais problemas são para benzeadeiras e quais são para médicos? Resp. “Não tem diferença porque toda medicação vem das ervas”.

Algum relato especial – Os pais dela eram mezeiros, segundo ela e a Benzeadeira 3, são as pessoas que preparam remédios com ingredientes da mata, como chás e beberagens. Segundo ela, plantas que curam o corpo, não são as mesmas que curam o espírito.

³² Até o momento, não consegui obter informações sobre a existência de uma associação, mas continuarei procurando.

Benzedor 07



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho
Figura 6 - Benzedor 7: Respondendo nossa entrevista em sua casa/terreiro.

O sétimo entrevistado é de Aracaju, tem 71 anos, carpinteiro aposentado que não teve oportunidade de estudar. Apenas assina o nome. Além de rezador é pai-de-santo.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica e Candomblé”.
2. Como explica seu dom? Resp. “A minha avó era rezadeira e aprendi tudo com ela”.

3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim. Cada caso é um caso. Às vezes precisa de lambedor, às vezes de banhos...”.
4. Existe diferença entre rezadeira, benzeira e curandeira? Resp. “Não. Rezador é igual a benzedor. Curador é quem faz chás e garrafadas”.
5. Como você (o senhor) se tornou rezador? Havia outras pessoas que benziam na sua família? Resp. “Minha avó e também tinha uma tia que era boa rezadeira. Aprendi tudo com elas”.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Já ensinei a três pessoas, não posso mais, porque só pode ensinar a três. Muita gente não quer, porque é uma responsabilidade...”; O que é necessário para alguém tornar-se benzeira (ou rezador)? Resp. “Não é todo mundo, porque não nasceu com o dom”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não tem diferença!”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzeira (benzedor)? Resp. “Já, porque a reza prende muito, tem que ter responsabilidade. Tem coisas que tem que dar conta e alguns segredos”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Fogo selvagem, cobreiro, olhado, crianças e bebês”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Muitos chegam exaltados”. E como elas saem? Resp. “Saem alegres, calmos. Alguns até choram de emoção”.
11. Como manter a tradição de benzeira com os avanços da medicina? Resp. “Sem médicos também não há cura. Tem doenças que é pra médicos”.
12. Quais problemas são para benzeiras e quais são para médicos? Resp. “Os espirituais para rezador. Os outros para os médicos”.

Algum relato especial – Muito tranquilo e solícito. Em seu terreiro tem muitas imagens de santos católicos em meio a orixás e elementos do candomblé. Mas, assim como a Benzeira 2, o ofício de benzedor e pai- de-santo não são um só, eles preservam as diferentes ritualísticas.

Benzedor 08



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho

Figura 7 - Benzedor 8: Ele respondendo nossa entrevista, trajado e em sua casa/terreiro.

Da cidade de Riachuelo, interior de Sergipe, este rezador também é pai-de-santo e nos recebeu em seu terreiro. Estava usando uma roupa que, segundo ele, utiliza em rituais importantes. Com ensino médio completo, tem 56 anos e vive da sua religiosidade.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Candomblé”.
2. Como explica seu dom? Resp. “Inexplicável, dom de Deus, da Espiritualidade, do Espírito Santo”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim. Também faço consulta com búzios e cartas. Cada caso é um caso”.
4. Existe diferença entre rezadeira, benzedeira e curandeira? Resp. “Existe. Nem todos tem o dom de saber rezar”.
5. Como você (o senhor) se tornou rezador? Havia outras pessoas que benziavam na sua família? Resp. “Eu era uma criança muito doente. Já fui coroinha. Aí minha mãe chamou uma mãe de santo para me rezar com 11 anos e ela profetizou que eu seria rezador. Eu tinha uma tia que era benzedeira”.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Ensino”; O que é necessário para alguém tornar-se benzedeira (ou rezador)? Resp. “Não aprende quem não quer ou não consegue”.

7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não há diferença! O dom é para todos”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedor? Resp. “Demais. Racismo religioso”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Doenças espirituais e de “médiuns” que não se iniciaram”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Doentes. Perturbados”. E como elas saem? Resp. “Satisfeitas, aliviadas e curadas”.
11. Como manter a tradição de benzedeira com os avanços da medicina? Resp. “Quase não existe mais benzedeiros. Está diminuindo”.
12. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? Resp. “Sim, existe os problemas espirituais e os materiais. Tem que curar o espiritual primeiro”.

Algum relato especial – Assim como o Benzedor 03, também pai-de-santo, não ficou clara uma separação dos ofícios.

Benedeira 09

A mais jovem das entrevistadas, tem 46 anos. É artesã e técnica em construção civil. Possui nível médio técnico. É do Povoado quilombola Mussuca, em Laranjeiras, Sergipe.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica Apostólica Romana”.
2. Como explica seu dom? Resp. “Um irmão meu ficou doente e uma senhora rezava nele. Fiquei observando e aprendi. Mas acredito que é dom. Minha avó, meu avô, minha mãe e minhas tias, todas rezavam”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Não. Apenas digo que não coma algo que piore a doença (mais tarde soubemos se tratar de Erisipela). Não molhar. Colocar erva de Santa Maria e fava”.
4. Existe diferença entre rezadeira, benedeira e curandeira? Resp. “Não, todas têm o mesmo objetivo”.
5. Como você se tornou benedeira? Havia outras pessoas que benziam na sua família? Respondida na Questão 2.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Não, porque as pessoas não têm interesse”. O que é necessário para alguém tornar-se benedeira (ou rezador)? Resp. “Aceitar...”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não! Pode ser rezador também”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benedeira? Resp. “Não! Pelo contrário, as pessoas agradecem muito”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Cobreiro e fogo selvagem”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Sem suportar o problema”. E como elas saem? Resp. “Saem aliviadas”.
11. Como manter a tradição de benedeira com os avanços da medicina? Resp. “Talvez falte divulgar. Para que mais pessoas se interessem”.
12. Quais problemas são para benedeiras e quais são para médicos? Resp. “Dos problemas que eu trato, só a reza”.

Algum relato especial – Ela comentou que lá na Mussuca, em todas as famílias tem benedeiras. Também disse que há benedeiras que são ‘especialistas’ em determinado problema. Ela, por exemplo, só trata cobreiro e fogo selvagem.

Afirmou que no começo tinha medo que a doença passasse para ela, mas com o tempo e com as primeiras curas advindas de suas rezas, passou a exercer o ofício com prazer.

Benedeira 10



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho

Figura 8 - Benedeira 10: O altar coberto, pois é como o conserva no período da Quaresma³³

³³ Quaresma é a palavra utilizada para designar o período de 40 dias, no qual os católicos realizam a preparação para a Páscoa, a mais importante festa do calendário litúrgico cristão, pois celebra a Ressurreição de Jesus, a base principal da fé cristã. Nesse período, que começa na Quarta-feira de Cinzas e termina na Quarta-feira da Semana Santa, os fiéis são convidados a fazerem um confronto especial entre suas vidas e a mensagem cristã expressa nos Evangelhos.

<https://formacao.cancaonova.com/liturgia/tempo-liturgico/quaresma/qual-e-origem-e-o-sentido-da-quaresma/>

Também do povoado Mussuca, esta senhora de 61 anos é dona de casa e estudou até o Ensino Fundamental. Ficou muito resistente à entrevista, e talvez só a tenha concedido porque o amigo que a indicou, mora no povoado e ela o conhece. Ele estava conosco e esclareceu a ela o mesmo que tínhamos explicado sobre os motivos de estarmos ali, ela então aceitou.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica”.
2. Como Explica seu dom? Resp. “Meu dom vem com o Pai Nosso. Interseção da Virgem Maria e Jesus”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim, banhos de aroeira mais alevante mais o benzimento”.
4. Existe diferença entre rezadeira, benzedeira e curandeira? Resp. “Sim. Cada uma tem seu tipo de reza”.
5. Como você (a senhora) se tornou benzedeira? Havia outras pessoas que benziavam na sua família? “Pelo dom de Deus. Minha mãe e avó rezavam, mas elas não ensinavam”.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Não, minhas filhas não se interessam”. O que é necessário para alguém tornar-se benzedeira (ou rezador)? Resp. “Ter a fé”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Eu mesmo só conheço mulheres”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeira? Resp. “Sim, teve alguém que me disse que tentaria me derrubar”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Corpo mole, sem comer, crianças vomitando...”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Doentes”. E como elas saem? Resp. “Já saem sorrindo”.
11. Como manter a tradição de benzedeira com os avanços da medicina? Resp. “Continuar, não deixar morrer”.
12. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? Resp. “Veja... assim... Cobreiro e Fogo Selvagem é de reza”.

Algum relato especial – Apesar de estar desconfiada durante a entrevista, em momento algum nos tratou mal. Seu altar onde pratica as rezas estava coberto com um manto roxo, pois a entrevistamos na época da Quaresma (tradição da Igreja Católica). Nos dias de quaresma ela também não faz benzimentos.

Benedeira 11



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho

Figura 9 - Benedeira 11: Imagem em sua casa. Uma montagem da foto da benzedeira e uma sereia (Iemanjá).

Benedeira e parteira muito conhecida na cidade de Ribeirópolis, cidade do agreste sergipano, nossa próxima personagem se mostrou muito tímida, mas também muito gentil. É uma senhora com 60 anos, que ainda precisa trabalhar na lavoura. A amiga que nos levou até ela disse que ela é muito sofrida, sempre precisou trabalhar muito para manter os filhos e ainda era vítima de violência doméstica do marido. Apesar disso, sempre atende quem a procura.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica”.
2. Como Explica seu dom? Resp. “De família. Todas as mulheres da família são parteiras e rezadeiras”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Chá, às vezes”.
4. Existe diferença entre rezadeira, benzedeira e curandeira? Resp. “Rezadeira e benzedeira são iguais, mas curandeira é quem é associada à esquerda da parte espiritual”.

5. Como você (a senhora) se tornou benzedeira? Resp. “Desde os 16 anos sou parteira. Rezadeira comecei com os de casa”. Havia outras pessoas que benziam na sua família? Respondido na Questão 2.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? O que é necessário para alguém tornar-se benzedeira (ou rezador)? “Não pode, se não as rezas ficam fracas. É o dom. Talvez um filho”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeira? Resp. “Sim”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Apendicite, Cobreiro, Mal Olhado, engasgo”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Doentes”. E como elas saem? Resp. “Agradecidas”.
11. Como manter a tradição de benzedeira com os avanços da medicina? Resp. “Talvez com os mais novos”.
12. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? Resp. “Se eu rezar 3 vezes e não resolver, vai pra o médico”.

Algum relato especial – Apesar de parecer desconfiada, em momento algum nos tratou mal. Em sua casa havia imagens de santos da Igreja Católica. Mas havia também um quadro de uma sereia, uma das imagens associadas a Iemanjá.

Benedeira 12



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho

Figura 10 - Benedeira 12: O altar com várias referências e as guias (de Orixás) que utiliza, apesar de ser católica.

Também de Ribeirópolis, esta rezadeira de gargalhada fácil é uma senhora muito receptiva e simpática que nos recebeu com muita alegria. Foi indicada por uma Agente de Saúde do Município de Ribeirópolis. É lavradora aposentada e analfabeta, tem 72 anos.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica”.
2. Como Explica seu dom? Resp. “Eu sou rezadeira, né? Eu rezo de tudo e pessoas de vários lugares. O povo vem de Aracaju pra se rezar comigo, de todo canto”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Depende do caso. Sim, chá e banho”. Falou de vários banhos, como de alfazema ou de algumas ervas. Toma o banho por sete dias.

4. Existe diferença entre rezadeira, benzedeira e curandeira? Resp. “Eu sou rezadeira, sabe? Eu só não sou macumbeira, nem curandeira, essas coisa, sabe? Que Deus me deu o dom. Não faço mal a ninguém, nem quero”.
5. Como você (a senhora) se tornou benzedeira? Havia outras pessoas que benziam na sua família? Resp. “Um médico rezador de Aracaju que me disse que eu era benzedeira. Fui a primeira da família. Tinha vontade, mas tinha vergonha... depois comecei e não parei mais”.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Não”. O que é necessário para alguém tornar-se benzedeira (ou rezador)? Resp. “Tem que ter o dom que Deus dá”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeira? Resp. “Sim, já me chamaram de macumbeira”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “De tudo! Dos ares, sol e sereno, olhado, das perna caída”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Doentes”. E como elas saem? Resp. “Felizes”.
11. Como manter a tradição de benzedeira com os avanços da medicina? Resp. “Acho que não acaba. O que é de Deus não acaba”.
12. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? Resp. “Olhado é só para rezadeira”.

Algum relato especial – Apesar de associar religiões de matriz africana ao mal, o altar onde ela reza é riquíssimo em imagens de santos católicos e de orixás. Ela inclusive usa uma guia de orixá para benzer.

Benedeira 13

Também de Ribeirópolis, nossa próxima rezadeira quase não nos recebeu. Ficou na janela conversando conosco, mas depois respondeu a quase todas as perguntas e nos fez dar risadas com suas histórias. Tem 73 anos, é lavradora e não estudou. Disse ter 27 irmãos e 360 sobrinhos.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica”.
2. Como explica seu dom? Resp. “Nasci com ele”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim, muitas eu uso para banhos, chás, remédios com plantas”. Também demonstrou sabedoria com o uso medicinal de várias plantas... a maioria recolhida em sua casa.
4. Existe diferença entre rezadeira, benedeira e curandeira? Resp. Afirmou ser rezadeira. Assim como as duas rezadeiras anteriores, da mesma cidade. Disse que não gostava de falar dessas outras religiões e usou termos racistas para mostrar que não gostava desses assuntos.
5. Como você (a senhora) se tornou benedeira? Resp. “Desde os 16 anos sou parteira. Rezadeira comecei com os de casa. Havia outras pessoas que benziam na sua família? “Comecei a rezar com 5 anos. Avó, pai, mãe, todos rezavam”.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. O que é necessário para alguém tornar-se benedeira (ou rezador)? “Não”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não, é só ter o dom”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benedeira? Resp. “Já me chamaram de macumbeira”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Fogo selvagem e Cobreiro”.

A partir daqui não quis mais responder.

Algum relato especial – Apesar de rude e muito direta nas respostas, não nos tratou mal. Disse que reza com qualquer ramo verde e também reza várias pessoas à distância, apenas com no nome delas.

Benedeira 14



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho

Figura 11 - Benzedeira 14: Na porta de sua casa, onde tem um quartinho para os benzimentos. Ao lado a professora Maria Jeane e eu mais afastada.

Esta senhorinha muito simpática e sorridente nos recebeu com muita alegria, apesar de não termos conseguido avisar que iríamos. Chegamos de surpresa. Estava vestida de branco e em sua casa tem um lugar muito especial para as rezas. Um quarto com uma cama, uma cadeira e um altar cheio de referências católicas, indígenas e de religiões de matriz africana. Disse que sua reza dura em média uma hora. Tem 79 anos, é rezadeira e lavradora aposentada. Não se alfabetizou. Também da cidade de Ribeirópolis.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Católica”.
2. Como explica seu dom? Resp. “De família. Minha mãe e minha avó eram rezadeiras e parteiras”.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim, banhos... de arruda, de alho...”.
4. Existe diferença entre rezadeira, benzedeira e curandeira? Resp. “Rezadeira e benzedeira são iguais, mas curandeira bate tambor e pode ser de esquerda ou de direita”.

5. Como você (a senhora) se tornou benzedeira? Havia outras pessoas que benziam na sua família? Resp. “Há uns 20 anos, quando me aposentei da lavoura comecei a rezar. Aprendi com minha mãe e ela com minha avó”.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Já, mas não querem rezar no povo”. O que é necessário para alguém tornar-se benzedeira (ou rezador)? Resp. “Tem que ter a religião. Me visto de branco todos os dias para benzer”
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Não... Se tiver no destino...”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeira? Resp. “Não”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Vento, Sol e Sereno, Espinhela Caída...”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Doentes, tem pessoas que chegam carregadas, nem andam”. E como elas saem? Resp. “Já saem andando. Curadas”.
11. Como manter a tradição de benzedeira com os avanços da medicina? Resp. “Com quem quiser continuar”.
12. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? Resp. “Espirituais para rezadeiras”.

Algum relato especial – Ela tem um altar riquíssimo em elementos de vários credos, assim como a Benzedeira 12, da mesma cidade. Também tem vasto conhecimento sobre as propriedades medicinais de várias plantas.

Benedeira 15



Fonte: Arquivo Pessoal Créditos: Salvador Filho
Figura 12 - Benedeira 15: Vista do Terreiro.

A nossa última entrevistada é benzedeira e sacerdotisa de um centro de Umbanda, uma Aldeia Espiritual. Pedagoga aposentada, 72 anos. Muito simpática e cativante. Ofereceu-se para benzer a todos nós ao final da entrevista.

1. Qual a sua Religião? Resp. “Umbandista”.
2. Como explica seu dom? Resp. “Um dia descobri por acaso. Segui minha intuição e benzi uma amiga que estava com dor de cabeça e passou na hora. E a segunda vez, estava na aldeia (Cariri-Xocó) e havia um rapaz com dor de dente. Rezei nele e passou. Daí não parei mais”. Costuma benzer defumando com cachimbo.
3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas? Resp. “Sim. Banhos, garrafadas...”.

4. Existe diferença entre rezadeira, benzeadeira e curandeira? Resp. “Não. Todas estão curando com as forças do astral”.
5. Como você (a senhora) se tornou benzeadeira? Respondido na Questão 2. Havia outras pessoas que benziam na sua família? Resp. “Não, fui a primeira, o dom me foi presenteado pela espiritualidade”.
6. Você já ensinou benzimento para alguém? Resp. “Ainda não”. O que é necessário para alguém tornar-se benzeadeira (ou rezador)? “Se tiver o dom. E se tiver herança...”.
7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos? Resp. “Tanto faz homem como mulher”.
8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzeadeira? Resp. “Não. Só se for escondido de mim”.
9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida? Resp. “Obsessão, fogo corredor, dores...”.
10. Como as pessoas chegam até você? Resp. “Doentes”. E como elas saem? Resp. “Saem curadas”.
11. Como manter a tradição de benzeadeira com os avanços da medicina? Resp. “Nós, benzeadeiras, já fomos incluídas na saúde – Terapias Integrativas”.
12. Quais problemas são para benzeadeiras e quais são para médicos? Resp. “Para os médicos problemas materiais. Para nós, dores simples e obsessão espiritual”.

Algum relato especial – Esta senhora tem muita ligação com a tribo Cariri-Xocó, aqui de Sergipe. Nos fundos de sua residência se encontra sua Aldeia Espiritual, que é um centro de Umbanda, com muita riqueza de altares e imagens da respectiva religiosidade. Ela é a dirigente da casa e afirma que foi batizada como curandeira pela espiritualidade indígena. Aos fundos do terreiro tem ainda um espaço com mata, onde ela disse que, muito em breve, será construída uma oca, para mais trabalhos espirituais de cura com os indígenas. Ela tem vasto conhecimento de ervas, suas propriedades e segue rituais distintos para benzimento.

*

*

*

Em nosso estudo de campo, constatamos semelhanças e diferenças nos rituais de benzimento em cada entrevistado. No entanto, cada benzeadeira é única. Em seus rituais

de cura, cada uma possui sua maneira de benzer (mesmo tendo muitas orações em comum). Esta característica é fascinante quando pensamos que o que há em comum entre elas são os resultados da cura pela fé.

A maioria delas afirmou que todos que as procuram saem curados, em poucas exceções. Mas todas (os) afirmaram que há males que apenas as bênçãos e rezas curam. Casos que se relacionam ao campo espiritual, como doenças cuja nomenclatura nem sempre tem correspondência na medicina técnica – *mal olhado*, *quebrante*, *mufina*, *espinhela caída* etc. – doenças que têm sintomas como indisposição, cansaço extremo, falta de apetite, fraqueza etc. Outras têm correspondência, como *cobreiro* e *fogo selvagem* (ou *fogo corredor*) que, pelo que pesquisamos, é correspondente à erisipela ou infecções da pele.

As benzedeadas que se denominam católicas, mesmo com seus altares cheios de elementos de outras religiões, utilizam-se de rezas mais ligadas, oralmente, à tradição católica, como Credo, Pai Nosso e Ave Maria. Também têm outras rezas que fazem referência a santos católicos. Quanto às entrevistadas (os) que se identificam pertencentes a religiões de matriz africana, com exceção do Benzedor 03, usam orações como Ave Maria e Pai Nosso, junto a orações de seus respectivos credos.



Fonte: Acervo pessoal. Créditos: Salvador Filho.

Figura 13 - Benzedeira 15: Altar de benzedeira que é católica mas faz uso de símbolos de crenças diversas.

4.2 - Benzidos

Benzidos	Idade	Sexo	Escolaridade	Profissão	Cidade	Religião
01	21	F	Cursando Ensino Superior	Não há	Ribeirópolis	Catolicismo
02	25	F	Cursando Ensino Superior	Não há	Ribeirópolis	Nenhuma
03	41	F	Ensino Superior	Psicóloga	Aracaju	Espiritismo
04	31	M	Cursando Ensino Superior	Não há	São Cristóvão	Umbanda
05	21	F	Cursando Ensino Superior	Não há	Ribeirópolis	Agnóstica
06	47	F	Ensino Superior	Confeiteira	Ribeirópolis	Catolicismo
07	30	M	Ensino Superior	Autônomo	Aracaju	Catolicismo
08	28	M	Cursando Ensino Superior	Não há	Aracaju	Protestantismo
09	20	M	Cursando Ensino Superior	Não há	Ribeirópolis	Catolicismo
10	50	F	Ensino Superior	Psicóloga	Aracaju	Espiritismo
11	38	F	Ensino Superior	Professora	Estância	Espiritualista
12	32	F	Ensino Superior	Fisioterapeuta	Aracaju	Catolicismo
13	42	F	Ensino Superior	Fonoaudióloga	Aracaju.	Nenhuma

Tabela 2 - Identificação dos Benzidos **Benzido 01** - Cursando Ensino superior, 21 anos, mulher, reside em Ribeirópolis.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Católica”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Não há explicação, é algo sobrenatural”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Na infância”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Mal estar, falta de sono, cansaço excessivo”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Na infância até a adolescência”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Sensação de leveza”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Não”.
8. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? **Resp.** “Acredito que não há uma separação, em muitos casos, ambos podem trabalhar em conjunto”.
9. Como acha que a tradição das benzedeiros resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “A fé sempre prevaleceu, o homem é religioso por natureza”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeiros? **Resp.** “Sim”.

Algum relato especial: “Na infância, lembro-me de minha avó materna me levando em uma benzedeira, não lembro o motivo (se estava doente ou não), mas é uma memória afetiva que lembro e guardo com carinho”.

Benzido 02 - Ensino superior completo, 25 anos, mulher, reside em Ribeirópolis.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Nenhuma”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Curar/ retirar maldições ou pragas por meio de rezas e ervas.”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Durante a infância”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Doenças que não apresentavam explicação científica”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Frequentei apenas na infância”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Sensação de paz, tranquilidade mental”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Não sei responder, conheci apenas mulheres”.
8. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? **Resp.** “Benzedeiros: mau-olhado, ‘quebrante’. Médicos: patologias comuns”.
9. Como acha que a tradição das benzedeiros resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Pela fé e tradição; perpetuação cultural”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeiros? **Resp.** “Muitos não creem, preferem apenas tratamentos médicos”.

Algum relato especial: “Nenhum que eu lembre”.

Benzido 03 - Mestra, 41 anos, mulher, Psicóloga, reside em Aracaju.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Espírita”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “O dom é de Deus e quem benze é um instrumento”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Desde criança”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Problemas espirituais”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Quando necessito”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Calmaria, relaxamento”.

7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Para mim não há diferença”.
8. Quais problemas são para benzedeadas e quais são para médicos? **Resp.** “Problemas espirituais”.
9. Como acha que a tradição das benzedeadas resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Através da oralidade, da sua ancestralidade”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeadas? **Resp.** “Sim”.

Algum relato especial: “Não”.

Benzido 04 - cursando Ensino Superior, 31 anos, homem, reside no município de São Cristóvão.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Umbanda”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Dom nato”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeadas? **Resp.** “Minha vó me levou quando eu era criança”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeadas? **Resp.** “Limpeza energética”.
5. Com que frequência vai à benzedeadas? **Resp.** “Raramente”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Tranquilidade e sono”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Não”.
8. Quais problemas são para benzedeadas e quais são para médicos? **Resp.** “B = espirituais; M = Físicos”.
9. Como acha que a tradição das benzedeadas resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Com a força da cultura popular”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeadas? **Resp.** “Não”.

Algum relato especial:

Benzido 05 - cursando Ensino superior, 21 anos, mulher, reside em Ribeirópolis.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Agnóstica”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “É através da conexão e conhecimento da natureza”.

3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Desde bebê, minha avó e mãe me levavam”.
 4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Proteção, dores psicológicas e cuidado de animais”.
 5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Ia com mais frequência quando era mais nova”.
 6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Às vezes sono ou relaxamento”.
 7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Acho que não, entretanto só fui benzida por mulheres”.
 8. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? **Resp.** “Problemas de espiritualidade interna / Dores graves”.
 9. Como acha que a tradição das benzedeiros resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Graças à fé e à natureza que sempre mostram o quão é importante conhecer e cuidar dela”.
 10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeiros? **Resp.** “Sim, infelizmente, muitas. Quase toda paróquia cristã da minha cidade”.
- Algum relato especial: “Na época que meus cachorrinhos adoeceram eles só dormiam graças ao chá que uma benzedeira da minha cidade ensinou a fazer”.

Benzido 06 - Ensino Superior Completo, 47 anos, mulher, confeitadeira, reside em Ribeirópolis.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Católica não praticante”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “O dom vem de quem entende a natureza”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Quando tinha entre 6 e 7 anos de idade”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Conexão com espiritualidade”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Só fui até a adolescência uma vez por mês. Depois só em casos de doença”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Sentia alívio e relaxamento”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Não”.

8. Quais problemas são para benzedeadas e quais são para médicos? **Resp.** “Para as benzedeadas sobre problemas espirituais e para os médicos problemas de saúde mais graves”.
9. Como acha que a tradição das benzedeadas resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Por conta da fé das pessoas”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeadas? **Resp.** “Sim, alguns fanáticos religiosos”.

Algum relato especial: “Durante as sessões na minha infância eu tinha dois espíritos que me acompanhava e de acordo com meu avô eu tinha o dom, mas teria que dedicar minha vida à espiritualidade”.

Benzido 07 – Pós graduação, 30 anos, autônomo, homem, reside em Aracaju.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Católica”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Vejo como um ato de fé da benzedeadas e do benzido”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeadas? **Resp.** “Aos 5 anos de idade”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeadas? **Resp.** “Doenças”.
5. Com que frequência vai à benzedeadas? **Resp.** “Atualmente nenhuma”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Alívio e sensação de energias renovadas”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Não”.
8. Quais problemas são para benzedeadas e quais são para médicos? **Resp.** “As benzedeadas podem fazer casos médicos não procurarem o profissional adequado”.
9. Como acha que a tradição das benzedeadas resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Pela tradição”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeadas? **Resp.** “Sim”.

Algum relato especial:

Benzido 08 - cursando Ensino Superior, 28 anos, homem, reside em Aracaju.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Protestante”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Agir de espíritos maus e bons”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeadas? **Resp.** “Por volta de 2003”.

4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Na época diversos”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Não mais”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Eu não sentia nada”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Não”.
8. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? **Resp.** “Acredito que a cura pela fé é possível”.
9. Como acha que a tradição das benzedeiros resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Acredito que tenha se tornado algo cultural”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeiros? **Resp.** “Sim”.

Algum relato especial:

Benzido 09 - cursando Ensino superior, 20 anos, homem, reside em Ribeirópolis.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Católica”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Divino”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Desde muito pequeno, mãe sempre levou”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Sempre que estou doente e não é algo que a medicina resolva ou questão de energia”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Apenas nos casos citados acima”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Eu sinto uma energia positiva, na verdade muitas das vezes não sinto nada, mas cura”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Só conheço mulheres”.
8. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? **Resp.** “Benzedeiros são ‘olho gordo’, questão espiritual”.
9. Como acha que a tradição das benzedeiros resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Sim, resiste por ser uma tradição e como é passada de pai pra filho é algo que dificilmente vai acabar”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeiros? **Resp.** “Sim, parte da minha família”.

Algum relato especial:

Benzido 10 – Superior Completo, Psicóloga, 50 anos, mulher, reside em Aracaju.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Espírita”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Dom dado por Deus”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Foi na adolescência”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Segundo conhecidos eu estava com olhado, por estar doente sem que o tratamento fizesse efeito”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Fui apenas uma vez”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Não senti sensações, mas me curei”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Acredito que não, pois dom não escolhe sexo”.
8. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? **Resp.** “A benzedeira vem para auxiliar nas questões espirituais e os médicos para auxiliar nas doenças do corpo”.
9. Como acha que a tradição das benzedeiros resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.**
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeiros? **Resp.**

Algum relato especial:

Benzido 11 - Ensino Superior Completo, Professora, 38 anos, mulher, reside em Estância. Obs. Esta pessoa nunca foi benzida, mas inclui seus relatos, pois se prontificou em responder.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Nos moldes tradicionais, não tenho. Julgo que sou uma pessoa que acredita em Deus, em Jesus Cristo, no espírito Santo e em Nossa Senhora (mãe de Jesus). Mas também sou uma pessoa espiritualizada, acredito em energia e na espiritualidade”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Acredito que quem benze se beneficia da fé ou crença daquele que é benzido, pois este acredita na ação daquele que benze e por isso a ‘reza’ funciona”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Nunca fui numa benzedeira. Mas já vi uma benzedeira em Santo Amaro das Brotas e já ouvir

falar de uma mulher que mora no Augusto Franco e muita gente confia nela”.

4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Nunca fui numa benzedeira”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Nunca fui”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Não tenho como responder”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Não tenho como responder”.
8. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? **Resp.** “Acredito que as benzedeiros (assim como para as parteiras) elas perderam a credibilidade e a quantidade de pessoas que as procuravam, pois o atendimento médico avançou em todo o Brasil depois do surgimento do SUS. Para os médicos é difícil receitar medicamentos para aquelas pessoas que credibilizam mais a ação da benzedeira, isso torna o tratamento com medicamentos farmacêuticos mais demorado ou até mesmo inviável”.
9. Como acha que a tradição das benzedeiros resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Costume, culturas e crenças populares são aspectos difíceis de serem modificados numa sociedade. Parto desse princípio, mas acredito também que deve funcionar para aqueles que acreditam na ação das benzedeiros”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeiros? **Resp.** “Não sei se preconceito, mas muita gente já não acredita mais no poder de cura e proteção das benzedeiros”.

Algum relato especial: “Eu não acredito muito no poder de cura das benzedeiros, mas acredito na proteção que uma oração ou reza pode oferecer. Como acredito em energia e no poder das palavras acredito sim no poder de proteger ou até de rogar pragas. O meu pai acredita em benzedeiros”.

Benzido 12 - Ensino Superior Completo, Fisioterapeuta, 32 anos, mulher, reside em Aracaju.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Católica”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Através da fé”.

3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Quando criança/adolescente”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Devido a necessidade de cura de sintomas doentis”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Frequentava devido a necessidade”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Alívio de sintomas, tais como: fadiga, náuseas, mau estar”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Não”.
8. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? **Resp.** “Patologias: médicos. Fadigas, sobrecargas físicas e até mesmo espirituais: benzedores”.
9. Como acha que a tradição das benzedeiros resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Devido a sabedoria, experiência popular”.
10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeiros? **Resp.** “Sim. Confunde-se crenças religiosas”.

Algum relato especial: “Determinada benzedeira relatava acerca dos sintomas, pois, os mesmos, eram transferidos para seu corpo”.

Benzido 13 - Ensino Superior Completo, Fonoaudióloga, 42 anos, mulher, reside em Aracaju.

1. Qual a sua religião? **Resp.** “Nenhuma”.
2. Como explica o dom de quem benze? **Resp.** “Presente do sagrado para realizar o bem”.
3. Quando começou a frequentar a benzedeira? **Resp.** “Na infância”.
4. Quais motivos trazem você até a benzedeira? **Resp.** “Doenças recorrentes”.
5. Com que frequência vai à benzedeira? **Resp.** “Ia na infância quando ficava muito doente e com frequência”.
6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento? **Resp.** “Cura!”.
7. Há diferença entre mulher/homem que benze? **Resp.** “Não acredito que exista”.
8. Quais problemas são para benzedeiros e quais são para médicos? **Resp.** “Todos se referem/podem se referir aos dois”.

9. Como acha que a tradição das benzedadeiras resiste, mesmo com os avanços da medicina? **Resp.** “Porque os resultados delas podem nos privar de procurar os médicos”.

10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedadeiras? **Resp.** “Simmm. Representantes/líderes da igreja católica”.

Algum relato especial:

*

*

*

Nos relatos dos benzidos, por mais que tenham religiosidades diversas, crenças ou não crenças, pôde-se perceber respostas com padrões parecidos. Na primeira, obtivemos as seguintes respostas: Qual a sua religião? 1. Católica; 2. Nenhuma; 3. Espírita; 4. Umbanda; 5. Agnóstica; 6. Católica não praticante; 7. Católico; 8. Protestante; 9. Católico; 10. Espírita; 11. Nenhuma (com explicações); 12. Católica; 13. Nenhuma.

Religiosos ou não, os benzidos da amostra têm diversas maneiras de lidar com o sagrado, o que favorece perceber diferentes nuances e respalda o que várias benzedadeiras da nossa amostra disseram, quando afirmam que pessoas de todos os credos as procuram quando se encontram muito doentes e/ou ameaçados por males de difícil identificação.

Segunda questão: Como explica o dom de quem benze? 1. “Não há explicação, é algo sobrenatural”; 2. “Curar/retirar maldições ou pragas por meio de rezas e ervas.”; 3. “O dom é de Deus e quem benze é um instrumento”; 4. “Dom nato”; 5. “É através da conexão e conhecimento da natureza”; 6. “O dom vem de quem entende a natureza”; 7. “Vejo como um ato de fé da benzedeira e do benzido”; 8. “Agir de espíritos maus e bons”; 9. “Divino”; 10. “Dom dado por Deus”; 11. Acredito que quem benze se beneficia da fé ou crença daquele que é benzido, pois este acredita na ação daquele que benze e por isso a ‘reza’ funciona”; 12. “Através da fé”; 13. “Presente do sagrado para realizar o bem”.

Pôde-se nesta questão perceber a predominância da relação entre dom e fé ou elementos da espiritualidade ou da divindade. Também é percebida uma referência das benzedadeiras e seu domínio de utilização das ervas medicinais, quando se fala em conexão e/ou conhecimento da natureza. O Benzido 11, único que não é benzido, pois afirma nunca ter ido a uma benzedeira, cita uma das três facetas do que Lévi-Strauss

(1975) nos fala, a crença do doente que é curado (ainda temos a crença da benzedeira na eficácia de suas técnicas e a confiança da opinião coletiva).

Na terceira questão temos: Quando começou a frequentar a benzedeira? Respostas: 1. “Na infância”; 2. “Durante a infância”; 3. “Desde criança”; 4. “Minha mãe me levou quando eu era criança”; 5. “Desde bebê...”; 6. “Quando tinha entre 6 e 7 anos de idade”; 7. “Aos 5 anos de idade”; 8. “Por volta de 2023” – tinha 6 anos de idade; 9. “Desde muito pequeno...”; 10. “Foi na adolescência”. 11. Nunca foi; 12. “Quando criança/adolescente”; 13. “Na infância”.

Apenas uma, entre os benzidos, foi na adolescência. Todos os outros foram na infância. A maioria das nossas benzedeiros citou ou contou histórias de benzimentos em bebês e crianças. Podemos dizer, portanto, que a tradição de benzer com rezadeiras também é familiar, passada como ensinamento.

Na próxima questão temos: Quais motivos trazem você até a benzedeira? Respostas: 1. “Mal estar, falta de sono, cansaço físico”; 2. “Doenças que não apresentavam explicação científica”; 3. “Problemas espirituais”; 4. “Limpeza energética”; 5. “Proteção, dores psicológicas e cuidado de animais”; 6. “Conexão com espiritualidade”; 7. “Doenças”; 8. “Na época diversos”; 9. “Sempre que estou doente e não é algo que a medicina resolva ou questão de energia”; 10. “Segundo conhecidos eu estava com olhado, por estar doente sem que o tratamento fizesse efeito”; 11. Nunca foi; 12. “Devido a necessidade de cura de sintomas doentis”; 13. “Doenças recorrentes”.

Temos respostas que se assemelham pelo fato de que o nome de nenhuma doença é citado, apesar de que se encontravam doentes. Alguns nos trazem a referência de que eram doenças que a medicina não conseguiu ou conseguiria resolver. Outros falam em questões espirituais ou energéticas.

A seguir, se questionou com que frequência os benzidos vão às benzedeiros. A maioria só foi durante infância e adolescência. Os que ainda frequentam só o fazem quando sentem necessidade.

A próxima questão é central para este estudo: Quais sensações ou resultados sente/consegue após o benzimento? Respostas: 1. “Sensação de leveza”; 2. “Sensação de paz, tranquilidade mental”; 3. “Calmaria, relaxamento”; 4. “Tranquilidade e sono”; 5. “As vezes sono ou relaxamento”; 6. “Sentia alívio e relaxamento”; 7. “Alívio e sensação de energias renovadas”; 8. “Eu não sentia nada”. 9. Energia positiva, às vezes nada e cura; 10. Sem sensações mas se curou; 12. “Alívio de sintomas, tais como: fadiga, náuseas, mau estar”. 13. “Cura”.

Percebe-se claramente que a palavra cura aparece diversas vezes, mesmo quando o sujeito da amostra afirma não ter sensações. O outro sintoma físico que apareceu com certa frequência foi sono. Mas, para a questão crucial deste trabalho, a *promoção de saúde mental pelo benzimento*, a grande maioria dos benzidos relatam sensações que confirmam a promoção de Saúde Mental. Sempre efeitos e percepções subjetivas e características de quem busca qualidade de vida: relaxamento, alívio, calma, tranquilidade (inclusive foi dito tranquilidade mental – Benzido 02), leveza, energias renovadas.

Depois questionamos: Há diferença entre homem e mulher que benze? As repostas foram unânimes entre benzedores e benzidos. Não há diferença. A única ressalva que a amostra de benzidos faz é que grande parte deles só conhece mulheres que benzem. Esta questão respalda nossa preferência em contar e destacar as benzedoras, pois a tradição veio delas. Os homens só começaram a trabalhar com cura em tempos mais recentes e, ainda, aprenderam com suas mães e/ou avós, a exemplo dos benzedores de nossa amostra e das amostras de tantos ou outros trabalhos semelhantes, alguns presentes em nossa bibliografia.

Com relação à perpetuação da medicina popular, apesar dos avanços da medicina técnica, levantamos o seguinte questionamento: Quais problemas são para benzedoras e quais são para médicos? Respostas: 1. “Acredito que não há uma separação, em muitos casos, ambos podem trabalhar em conjunto”; 2. “Benzedoras: mal-olhado, quebrante. Médicos: patologias comuns”; 3. “Problemas espirituais”, suponho a referir-se a diferença entre as abordagens; 4. “B: espirituais. M: físicos”; 5. “Problemas de espiritualidade. Dores graves”; 6. Benzedoras: problemas espirituais, médicos: problemas graves de saúde; 7. “As benzedoras podem fazer casos médicos não procurarem o profissional adequado”; 8. “Acredito que a cura pela fé é possível”; 9. Benzedoras, questões espirituais; 10. Questões espirituais/doenças do corpo; 11. “Acredito que as benzedoras (assim como para as parteiras) elas perderam a credibilidade e a quantidade de pessoas que as procuravam, pois o atendimento médico avançou em todo o Brasil depois do surgimento do SUS. Para os médicos é difícil receitar medicamentos para aquelas pessoas que credibilizam mais a ação da benzedora, isso torna o tratamento com medicamentos farmacêuticos mais demorado ou até mesmo inviável”; 12. “Patologias: médicos. Fadigas, sobrecargas físicas e até mesmo espirituais: benzedores”; 13. “Todos se referem/podem se referir aos dois”.

É interessante que em uma amostra pequena, entre doze benzidos e um não benzido, apenas dois benzidos não faz a separação dualista cartesiana – já debatida – mente/corpo. Todos os demais, assim como a maioria das nossas benzedeadas, fazem distinção entre males espirituais e do corpo. O interessante é que também a maioria, nas duas amostras, com exceção do Benzido 11, demonstra que ambas as formas de cuidado devem ser unidas, não são excludentes uma da outra.

A declaração do Benzido 11 (não-benzido), mostra uma falta de conhecimento da defesa da união entre as medicinas, técnica e popular, inclusive com a inclusão dos benzimentos como Prática Integrativa de Saúde no SUS (Sistema Único de Saúde), defendido pela OMS³⁴. Vários postos públicos de saúde recebem as benzedeadas³⁵. Também é equivocada a informação dos Benzidos 7 e 11, quando compreendem que as benzedeadas podem incentivar as pessoas a não procurarem os tratamentos médicos adequados. Tanto em nossa amostra de benzedeadas como em outras amostras, elas incentivam a procura dos médicos, mesmo quando os próprios benzidos não acham necessário. Fora isso, as benzedeadas, como já visto, foram as percussoras da medicina natural no decorrer da história. Elas cuidam de problemas de saúde e sabem manejos de parto e desengasgo hoje utilizados na medicina técnica.

Ainda provocando esta temática, temos a penúltima pergunta: Como acha que a tradição das benzedeadas resiste, mesmo com os avanços da medicina? Respostas: 1. “A fé sempre prevalece, o homem é religioso por natureza”; 2. “Pela fé e tradição, perpetuação cultural”; 3. “Através da oralidade, da sua ancestralidade”; 4. “Com a força da cultura popular”. 5. “Graças a fé e a natureza, que sempre mostra o quão é

³⁴ Com base nas diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS) e sob olhar atento e respaldado, o Ministério da Saúde aprovou, através da **Portaria GM/MS no 971, de 3 de maio de 2006**, a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC). <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/pics/pnpic>

³⁵ Ainda não temos uma Lei Nacional, porém, várias de âmbito municipal:
<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2022/11/amp/5034675-benzedeadas-cumprem-importante-papel-na-saude-publica.html>
<https://redehumanizaus.net/92629-benzedeadas-sao-reconhecidas-como-agentes-de-saude/>
<https://portalrondon.com.br/2023/01/municipio-do-parana-reconhece-benzedeadas-como-agentes-de-saude-publica/>
<https://redeglobo.globo.com/rpctv/meuparana/noticia/2013/11/conheca-cidade-que-reconhece-benzedeadas-como-profissionais.html>
<https://portalrondon.com.br/2023/01/municipio-do-parana-reconhece-benzedeadas-como-agentes-de-saude-publica/>
https://www.almg.gov.br/atividade-parlamentar/projetos-de-lei/texto/?tipo=PL&num=2024&ano=2024&utm_source=WhatsApp&utm_medium=Btn-Compartilhar&utm_campaign=Compartilhar

importante cuidar dela”; 6. “Por conta da fé das pessoas”; 7. “Pela tradição”; 8. “Acredito que tenha se tornado algo cultural”; 9. “Sim, resiste por ser uma tradição e como é passada de pai para filho é algo que dificilmente vai acabar”; 10. Não respondeu; 11. “Costume, culturas e crenças populares são aspectos difíceis de serem modificados numa sociedade. Parto desse princípio, mas acredito também que deve funcionar para aqueles que acreditam na ação das benzedeadas”; 12. “Devido a sabedoria, experiência popular”; 13. “Porque os resultados delas podem nos privar de procurar os médicos”.

Há palavras/expressões importantes que merecem destaque depois de tudo que já foi exposto em termos de medicina popular. Também se levarmos em consideração as origens e desenvolvimento das práticas de cura das benzedeadas: tradição, costume, fé, cultura, experiência, sabedoria, ancestralidade, resultados – me lembrou Guerriero (2003), quando nos diz que se ainda procuram os magos, é porque há bons resultados.

Para encerrar o questionário, puxamos a temática do preconceito. Com isso, queríamos saber o quanto ainda há de desinformação a respeito, não só das práticas das benzedeadas, mas para fazer referência ao preconceito religioso perpetuado, até mesmo, como visto, entre elas próprias. Perguntamos: Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeadas? 1. “Sim”; 2. “Muitos não creem, preferem apenas tratamentos médicos”; 3. “Sim”; 4. “Não”. 5. “Sim, infelizmente muitos. Quase toda paróquia cristã da minha cidade”; 6. “Sim. Alguns fanáticos religiosos”; 7. “Sim”; 8. “Sim”; 9. “Sim, parte da minha família”; 10. Não respondeu; 11. “Não sei se preconceito, mas muita gente já não acredita mais no poder de cura e proteção das benzedeadas”; 12. “Sim. Confunde-se crenças religiosas”; 13. “Simmm. Representantes/líderes da igreja católica”.

Com esta quase unanimidade, facilmente percebemos a marcante presença do preconceito religioso e a falta de conhecimento da medicina popular e sua importância na constituição da medicina técnica e complementação para a saúde pública.

Encerramos verdadeiramente com um espaço destinado a uma fala mais livre dos benzidos (algum relato especial), com a liberdade de abstenção. Não consideramos a respostas “não”, nem as que foram deixadas em branco. Obtivemos: 1. Relata uma memória pessoal e afetiva que considerou importante; 5. Citou uma situação de cura de seus animais de estimação; 6. Descreveu uma experiência particular referente a sua crença; 11. “Eu não acredito muito no poder de cura das benzedeadas, mas acredito na proteção que uma oração ou reza pode oferecer. Como acredito em energia e no poder

das palavras acredito sim no poder de proteger ou até de rogar pragas. O meu pai acredita em benzedeadas” – sua fala é marcada realmente pela inexperiência com o benzimento, visto que orações, rezas e crença no poder das palavras fazem parte do repertório das benzedeadas; 12. “Determinada benzedeadas relatava acerca dos sintomas, pois, os mesmos, eram transferidos para seu corpo” – fala muito interessante, pois este fenômeno não foi referido na literatura pesquisada e nem nas falas da nossa amostra de rezadeiras³⁶. Pode render em pesquisas posteriores.

Em uma das minhas visitas, como citei, mais precisamente à Benzedeadas 03, alguém que me acompanhava comentou que eu estava sofrendo com uma enxaqueca há pelo menos três semanas – o que era verdade. Prontamente ela se ofereceu para me benzer, para cuidar de mim.

Aceitei o benzimento – conhecido como **sol e sereno**. Ela foi dentro de sua casa e retornou com uma garrafa pequena cheia de água e um pano muito branquinho com um cheiro bom, que logo identifiquei como alfazema. Fez dobraduras com o pano, tampou a boca da garrafa com o mesmo e a entornou no alto da minha cabeça sem deixar vaziar... fez suas rezas e, ao final, como *magia* – até porque a água na garrafa borbulhava durante o ritual – não sentia mais nenhuma dor... e assim permaneci por semanas.

Os métodos de benzimento podem variar bastante, mas, observando o fenômeno “de dentro”, desde a lógica do outro, podemos nos conectar com a lógica do fenômeno estudado. Assim como vimos em Bastide (1983). Ele afirma sobre a necessidade de, ao menos momentaneamente, nos transformarmos naquilo que estudamos indo além e nos conectando à essência daquilo que está sendo analisado.

³⁶ Apenas uma das benzedeadas procuradas negou-se a nos conceder entrevista, por afirmar que adoeceu e foi aconselhada (não informou por quem), a não benzer mais. Será que se encaixaria num destes casos, em que sintomas de benzidos podem ser transferidos para a benzedeadas?

5. Considerações Finais

Com a intenção de curar males ou buscar cuidados que, acreditam, a medicina técnica nem sempre dá conta de atender, as pessoas ainda procuram as benzedeadas. Fato constatado por nosso estudo. Algumas vezes também procuram por reikianas, kardecistas e mães-de-santo. A importância de estudos e pesquisas assim está no aprofundamento em um assunto bastante pertinente à saúde pública, principalmente na educação popular de várias comunidades. O objetivo é identificar os saberes e práticas das benzedeadas e demais curandeadas no preocupar-se com a saúde, proporcionando a seus adeptos melhoras, qualidade de vida e, conseqüentemente, promoção de saúde mental.

Como já foi dito, como Psicóloga Clínica tanto na capital sergipana como numa cidade do interior do Estado, sempre ouvi de muitos pacientes que há males que a medicina não consegue compreender. Inclusive males espirituais. A espiritualidade não se separa do ser humano, nem mesmo quando se diz descrente. É uma faceta que, assim como a genética, as emoções e percepções, a cultura e o meio social em que vivem, o constituem.

Os benzidos ressaltaram que após o atendimento com estas mulheres, cujos dons espirituais são sempre notados, encontram cura e alívio para muitos males. Conseqüentemente, a vontade de investigar estes fenômenos serviu de inspiração para a criação deste estudo, bem como as nuances que foi adquirindo até chegarmos na pesquisa de campo. Quando chegamos ao campo, me deparei com um universo ainda mais rico do que aquele encontrado na literatura.

No povoado quilombola Mussuca, por exemplo, em Laranjeiras, descobri através de relatos das benzedeadas e de um morador do local, que nos acompanhou, que em praticamente todas as famílias dali tem benzedeadas. Também, neste mesmo local, descobri a “especialização” das benzedeadas, ou seja, algumas delas foram designadas e reconhecidas por benzer determinados tipos de males. Algumas tratam apenas de crianças, uma das nossas entrevistadas apenas de males da pele, algumas só benzem mau-olhado e muito mais. Campo riquíssimo para novos estudos.

Uma questão crucial que encontrou validação com nossa pesquisa de campo – a promoção de saúde mental pelo benzimento – foi confirmada. A grande maioria dos

benzidos relatam sensações que confirmam a promoção de Saúde Mental. São efeitos e percepções subjetivas e características daqueles que buscam qualidade de vida: relaxamento, alívio, calma, tranquilidade (tranquilidade mental – Benzido 02), leveza, energias renovadas. Mesmo que muitos hoje questionem a eficácia do benzimento ou dom das benzedadeiras, nos depoimentos que coletamos o respeito e a admiração que os benzidos relatam diante das curas realizadas, deixam para trás qualquer tipo de ceticismo ao fenômeno em si.

Apesar de, a princípio, encontrarmos dificuldade em localizar benzedadeiras, quando o conseguimos, parecia que um véu saía de nossos olhos, e elas foram surgindo... tivemos até que limitar a quantidade da amostra, porque se continuássemos, teríamos referências de muitas e muitas outras, indicadas por elas e por benzidos. Esse fator é muito importante para a continuidade destes estudos, inclusive para que se realize um mapeamento das pessoas que abraçaram tal ofício, em nosso Estado.

Foi imprescindível também, no presente estudo, entender a trajetória histórica destas mulheres, para que sua importância ganhe ainda mais força, além daquela que encanta os benzidos, pelos mistérios que envolvem o que é místico, o que é sagrado. É importante por mostrar que métodos de cura e cuidado foram perpetuados, ressignificados e renomeados, para se adaptarem ao longo da história e a demandas sociais. Legado que passou de avós, mães e toda uma ancestralidade pela educação oral. Recebam elas, em tempos e cenários diversos, títulos de bruxas ou de benzedadeiras, mas são mulheres cheias de empatia e amor ao cuidar-do-outro, quando se propõem a curar.

Como foi confirmado por alguns autores na literatura histórica das relações entre o feminino, o sagrado e as práticas de cura – não se levando em consideração referências a religiosidades pagãs - benzedadeiras e bruxas, ao trabalharem com cura, tornam-se muito próximas antes e hoje. Infelizmente a palavra bruxa e também a palavra curandeira ganharam conotações muito negativas com a Inquisição instituída pela Igreja Católica, perpetuada por ela e por outras vertentes cristãs.

Práticas de cura indígenas também são desacreditadas por alguns. Religiões de Matriz Africana, em suas práticas e origens, também foram demonizadas ao longo do tempo e, ainda hoje, seus adeptos sofrem com o racismo e a intolerância religiosa. Também a cura, a medicina popular, o manejo anatomista (com engasgos e partos, por exemplo) desenvolvidos pelas mulheres que curavam, foram e são alvo de descrédito por parte de pessoas que se dizem defensoras da ciência e do cristianismo, até bem pouco tempo atrás (para alguns, ainda hoje).

Felizmente, aos poucos, a medicina popular e a científica começam a formar um todo, onde todos têm a ganhar. Afinal, são medicinas que devem caminhar lado a lado. Medicinas tradicionais estão sendo integralizadas oficialmente à Saúde Pública Oficial. As medicinas tradicionais, complementares e integrativas (MTCI) – denominação utilizada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) – se referem a um extenso grupo de práticas de atenção à saúde, baseado em teorias e experiências de distintas culturas utilizadas para promoção da saúde, precaução e recuperação, considerando, como dito, o ser integral em todas as suas dimensões.

As MTCI fazem parte de um admirável modelo de cuidado à saúde e em muitos países é a principal oferta de serviços à população. Em outros, a forma de inserção nos sistemas de saúde acontece de forma complementar ao sistema convencional. Como é o caso do Brasil, que possui legislação e/ou normas próprias para a regulamentação das MTCI.

Quanto à medicina tradicional, como visto, possui uma vasta história, rica em tradições e caráter ancestral. Dá-se a partir de uma gama de capacidades, conhecimentos adquiridos e, especialmente, de práticas que se baseiam em crenças e experimentos de culturas diversas, explicadas ou não por métodos científicos atuais, que segundo a OMS, ajudam na prevenção, manutenção, diagnóstico e tratamento de doenças físicas e mentais³⁷. Procurar pelas benzedeadas é uma prática historicamente reconhecida. Muitos as procuram antes mesmo de procurar aos postos de saúde. Mas, elas não desencorajam as pessoas a procurarem aos médicos (onde há disponibilidade de médicos).

Os benzedeadas costumam relatar bem estar, colocando, através da fé no poder de cura delas, todos os créditos pelo auxílio recebido, daí pode ser estabelecida também uma relação entre cura e sagrado. Apresentando enfoque qualitativo, visamos compreender como as mulheres, que trabalham com benzedeadas, rezas e chás, são reconhecidas pelas pessoas que as procuram como detentoras de um poder sempre relacionado ao sagrado.

Estudar as benzedeadas e suas práticas atendeu a uma linha de pesquisa que perpassou pela Psicologia da Religião, também um método empírico relacionado ao existencialismo fenomenológico. Atendeu, ainda, a uma linha com exploração metodológica característica de movimentos e tradições religiosas no contexto sócio

³⁷ Fonte <https://www.paho.org/pt/topicos/medicinas-tradicionais-complementares-e-integrativas>

histórico no Brasil. Neste caso, o estudo das benzedeadas/rezadeadas e a manutenção de práticas populares de cura, como modo de cuidado, em Sergipe.

Também atendeu ao objetivo de investigar processos e práticas religiosas e da religiosidade popular, com especial atenção em suas particularidades e processos integrais. Acompanhar a ligação entre as origens das práticas das benzedeadas, principalmente as oriundas do catolicismo popular no Brasil, e sua aceitação pela comunidade, também contribuiu na classificação de algumas práticas populares como complementares ao Sistema Público de Saúde.

Há também que se considerar a importância de um estudo de campo de tal natureza em Sergipe. Encontramos alguns em cidades específicas ou com benzedeadas/benedores particulares. Como de hábito, novos estudos sempre são possíveis diante de um tema tão especial. Poder-se-á apontar novos rumos da pesquisa bem como confirmar ou contrapor suas hipóteses.

Um estudo interessante poderia ser desenvolvido com ex-benedeadas. Quais motivos as afastaram de seu ofício? Encontramos uma em nossa caminhada. A própria filha nos garantiu que ela era benzedeadas e nos disse para retornarmos em sua casa após o almoço, vez que a mãe estaria lá. Assim o fizemos e a senhora nos falou que foi aconselhada por seu médico a não benzer mais, pois estava sofrendo dos nervos e o ofício piorara seu estado. São muitas e encantadoras possibilidades deste universo que tivemos o prazer de conhecer tão de perto.

As benzedeadas, neste projeto, foram ouvidas. Sentiram-se também acolhidas por nosso interesse em ouvi-las. Elas representam a voz abafada de suas antecessoras. Ouvindo-as, pudemos entender suas estratégias de resistência ao sistema vigente. Ajudou-nos a vislumbrar formas diversas de organização social, sustentadas pela oralidade.

Estudar as benzedeadas é dar voz a uma minoria com muitas ramificações. São mulheres, mulheres sábias, mulheres que curam, mulheres negras, indígenas, místicas, de diversas religiosidades. Mulheres que perpetuaram, desde suas ancestrais, seus dons e conhecimentos atravessando a história, com diversos cenários políticos e sociais onde seus papéis públicos foram/são devidamente adestrados e coagidos. Mas elas resistem, ressignificando e adequando seus saberes.

Por meio deste estudo foi possível perceber que as mulheres que benzem e seu ofício tão rico e diverso apresentam um campo de pesquisa que tece uma harmoniosa e elaborada sinfonia, que interliga instrumentos precisos como a História, a Psicologia, as

Ciências da Religião, a Medicina, a Antropologia... o místico, o sagrado, o profano, a sabedoria passada e perpetuada pela ancestralidade feminina. Homens também, hoje, ajudam a perpetuar essa música – reza, benzeção – com a qual suas mães e avós os acalentaram.

Retomando a música que recebemos de presente de duas de nossas benzedeadas (ver *Epígrafe*), e ressaltando o cuidar como característica primordial do ser humano (Alves, 2017), bem como a pedagogia ancestral (Priori, 2011), relembremos o coro que reforça os discursos aqui encontrados:

Escuta...
Acolhe...
Que o *outro* e a *outra* já vem...
Escuta...
Acolhe...
Cuidar do outro faz bem...
Cuidar do outro faz bem...
Desde o tempo em que eu nasci,
Uma coisa eu aprendi:
Cuidar de mim é cuidar do outro,
Cuidar do outro é cuidar de mim...
Cuidar de mim é cuidar do outro,
Cuidar do outro é cuidar de mim...
(Benzedeadas da nossa amostra durante uma das entrevistas).

Teorizar sobre benzedeadas e saúde mental foi um debruçar-se sobre livros, autores e artigos que respaldaram brilhantemente a pesquisa de campo que viria depois. Mas, estar em campo foi ainda mais esclarecedor e pedagógico. Foi ouvir de praticantes e adeptos de tal medicina popular sobre uma realidade pulsante e viva, apesar do descrédito de alguns. Os ramos de plantas encontrados nas mãos das benzedeadas e as orações e benzimentos que são proferidas por elas são o grande símbolo vivo de seus ofícios. Incontestável magia de cura.

6. Referências

ALMEIDA, Flávio Aparecido de. **Perspectivas da psicologia da religião no que se refere ao estudo da religiosidade / espiritualidade**, 2019. <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1338.pdf>

ALVES, Maria Jeane dos Santos. **Terapêutica popular: a cura enquanto modo de cuidado**. Alagoas: Editora CESMAC, 2017.

ARÁDIA, Helena d'. **Pés descalços do sagrado feminino: uma breve linha do tempo do feminino na história**. Rio de Janeiro: Memória Visual, 2018.

ARAÚJO, Fabiano Lucena de. **Representações de doença e cura no contexto da prática popular da medicina: estudo de caso sobre uma benzedeira**. Caos – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 18, p. 81-97, set., 2011.

AZEVEDO, Gilson Xavier, LEMOS, Carolina Teles. **As benzedeadas na tessitura da cultura, religião e medicina populares**. Goiânia: Agbook, 2018).

BARROS, Cristiane do Amaral de; BONFATTI, Paulo Ferreira. **Psicologia Da Religião: Reflexões**. REVISTA PSIQUE, Juiz de Fora, v.1, n.1, p.70-85, jan./jul. 2016.

BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As Deusas, as Bruxas e a Igreja: séculos de perseguição**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 2001.

BORGES, Rosane Ribeiro. **Uma análise no feminino artes e ofícios de cura: benzedeadas e parteiras de Ituiutaba 1950/2006**. 2007. 29 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Prece e Benção: espiritualidades religiosas no Brasil**. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2009.

CALHEIROS, Karla Rachel Jarsen de Melo. **A cura através da fé: um olhar sobre as benzedeadas/rezadeiras alagoanas**. Universidade Federal de Alagoas. IX Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio Belo Horizonte/MG, 2017.

CÂMARA, Yls Rabelo. **A cura por meio da benção feminina: um estudo de caso com uma rezadeira de fortaleza**. Revista do GELNE, v. 22, número 2. Universidade Estadual do Ceará, 2020. <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/19836/13379>

CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Etnografia em grupos religiosos: relativizar o absoluto**. TOMO (Revista do Núcleo de Pós-Graduação e Ciências Sociais da Universidade Federal de Sergipe) – São Cristóvão/SE, Nº 14, jan./jun. 2009.

CASTRO, Maria da Graça de; ANDRADE, Tânia M. Ramos; MULLER, Marisa C. **Conceito mente e corpo através da história**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 1, p. 39-43, jan./abr. 2006.

CAVALCANTE, Joel Martins; CHAGAS, Waldeci Ferreira. **As mulheres benzedeadas: entre o sagrado, a saúde e a política**. Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. II Seminário Nacional Gênero e Práticas Culturais: Culturas, leituras e representações. Disponível em: <http://itaporanga.net/genero/gt1/3.pdf>. Acesso em vol 5. 2013.

CORAZZA, Luiz Fernando Gomes. **Diálogos da psicologia analítica: espiritualidade na contemporaneidade**. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

ELIADE, Mircea, **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____, Mircea, **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da idade média aos dias atuais**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GADAMER, Hans-Georg. **O caráter oculto da saúde**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. **O que é Ciência da Religião?** Trad. Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

GUERRIERO, Silas. **A magia existe?** São Paulo: Paulus, 2003.

_____, Silas; LEITE, Ana Luisa Proserpi; BEIN, Carlos; MENDIA, Fabio; STERN, Fábio Leandro; MARTINS, Leonardo. **Concepções de saúde, cura e doença no ethos nova era: um estudo piloto entre terapeutas holísticos de São Paulo e Florianópolis**. Revista Caminhos, Goiânia, v. 18, n. 1, p. 106-119, jan./abr. 2020.

HEBERLÊ, Mariluz Oliveira. **Um estudo da concepção dos profissionais de saúde sobre as práticas integrativas e complementares em saúde**. Universidade Federal De Santa Maria - centro de ciências sociais e humanas programa de pós-graduação em ciências sociais. Santa Maria, 2013.

HUTTON, Ronald. **Grimório das bruxas**. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.

JAMES, William. **Variedades da experiência religiosa – um estudo sobre a natureza humana**. São Paulo: Editora Cultrix, 1991.

JUNG, C. J. **Psicologia e Religião**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2011.

_____, C. J. **Espiritualidade e transcendência: seleção e edição de Brigitte Dorst**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2015.

KRAMER, H.; SPRENGER, J. (Tradução de Paulo Fróes). **O Martelo das Feiticeiras: Malleus Maleficarum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

LÉVI-STRAUSS. Claude. **O feiticeiro e sua magia**. In Antropologia Estrutural [Cap. IX]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 193-213.

LISBOA, Maria Beatriz. **Intuição e arte de curar: pensamento e ação na clínica médica.** Revista Medicina Integral. cited 02 November 2002], 1998. Available from World Wide Web: <http://www.bapera.com.br/REVISTA/medicina_integral.

MASSIH, Eliana. **O agir terapêutico: um modo possível de cuidar.** São Paulo: Cortez Editora, 2000.

MIRANDA, P. C. G. **Jung e a religião.** Self, v. 4, n.8, 31 p., 2019.

MORAIS, Maria João Moreira de. **Saberes e poderes que só às mulheres pertencem.** Actas do VIII Congreso Internacional de Estudos Galegos. Mulleres em Galicia. Galicia e os Outros Pobos da Península, p. 477-486, Barcelona, 2007.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Eu te benzo, eu te livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção.** MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11(29), 2011 – JAN / JULHO Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394 Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme> Acesso em 07/03/2024.

NATEL, Rejane Maria Gomes Leite. **O curador ferido: mito e formação junguiana.** Curitiba: Appris, 2019.

NAVA, Pedro. **Capítulos da História da Medicina no Brasil.** Revista médico-cirúrgica do Brasil, Rio de Janeiro, nº1, ano XI, 1949.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. **O que é benzeção.** São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, José Erivaldo Simões de. **Rezadeiras de Itabaiana/SE: entre herança cultural, a modernidade e os rituais de cura.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2014.

PAIVA, J. G. **Psicologia e espiritualidade.** Revista Magis - Cadernos de fé e cultura (47). Julho, 2005.

PALMER, Michael. **Freud e Jung sobre a Religião**. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2001.

PIERONI, Geraldo; MARTINS, Alexandre. **Heréticas à margem: os estabelecidos inquisidores e as bruxas outsiders**. Revista *Ágora - Vitória* - n. 26, 2017. P. 65-77 - ISSN: 1980-0096.

PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PRIORE, Mary Del. **Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000**. São Paulo: Planeta, 2020.

RIBEIRO, Maria Goretti. **O arquétipo da deusa na vida, na cultura e na arte literária**. Graphos. João Pessoa, v. 10, n. 1, 2008 – ISSN 1516-1536.

RIBEIRO, O. L. **Teorias (e quase teorias) da religião: um olhar descritivo**. Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v.17, n.53, p. 723, 31 ago. 2019.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. (Tradução de Álvaro Cabral e William Lagos). **História da Bruxaria**. 2 ed. São Paulo: Editora Aleph, 2019.

SANTOS, Francimário Vitor dos. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzetas/RN**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade do Rio Grande do Norte, UFRN, 2007.

SANTOS, Thiago Lima dos. **Pajelança: religião e sociedade no século XIX e XX**. 29^a Reunião Brasileira de Antropologia, Natal, p. 1-19, 2014.

SILVA, Bárbara Amaral da. **De deusas a bruxas: um estudo introdutório sobre a relação (conturbada) entre mulheres e religião ao longo da história.** Curitiba: Brasil Publishing, 2019.

SOARES, Tatiana Alves. **Loucas, santas, hereges: faces femininas em Agustina Bessa-Luís.** *Metamorfoses*, Rio de Janeiro, vol. 16, número 2, p. 76-88, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35520/metamorfoses.2019.v16n2a38188>.

SOUSA, Wanna Célli da Silva. **Cura, saberes e modos de vida na prática do curandeirismo em Bragança-Pa.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia, Bragança, 2014.

SOUZA, Laura de Melo e. **Deus e o Diabo na Terra de Santa Cruz.** São Paulo: Companhia das Letras, 1982.

TEIXEIRA, Faustino. MENEZES, Renata (orgs.). **Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VON FRANZ, Marie L. **Psicoterapia.** São Paulo: Paulus, 2004.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto.** Campinas: Temática, ago/dez 2014.

WOOLGER, Jennifer Barker. Roger J. WOOLGER. 1994. *A deusa interior.* Tradução de Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix.

ANEXOS

Anexo 01 – Benzedeadas

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Benzedeadas e Benzidos: Processos de Cura e promoção de Saúde Mental através do Benzimento

Identificação

Nome:

Idade:

Sexo:

Profissão:

Escolaridade:

Para as Benzedeadas:

1. Qual a sua religião?

2. Como explica seu dom?

3. Faz indicação de chás, banhos de ervas ou rezas?

4. Existe diferença entre rezadeira, benzedeadas e curandeadas? Como gosta de ser identificada?

5. Como você se tornou benzedeadas? Havia outras pessoas que benziam na sua família?

6. Você já ensinou benzimento para alguém? O que é necessário para alguém tornar-se benzedeadas?

7. É importante ser mulher para atuar com cura e benzimentos?

8. Sofre ou já sofreu algum tipo de preconceito por ser benzedeadas?

9. Quais os problemas de saúde que você mais cuida?

10. Como as pessoas chegam até você? E como elas saem?

11. Como manter a tradição de benzedeira com os avanços da medicina?

12. Quais problemas são para benzedeadoras e quais são para médicos?

Algum relato especial: _____

Anexo 02 – Benzidos

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

Benzedeadas e Benzidos: Processos de Cura e promoção de Saúde Mental através do Benzimento

Identificação

Nome:

Idade:

Sexo:

Profissão:

Escolaridade:

Para os Benzidos

1. Qual a sua religião?

2. Como explica o dom de quem benze?

3. Quando começou a frequentar a benzedeadas?

4. Quais motivos trazem você até a benzedeadas?

5. Com que frequência vai à benzedeadas?

6. Quais sensações ou resultados sente/consegue após a benzimento?

7. Há diferença entre mulher/homem que benze?

8. Quais problemas são para benzedeadas e quais são para médicos?

9. Como acha que a tradição das benzedeadas resiste, mesmo com os avanços da medicina?

10. Conhece pessoas que tenham preconceitos com as benzedeadas?

Algum relato especial: _____

Anexo 3 – Termo de Consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
RELIGIÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: **Benedeiras e Benzedos: Processos de Cura e promoção de Saúde Mental através do Benzimento**

Pesquisador Responsável: **Wanusa Almeida Menezes**

Orientadora: **Dra. Maria Jeane dos Santos Alves**

Local onde será realizada a pesquisa: Aracaju, São Cristóvão, Barra dos Coqueiros, Ribeirópolis, Itabaiana e outras cidades.

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa porque atua como benzedeira/tem algum tipo de experiência com uma benzedeira. Sua contribuição é muito importante, mas não deve participar contra a sua vontade.

Esta pesquisa será realizada porque **A importância de estudos e pesquisas como esta está no aprofundamento em um assunto bastante pertinente à saúde pública, principalmente na educação popular de várias comunidades de pequenas e grandes cidades.**

Os objetivos dessa pesquisa são **O objetivo é identificar os saberes e práticas das benzedeadas e demais curandeadas no preocupar-se com a saúde, proporcionando a seus adeptos melhoras e qualidade de vida. Também é imprescindível que se entenda a trajetória histórica destas mulheres, para que sua importância ganhe ainda mais força, além daquela que encanta os benzedos, pelos mistérios que envolvem o que é místico, o que é sagrado.**

Os participantes da pesquisa são **mulheres que sejam benzedeadas e pessoas atendidas por elas.**

Antes de decidir, é importante que entenda todos os procedimentos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos envolvidos nesta pesquisa.

A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, você poderá solicitar mais esclarecimentos, recusar-se ou desistir de participar sem ser prejudicado, penalizado ou responsabilizado de nenhuma forma. Caso você não queira participar, você não será penalizado por isso.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Wanusa Almeida Menezes, no telefone celular (79) 99134-1595 e-mail nusa_psi@hotmail.com wanusapsi@academico.ufs.br.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe. “O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos” (Resolução CNS nº 466/2012, VII. 2).

Caso você tenha dúvidas sobre a aprovação do estudo, seus direitos ou se estiver insatisfeito com este estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, situado na Rua Cláudio Batista s/nº Bairro: Sanatório – Aracaju CEP: 49.060-110 – SE. Contato por e-mail: cep@academico.ufs.br. Telefone: (79) 3194-7208 e horários para contato– Segunda a Sexta-feira das 07:00 as 12:00h.

Todas as informações coletadas neste estudo serão confidenciais (seu nome jamais será divulgado) e utilizadas apenas para esta pesquisa. Somente nós, o pesquisador responsável e/ou equipe de pesquisa, teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo.

Para maiores informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a **Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa** elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que está disponível no site:

http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf

Caso você concorde e aceite participar desta pesquisa, deverá rubricar todas as páginas deste termo e assinar a última página, nas duas vias. Eu, o pesquisador responsável, farei a mesma coisa, ou seja, rubricarei todas as páginas e assinarei a última página. Uma das vias ficará com você para consultar sempre que necessário.

O QUE VOCÊ PRECISA SABER:

- ✓ DE QUE FORMA VOCÊ VAI PARTICIPAR DESTA PESQUISA: **Respondendo a um questionário simples, falando sobre sua experiência com benzimento.**
- ✓ RISCOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA: **Não conseguir voluntários suficientes para dar prosseguimento à pesquisa.**
- ✓ BENEFÍCIOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA: **Contribuir com estudo em saúde popular e tradições importantes.**
- ✓ PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE: **Dados pessoais, gravações de voz, imagens ou respostas de questionários - serão utilizados em publicações científicas de forma que serão garantidas a privacidade e a confidencialidade, não permitindo a identificação do participante.**
- ✓ ACESSO A RESULTADOS DA PESQUISA: **Todos os participantes podem acessar a pesquisa e buscar orientações para este fim com o pesquisador e instituição responsável.**
- ✓ CUSTOS ENVOLVIDOS PELA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA: **Você não terá custos para participar desta pesquisa; A pesquisa também não envolve compensações financeiras, ou seja, você não poderá receber pagamento para participar.**

Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em participar desse estudo como voluntário(a). Fui informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, li, ou foram lidos para mim, os procedimentos envolvidos, os possíveis riscos e benefícios da minha participação e esclareci todas as minhas dúvidas.

Sei que posso me recusar a participar e retirar meu consentimento a qualquer

momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Autorizo o uso dos meus dados de pesquisa sem que a minha identidade seja divulgada.

Recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome _____ do(a)
participante: _____

Assinatura: _____ local e

data: _____

Declaração do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada, esclarecida e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo. Entreguei uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim ao participante e declaro que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome _____ do _____ Pesquisador _____ Responsável:

Assinatura: _____

Local/data: _____

Assinatura Datiloscópica (quando não alfabetizado)